This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

Vet. Port. II. A. 14

TAYLOR INSTITUTION

DOMINUS ILLUMINATIO MEA

275 b. 35

Denis Florence MacCarthy.

L. 9.
5W!

CHRONICA
DOS FEYTOS, VIDA, e morte do Infante ſanto
D. FERNANDO,
QUE MORREO EM FEZ.

CHRONICA
DOS FEYTOS, VIDA, E
morte do Infante ſanto
D. FERNANDO,
QUE MORREO EM FEZ.

REVISTA, E REFORMADA agora de novo pelo Padre Fr. Jeronymo de Ramos da Ordem dos Prégadores.

DEDICADA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

DUQUE DO CADAVAL,

Eſtribeyro mòr &c.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES.

M. DCC. XXX.

Com todas as licenças neceſſarias.

Terceyra impreſſaõ feyta à cuſta de Joaõ Rodrigues mercador de livros ás portas de Santa Catharina.

LIBRARY OF THE TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
22 JAN 1936
OF OXFORD

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

DUQUE DO CADAVAL

Eſtribeyro mòr &c.

TEndo-ſe feyto tão raras as duas edicçoens da pequena Chronica do ſanto Infante Dom Fernando, que apenas ſe acha hoje de

alguma exemplar antigo; e ſendo a ſua liçaõ naõ menos deleytavel aos eſpiritos piamente heroicos, que ſagradamente glorioſa na fama a ſua noticia para os Faſtos Portuguezes; aſſim pela catholica varonil conſtancia, com que eſte virtuoſo, e perfeyto Principe em teſtemunho da fé, e manutençaõ da eſpiritual conquiſta da Igreja, ſacrificou a Deos a propria liberdade, e innocente vida, entre os duros grilhoens, e crueis injurias dos barbaros de Africa; como tambem pelas admiraveis, e portentoſas maravilhas, com que reſplandeceo depois da morte; nellas teſtificando o meſmo Ceo a coroa immortal, que lá lhe laurèa o ſeu triunfo; me determiney a mandar reimprimir a dita Chronica. E conſiderando juntamente eu, debayxo de que feli-

ciſſi-

cissimos auspicios devia sair à publica luz esta terceyra edição, que em nada tivesse que envejar ao patrocinio da segunda, dedicada ha cento e cincoenta e tres annos ao Serenissimo Cardeal Infante D. Henrique; se me avultou ao pensamento a excellentissima pessoa de V. Excellencia, em cujas preclarissimas generosas veas se anima transfuso o mesmo real augusto sangue de hum, e outro santo, e purpurado Herôe. Digne-se pois V. Excellencia de querer admittir benignamente à illustrissima sombra da sua poderosa protecção o humilissimo obsequio, com que me atrevo a autorizar este meu designio, consagrando-o ao excellentissimo nome de V. Excellencia, que por tantos soberanos titulos, e esclarecidas qualidades he

res-

respeytado no mundo entre a Jerarquia da primeyra grandeza dos mayores.

Excellentissimo Senhor,

O minimo criado de V. Excellencia

João Rodrigues.

LICENÇAS

Do Santo Officio.

PO'de-se tornar a imprimir a Chronica do Infante D. Fernando; e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá, Lisboa Occidental o 1. de Junho de 1728.

Fr. R. Lancastre. Cunha. Teyxeyra. Silva.

Do Ordinario.

POde-se tornar a imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tor-

tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 9. de Agosto de 1728.

Gouvea.

Do Paço.

CENSURA DO REVERENDISSIMO Padre Mestre Fr. Lucas de Santa Catharina, Academico da Academia Real, Chronista da Religiaõ de S. Domingos, &c.

SENHOR.

Vi o livro, de que trata a petiçaõ inclusa, e em nada se oppoem ao real serviço de V. Magestade. S. Domingos de Lisboa Occidental em 25. de Agosto de 1728.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

Que

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à mesa para se conferir, e tayxar, que sem isso naõ correrá. Lisboa Occidental 10. de Setembro de 1728.

Pereyra. Galvaõ. Oliveyra. Teyxeyra. Bonicho.

Con-

COncorda com o seu original, S. Domingos de Lisboa Occidental 11. de Julho de 1730.

Fr. Manoel Coelho.

VIsto estar confórme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 11. de Julho de 1730.

Cunha. Soares.

VIsto estar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 16. de Julho de 1730.

Gouvea.

TAyxaõ este livro em 240. em papel. Lisboa Occidental 17. de Julho de 1730.

Pereyra. Teyxeyra. Benicho. Rego.

IN-

INDEX
DOS CAPITULOS
desta Chronica.

CAp. I. *Do miraculoso nascimento do Infante D. Fernando*, pag. 1.

Cap. II. *Como o Infante sempre teve grandes doenças, e dos virtuosos costumes de seu viver, e rezar, e da concessão especial, que alcançou do Papa*, p. 6.

Cap. III. *Da grande humildade, e devoção, que tinha o Infante no serviço de Deos*, p. 11.

Cap. IV. *Da piedade, que o Infante havia dos pobres, e da esmolla, que lhes dava; em*

em que despendia cada anno o dizimo de suas rendas, p.16.

Cap. V. *Da honestidade, e castidade do Infante*, p.19.

Cap. VI. *Da grande caridade, e compayxaõ, que o Infante tinha para com os proximos*, p.21.

Cap. VII. *Da guarda que o Infante poz em sua pessõa contra a gula, e mundanas deleytaçoens, com jejuns, e oraçoens, e como castigava os de sua casa*, p.20.

Cap. VIII. *De como o Infante nunca foy achado ocioso, e da maneyra que ouvia o divino Officio*, p.32.

Cap. IX. *De como foy dado ao Infante por elRey D. Duarte seu irmaõ o Mestrado da Ordem de Aviz. E como elRey determinou passar além sobre a Cidade de Tanger ger, que era de Mouros*, p.39.

Cap. X, *De como o Infante deo a elRey todos seus criados, e como foy levado com procissaõ aos navios*, p.27.

Cap. XI. *De como o Infante com sua frota se partio de Lisboa para além, e como che-*

chegou a Ceuta muy doente, e como dalli fôrão á Tanger, aonde pozerão seu arrayal, e depois o combatèrão, e da grande multidão de Mouros, que veyo sobre elle, e sempre forão vencidos, p. 53.

Cap. XII. *De como elRey de Fez veyo sôbre os Christãos com grande multidão de Mouros. E como se deo o Infante em refês aos Mouros, para elles deyxarem os seus ir em salvo*, p. 60.

Cap. XIII. *De como o Infante foy posto em Alcaçar em huma torre com os seus, e como se recolheo o Infante D. Henrique seu irmão para os navios, e os Mouros no recolhimento matàrão muytos Christãos, e como levàrão o Infante junto a Arzilla com grande escarneo, e vituperio, e do nojo do Infante por cuydar, que seu irmão o Infante D. Henrique era morto*, p. 68.

Cap. XIV. *De como o Infante D. Henrique chegou a Ceuta, e logo cahio em cama, e o Infante D. João veyo a Ceuta em soccorro, e levou o filho de Calabençala a Arzilla, e a tormenta os lançou no Algarve*, p. 78.

Cap. XV. *De como elRey D. Duarte teve Cortes, e conselho se daria Ceuta aos Mouros. E do requerimento, que fazia Ç,alabençala ao Infante D. Fernando, e da reposta do Infante, e seu razoamento*, p. 87.

Cap. XVI. *Da reposta do Mouro Ç,alabençala ao razoamento do Infante, escusando-se de quanto lhe dissera o Infante*, p. 96.

Cap. XVII. *De como estiveraõ os Christaõs em partido com os Mouros para darem o Infante por dinheyro, e como os Mouros trabalhavaõ de o levar a Fez*, p. 104.

Cap. XVIII. *De como os Mouros levavaõ para Fez ao Infante D. Fernando, e aos seus muy crua, e descomedidamente, e elle o sofriu com grande paciencia*, p. 110.

Cap. XIX. *De como na entrada do Infante em Fez pregoaraõ, que todos os Mouros sahissem a vello, e como foy aposentado em Fez*, p. 118.

Cap. XX. *Da geraçaõ, e màos costumes de Lazeraque, e como elle fez subir ao Infante em huma torre alta para ver a muyta*

gen-

gente, q̃ se ajuntava ao degollar do Carneyro para sua Pascoa, e como depois foy metido na masmorra com os seus, em quanto mandavaõ hum Judeo a Portugal, pag. 121.

Cap. XXI. *De como lançàraõ ferros nos pès ao Infante, e aos seus, e o levàraõ diante Lazeraque, o qual o mandou à sua estribaria para pensar os cavallos, e aos seus a cavar em sua horta, e das mais affrontas, que lhe fizeraõ os inimigos*, p. 133.

Cap. XXII. *De como o Infante escolheo antes com os seus cavar na horta, que ficar só em a cova, e como intercedeo por seus criados, que lhes naõ dèssem mào tratamento, e do que lhes davaõ a comer, e beber, e do seu vestir, e cama, e da sua aspera vida, que passava*, p. 140.

Cap. XXIII. *De como Lazeraque mandou dizer ao Infante a morte delRey de Portugal D. Duarte seu irmaõ, e do pranto, que fez*, p. 147.

Cap. XXIV. *De como Lazeraque mandou tirar só ao Infante os ferros, e meter a todos*

dos na masmorra, e o Judeo trouxe cartas delRey de Portugal para se entregar Ceuta, e ser resgatado o Infante, e como aos seus em dia de Natal levàraõ a cavar huma rua, e o Infante chorou com elles, p. 157.

Cap. XXV. *Da morte de C,alabençalá, e de como hum Mouro foy de Portugal para furtar o Infante, por onde a elle, e aos seus innovàraõ os trabalhos, e do razoamento do Infante aos seus, que sofressem sua sorte com paciencia. E de como passáraõ além certos fidalgos para entregar a Ceuta pelo Infante*, p. 172.

Cap. XXVI. *De como se partio elRey de Fez, e levou comsigo o Infante, e os seus, mostrando enganosamente levallos caminho de Ceuta, e dilatava a entrega do Infante*, p. 188.

Cap. XXVII. *De como o Infante consolava os seus, e da grande peste, que veyo à terra dos Mouros, e da oração, que o Infante fez pelos seus*, p. 198.

Cap. XXVIII. *Do grande pranto, que o Infante fez pelos fidalgos, que morrèraõ em Ar-*

Arzilla de peste, e como o consolavaõ os seus, p.206.

Cap. XXIX. *De como os Mouros por mais desconsolar ao Infante o apartàraõ dos seus, e da falla, que lhes fez, antes que se apartassem*, p.213.

Cap. XXX. *Da reposta, que os seus deraõ ao Infante, e da replica do Infante, para que recebessem os santos Sacramentos, e fizessem testamento*, p.220.

Cap. XXXI. *De como o Infante foy levado diante Lazeraque, e como lhe commetteo, que se resgatasse com dinheyro, e açontàraõ diante delle hum Mouro, que vinha de Portugal para o furtar*, p.230.

Cap. XXXII. *Da grande payxaõ, que o Infante recebeo por naõ saber parte dos seus criados; e como o levàraõ sò a huma outra casa aonde esteve quinze meses, atè que morreo*, p.237.

Cap. XXXIII. *De como trouxeraõ os criados do Infante à masmorra, aonde elle dantes estivera, e como o Infante adoeceo, e da falla, que fez ao Fysicò, e da sua muy aspe-*

aspera vida, pag. 242.

Cap. XXXIV. *Do grande trabalho, que os Mouros mandàrão fazer aos do Infante em as estribarias, e ruas, e de como pedio Lazeraque quatrocentas mil dobras, e quatrocentos Mouros cativos*, p. 246.

Cap. XXXV. *De como o Infante animava, e consolava os Christãos cativos, que havia em Fez, e de outras suas boas obras, s. do comer, rezar, e confessar, e da falla, que elle fez a alguns dos seus criados*, p. 253.

Cap. XXXVI. *De como as Mouras adoestavão o Infante com cantares deshonestos; e como adoeceo o Infante de dia em dia mais chegando sua morte, e da grande crueldade dos Mouros contra elle*, p. 260.

Cap. XXXVII. *De como a Virgem nossa Senhora Santa Maria appareceo ao Infante, e S. Miguel Arcanjo, e S. João Euangelista rogàrão a nossa Senhora por elle, e da reposta, que o Infante teve; e de como morreo, e Lazeraque então disse bem delle*, p. 268.

Cap. XXXVIII. *De como levàrão o corpo do*

do Infante à masmorra, aonde mandàraõ, que os seus criados lhe tirassem os ferros, e do pranto, que elles fizeraõ por seu senhor, p.279.

Cap. XXXIX. *Das cruezas, que Lazeraque mandou fazer ao corpo do Infante, e como os seus criados enterràraõ o coraçaõ, e tripas*, p.290.

Cap. LX. *De como Lazeraque com todos os Mouros foraõ á porta de Fez, aonde o Infante estava pendurado, e como depois tiràraõ o corpo santo, e o pozeraõ em hum ataude de taboas á dita porta, aonde esteve muytos annos*, p.298.

Cap. XLI. *De como os criados do Infante depois de sua morte naõ só dos Mouros, mas ainda dos Christaõs cativos eraõ maltratados, e Lazeraque mandou pòr hum dos Christaõs n'huma cruz, e dous degollar, e outros muytos açoutar por hum só Christaõ, que queria fugir*, p.304.

Cap. XLII. *Dos milagres, que nosso Senhor fez pelos merecimentos do santo Infante D. Fernando no tempo, que estava*

seu corpo posto nos muros de Fez, p.312.

Cap. XLIII. e ultimo. *De como hum sobrinho delRey de Fez trouxe a ossada do santo Infante D. Fernando a Portugal, e das festas, e solemne procissão, que elRey D. Affonso V. seu sobrinho lhe fez*, p.329.

Summario breve de algumas cousas desta Chronica, p.346.

CHRONICA
DA VIDA E FEYTOS DO MUYTO virtuoso, e santo Infante
D. FERNANDO,
QUE MORREO EM TERRA DE MOUROS: escrita antiguamente por Frey Joaõ Alvarez Cavalleyro da Ordem de Aviz, Secretario do dito senhor, que com elle esteve cativo atè sua morte, e depois cinco annos.

AGORA NOVAMENTE EMENDADA, E CONcertada pelo Padre Frey Jeronymo de Ramos da Ordem dos Pregadores, por mandado do Serenissimo Cardeal Infante, &c.

CAPITULO I.
Do miraculoso nascimento do Infante Dom Fernando.

O Infante santo Dom Fernando foy quinto genito do muyto alto, e poderoso senhor, catholico, e sem-

pro vitorioſo, e de excellentes virtudes D. Joaõ de boa memoria, primeyro deſte nome, decimo Rey de Portugal, e ſexto do Algarve, e ſenhor de Ceuta (titulos de q̃ entaõ uſava.) E o de Ceuta, por elle ſer o primeyro dos Principes Chriſtaõs, que depois da geral deſtruiçaõ de Heſpanha tomou, e ſenhoreou eſta Cidade em Africa, neſſes tempos famoſiſſima: e da ſereniſſima, e muyto devota ſenhora ſua legitima mulher, a Rainha Dona Filippa, neta delRey Duarte terceyro de Inglaterra, e da Rainha ſua mulher; e de pay, e mãy irmã delRey Henrique quinto de Inglaterra; e filha de D. Joaõ Duque de Lancaſtro, filho

lho do dito Rey Duarte terceyro de Inglaterra, e filha de Dona Branca Duqueza de Lancaſtro, que era filha, e herdeira unica de Henrique Duque de Lancaſtro, como ſe contém no epitafio da ſepultura deſta ſereniſſima Rainha, que eſtá no moſteyro de noſſa Senhora da Vitoria da Batalha da Ordem dos Prégadores.

E como temos experiencia) diz a Chronica) que miraculoſos fins procedem dos naſcimentos, e principios miraculoſos: aſſim acõteceo, que ao tempo do concebimento deſte Infante, ſendo a Rainha muyto enferma de febres, e em diſpoſiçaõ taõ fraca, que por regra de Fyſica naõ foy achado re-

remedio, para que ella ſem mortal perigo podeſſe parir: foy acordado que lhe deſſem algũa maneyra de beberagem para mover, com a qual ainda ſua vida era duvidoſa. E ao tempo que lhe havia de ſer dada, declarandolhe elRey a determinaçaõ tomada, a muy virtuoſa Rainha na morte do concebido filho naõ quiz votar, dizẽdo aſſim: Senhor naõ queyra Deos q̃ aonde eu em algum caſo naõ conſenti ſer homicida, agora o queyra ſer de minha propria carne. E mais vos digo, que por viver o filho, eu haveria minha morte por bem empregada. E quando Deos for ſervido que com o filho morra a mãy (mayormente que Deos he pode-

poderoso para dar a ambos vida, se sua mercé for; na qual eu tenho esperança por virtude do lenho da santa vera Cruz, em que elle padeceo por nos resgatar) a sua redempçaõ aproveytàra a esta creatura, que naõ pereça antes de receber bautismo. E vendo el-Rey seu bom, e santo proposito, lançou em terra o xarope, que na maõ tinha para lhe dar a beber; e mandou à santa vera Cruz do Marmelar pelo precioso lenho da Cruz, que ahi está. E foy Deos servido, que depois de alguns dias tivesse a Rainha bom, e seguro parto; e pario a este Infante no anno de Christo de 1402. dia de Saõ Miguel o Anjo de Setembro.

Por cuja memoria o faziaõ cada anno pesar a cera duas vezes, huma em dia de santa Cruz de Mayo, outra em dia de S. Miguel de Setembro. E elle assim o fez desde que foy em idade para entender nisso, em quanto nestes Reynos viveo.

CAPITULO II.

Como depois de nascido o Infante sempre teve grandes doenças. E dos virtuosos costumes de seu viver, e rezar: e da concessaõ especial, que alcançou do Papa.

DE seu nascimento foy acõpanhado este Infãte de grãdes,

des, e muy rijas doenças, que o naõ deyxàraõ de perseguir atè idade de vinte cinco annos, as quaes o chegâraõ por vezes a perigo de morte. E ainda quãdo nasceo, veyo taõ mortificado do ventre de sua mãy, e em taõ fraca disposiçaõ, que naõ foy julgado a vida: pelo que o bautizàraõ logo. E toda a pelle do corpo se lhe esfolou em taõ grandes pedaços, que a da maõ sahia toda inteyra, como se fosse luva. E em toda sua vida teve continuamente dor de coraçaõ: mas poz Deos em elle, e o conservou em muytas virtudes: em tanto que mais quiz parecer sua conversaçaõ angelica, que humana. Guardava muy inteyramente

a virginal çastidade, e nunca conheceo alguma mulher. Foy muy ensinado em a santa Escritura, em todos os moraes costumes, mais por dom divino, que por outro humano trabalho, nem literal doutrina. De idade de quatorze annos, e em quanto viveo teve regra de rezar todas as horas Canonicas, segundo costume Ingles de Salusbrij. Sempre foy muy obediente em comprir os mandamentos da santa Igreja. Amou muyto de toda a võtade o Senhor Deos; pelo que o encaminhou sempre a seu serviço. E ainda que elle em todo tẽpo fosse muy sollicito, e desposto para amar, e servir a elRey seu senhor, e pay, e a el-

Rey

Rey Dom Duarte ſeu irmaõ, nunca por iſſo faltava das couſas que pertenciaõ ao amor, obediencia, e ſerviço de Deos. Tinha muy ricamente ornamentada ſua capella de muytas veſtimentas, e couſas neceſſarias a ella, ſegundo coſtume de Salusbrij; ſervida continuamente de muytos Sacerdotes, e cantores: para a qual, e accreſcentamento do culto divino, tinha em eſpecial do ſanto Padre alcançado muytas graças. Entre as quaes era, que em ſua capella podeſſem confeſſar, e bautizar, e dar communhaõ, e unçaõ ſem authoridade, nem licença dos Biſpos, em cujos Biſpados eſtiveſſem. E que os capellaẽs podeſſem haver as offertas

fertas do Infante, e dos ſeus, poſto que em alheyas paroquias fizeſſem os officios. Com muito eſtudo, e diligencia ſuſtentava ſua caſa, e familia: aſſim como aquelle, que as neceſſidades dos ſeus naõ eſtimava em menos, que as de ſua propria peſſoa: e naõ ſomente os provia do que pertencia ao temporal, mas ainda das couſas eſpirituaes, q̃ aſſim ſe havia por obrigado de dar a Deos conta de tudo. Cada anno fazia confeſſar todos os ſeus, e que commungaſſem todos, os que tinhaõ idade, quando com affagos, e mercés, quando por exemplos. Com pena, e cuydado todos os ſeus eraõ conſtrangidos a muita doutrina, e devo-

çaõ. Alcançou huma graça do santo Padre, que todos, os que com elle vivessem sete annos, e se finassem em sua casa, fossem absoltos de culpa, e pena in articulo mortis. Verdadeyramẽte foy este Infante o fiel servo de Christo, estabelecido sobre a familia do Senhor Deos.

CAPITULO III.

Da grande humildade, e devoçaõ, que tinha o Infante no serviço de Deos.

FOy tanta a humildade deste santo Infante, que punha espanto aos que a viaõ: e em tanta bayxeza de coraçaõ se punha, que pa-

parecia minguar em ſeu eſtado. E iſto pela mayor parte era entre as peſſoas Eccleſiaſticas, e devotas, e nas couſas do ſerviço de Deos. Cõ muyta devoçaõ acompanhava as prociſſoens, e ao Santiſſimo Sacramento do altar, quando o levavaõ a commungar os enfermos, levando a tocha diante. Em dia do Corpo de Deos, e na Reſurreyçaõ, e naquelles dous dias das Endoenças fazia todas as devotas ceremonias como o mais catholico que ſe achaſſe em ſeus dias. Naõ deixava de fazer a mais pequena ceremonia ordenada pela Igreja, porque logo cuydava que ſe lhe tornava em peccado mortal. Recebia com muyta reveren-

verencia todas as devotas pessoas, segundo suas dignidades, e mais segũdo suas virtudes assim as honrava. Seu costume era cada dia ao levantar da mesa dar audiencias géralmente a quem as queria. E depois em todo o outro tempo assim andava aparelhado, q̃ quantos quizessem lhe poderiaõ fallar. Honrava muyto todas as mulheres, e tanto que as via, e ouvia, logo as havia de despachar por naõ estarem entre os homens. Nunca virou sua face dos afflictos, e pobres, que o requeriaõ, nem desprezou as necessidades alheyas, antes as soccorria em quanto alcançava sua posse. Dos aleyjados, e enfermos tinha muyta cõpayxaõ, e nun-

e nunca ſe delle partiaõ ſem deſpacho de ſuas petiçoens. Nunca diſſe a peſſoa alguma palavra deſhoneſta, nem de eſcarneo, nem q̃ moſtraſſe alteraçaõ em deſprezo de outrem. Agradavalhe muyto de receber conſelho em ſeus feytos; e naõ ſe deſcontentava de perguntar por todas as couſas. Aconſelhava de boa vontade a quẽ lho requeria, ou o havia miſter. Allegaua com as authoridades, e bons exemplos, poſto que ſeus authores foſſem de pequena condiçaõ. As feſtas, jogos, e ceremonias honeſtas, que pertenciaõ à honra de Deos, e dos Santos, fazia executar em ſua caſa, e em ſeus lugares, naõ obſtante que

acha-

achadas, e usadas fossem por homens de bayxa sorte. Os vestidos ricos, e nobres de sua pessoa, e os guarnecimentos de sua casa, naõ os costumava senaõ nas festas, e dias santos, e em quanto estava na Corte, e nos lugares, e tempos, em que lhe convinha de os usar, por serviço, e prazer del-Rey, e por guarda de seu estado. Seu intento nunca foy senaõ louvar à Deos. E por tanto do louvor, nem do mal dizer do mundo naõ tinha cuidado, nem dava por isso.

CAPITULO IV.

Da piedade que o Infante havia dos pobres, e da eſmola, que lhes dava, em que deſpendia cada anno o dizimo de ſuas rendas.

TAõ largamente repartia eſte ſenhor o ſeu, que nunca avareza em elle teve lugar. A todos os pobres, e minguados alcançavaõ ſuas eſmolas. E aonde naõ chegava o dinheyro, ſuppria ſua boa võtade, e doces repoſtas. E em eſpecial para gafos, e para remir cativos dava muytas eſmolas taõ largamente, e com tanto deſpacho, como elle conhecia que eſ-

tes

tes sobre todos os atribulados tinhaõ mais, e mayores necessidades. A todos os mosteyros do Reyno (quando celebravaõ capitulos gèraes, ou provinciaes) dava largamente esmolas, para haver parte nas oraçoens dos homens, e mulheres, que viviaõ em observancia. Dava grandes ajudas, e esmolas para sustentaçaõ dos taes: e em todas as devotas confrarias se fazia confrade; e despendia grandemente em reparo, e bem de Igrejas, e Ermidas, por ser participante no bem, que se alli fizesse. E em cada hum anno por dia de Endoenças vestia tantos pobres, quãtos annos havia, que elle nascera. E em tal maney-

ra tinha ordenadas ſuas deſpezas, que em eſmolas, e em offertas, e por ſerviço de Deos foſſe cada anno deſpezo o dizimo de quãto tinha de renda. E quando partia dos lugares mandava pregoar as dividas, e malfeytorias delle, e dos ſeus; e por penhores, ou por dinheyro logo eraõ todas bẽ pagas. Naõ pareciaõ ſuas obras, ſenaõ de ſenhor de duas vezes tanta renda. Tanto vivia ſem agravo, e odio do povo, que por ſuas terras, nem por fóra dellas, nunca deſte ſenhor ſahio querella, nẽ queixume. Todos o tinhaõ em lugar de ſenhor, e pay, e aſſim rogavaõ a Deos por elle.

CAPITULO V.

Da honestidade, e castidade do Infante.

NAõ sómente foy este santo Infante virgem no seu corpo, mas ainda o foy na alma muy inteiramente, que por suas honestas obras se podia muy bem conhecer. Usou sempre de tanta honestidade, que por si naõ dezia, nem queria nomear, nem ouvir palavras feyas, nẽ torpes, nem casos luxuriosos; e prezava muyto todas as pessoas, em que havia castidade. Estranhamente louvava aquelles, que eraõ afastados da lu-

xuria; e os que em este vicio eraõ dissolutos, doestava, e castigava agramente, quanto abrangia seu poder. Naõ consentia, que algum homem seu tivesse manceba de cama theuda. E hum tempo foy que naõ queria consentir, que as mulheres commũas andassem em sua casa; até que as consentio por razaõ de escusar mayores males. Com grande cautella mandava pôr guarda nos moços fidalgos, e nos outros moços, que se criavaõ em sua casa, que ao menos até idade de vinte annos se refreassem deste vicio. Além disto este senhor se abstinha de todas as iguarias, e cheyros, que podessem provocar a actos luxuriosos, que

todos

todos os outros peccados a respeyto deste lhe queriaõ parecer ligeyros.

CAPITULO VI.

Da grande caridade, e compayxaõ que o Infante tinha para com os proximos.

PORque este senhor sempre teve muyta compayxaõ com os proximos, e os amava cõ muyta caridade, por isso em elle nunca houve enveja, e os bens, e cousas alheyas, nunca as cubiçou. E contentavase da renda, que tinha, posto que fosse pequena. O desprazer, que tinha, era naõ ter para pro-

ver os ſeus, como compria a ſuas neceſſidades, para elles naõ terem occaſiaõ de tomar o alheyo, nem fazer outros males. Algumas vezes lhe queria dar elRey bens de peſſoas, que por ſeus crimes os deviaõ perder, e nunca os quiz aceytar; nem ſe acha, que fizeſſe perder a algum homem bens, nem officio. E quando por algum ſeu era requerido, que pediſſe alguma couſa, de que vieſſe perda, ou diminuiçaõ, com taes razoens ſe eſcuſava, ou o punha em tanta perlonga, que nunca vieſſe a concluſaõ de deſpacho. Naõ requeria officio, nem beneficio para tal peſſoa, que entendeſſe naõ ſer conveniente para ella, aſſim para ſervi-

ſerviço de Deos, como delRey, ou para ſeu proveyto, ou do povo. Nunca conſtrangeo alguma peſſoa, nem enganou em couſa de caſamento. Naõ moſtrava menos prazer com as mercés feytas a taes peſſoas, que algum bem mereciaõ, como ſe foſſem ſeus criados. Algumas vezes lhe acontecia pedir a elRey algumas couſas, e dizendo, que ſeu propoſito era de as dar a alguns bons; elle lhe reſpondia: Senhor, eu vos beyjo as maõs, e volo tenho tanto em mercé, como ſe mas a mim concedeſſeis. E nunca requereo, que ſe deyxaſſe de fazer juſtiça naquelles caſos, em que outrem recebeſſe dano. E com muyta reverencia,

e mesura requeria suas cousas a elRey, e a seus irmaõs, esperando tempos convenientes, por naõ enojar, nem enfadar a quem deseјava fazer serviço, e prazer. E quãdo havia de despachar com elRey, as mais das vezes elRey o chamava, e o requeria. Quando a seus requerimentos lhe punhaõ contradiçaõ, mais por sinaes de louvada vergonha, que com força de palavras elRey, e os senhores eraõ movidos a seus requerimentos. Assim ordenava as moradias, e mercés, e tenças dos de sua casa, que naõ fossem occasiaõ de hũs encorrerem em inimizade por enveja dos outros. Pelos cativos, e que andavaõ em perigos

no

no mar, e na terra, e atribulados, mandava fazer muytos sacrificios, e oraçoens. Perdoava de boamente as injurias, e erros, que a elle pertenciaõ. Trabalhou sempre de ganhar as almas dos infieis: e muytos Judeos, e Mouros, por graça de Deos tornou Christaõs, os quaes com o seu muyto bem agazalhou. E em quanto seu poder alcançou, trabalhou de comprir as obras de misericordia corporaes, e espirituaes; e tanto se deleytou nellas, que as cousas de prazer do mundo se lhe convertiaõ em aborrecimento.

CA-

CAPITULO VII.

De como o Infante poz guarda em ſua peſſoa contra a gula, e mundanas deleytaçoens com jejuns, e orações: e como caſtigava os de ſua caſa.

COnſiderar bem a ſumma abſtinencia deſte ſanto Infante, poem eſpanto naõ pequeno, porque ſegundo o tempo, e dias, que jejuava,(como logo diremos)todo o anno, e toda a vida o fazia. E aſſim contra o peccado da gula, e mundanas deleytaçoẽs poz guarda em ſi eſte ſenhor com muyta abſtinencia, vigiando em muytos tempos, privando-ſe de beber vinho,

nho, e de dormir desvestido, levantãdose à meya noyte em todos os tempos, que havia de ouvir Matinas. E seus jejuns de paõ, e agua eraõ estes.

Iejuns de paõ, e agua do Infante.

TOdos os sabbados do anno. Item os tres dias antes da Pascoa, e estes comia paõ da rara, e de dia, e de noyte estava na Igreja com o Santissimo Sacramento atè a Resurreyçaõ. Item as vigilias das festas de Jesu Christo. Item as vigilias da Virgem santa Maria nossa Senhora. Item as vigilias de S. Vicente em ambas as festas; Item a vigilia da Invençaõ da

da ſanta Cruz. Item a vigilia de S. Jorge, e de Santiago. Item a de Santo Antonio. Item a vigilia de ſanta Maria Magdalena. Item a vigilia do naſcimẽto de S. Joaõ, e de ſanta Catharina, e de S. Miguel, e a vigilia de todos os Santos.

Iejuns a conduto do Infante.

EA conduto jejuava todas as quartas feyras, e ſeſtas. Item as Quareſmas, e Adventos, e quatro temporas. Item as vigilias dos Apoſtolos. Item a vigilia da Converſaõ de S. Paulo. Item a de S. Bras, e a de ſanta Luzia; e a de ſanta Anna, e a de ſanta Apollonia, e as duas vigilias de S. Miguel.

guel. Item a vigilia de ſanta Cruz de Setembro. Item a vigilia da feſta de S. Pedro ad Vincula, e naõ dormia eſta noyte. Item a noyte de Natal naõ dormia. Item a vigilia de S. Luis Rey de França, e a de S. Duarte Rey de Inglaterra, e a de S. Domingos, e a de S. Franciſco. Item jejuava a conduto as vigilias dos Anniverſarios, que cada anno fazia por elRey, e pela Rainha; e no dia comia na camera ſó. Naõ ſómente no comer, e ſono fazia abſtinencia, mas ainda no veſtir, e nos deſenfadamentos. Tal modo, e temperança tinha que as invençoẽs, jogos, e fèſtas de ſua caſa naõ ſe fizeſſem, ſenaõ em os dias ſantos, em que a Igreja fa-

zia

zia solemnidade; porque tudo fosse attribuido, e feyto em serviço de Deos, e honra dos Santos. Este senhor se refreou cõ muyto cuydado de mostrar em palavras, nem por geytos, que era colerico destemperado. Trabalhava q̃ com sossego, e repouso sem colera dèsse castigo aos culpados, e delles castigava por sua mão. Naõ castigava, nẽ reprehendia de praça, salvo quando o caso era taõ feyo, ou taõ publico, que a razaõ o demandava assim. As geraes penas de seu castigo eraõ estas: Os moços por bofetadas, e açoutes: Os homens de meã sorte, por naõ beber vinho, e prisaõ: Os mayores por lhe tirarem as moradias, e por de-

degredo de ſua caſa: Os Eccleſiaſticos por naõ beberem vinho, e lhes naõ darem as moradias. Fallava muito paſſo; reſpondia brandamente, e praticava com muy bom ſoſſego. Nunca porfiava em couſa, que lhe os mais contradiſſeſſem. Naõ tinha por falta deceſe de ſua opiniaõ, quãdo a melhor razaõ lhe era moſtrada: nem ſe queyxava por lhe contradizerem ſuas praticas, e razoens. Naõ fazia màò ſemblante, nem geyto de deſprezo, nem de arremedar, o que elle muyto abominava em todos, eſpecialmente nas peſſoas de honra, ou honeſtidade. Sofria muy benignamente os ſimplizes. Nunca lhe ouviraõ dizer, ou nomear

mear o diabo, nem dou ao demo: Nunca jurou o nome de Deos, nem por outra alguma cousa: Naõ teve tanta força todo o agastamento do mundo, que acerca disto lhe podesse tirar seu virtuoso costume: assim que nesta parte era virtuosissimo,

CAPITULO VIII.

Do como o Infante nunca jà foy achado ocioso, e da maneyra que ouvia o divino Officio.

VErdadeyramente deste senhor se pode certificar, q̃ no peccado da ociosidade elle haja muy poucas vezes encorrido, porque

que foy sempre muy diligente em todas suas obras; nem estaria algum espaço sem despachar, ou dar aviamento a seus feytos, ou ler, ou ouvir praticar em boas cousas. E os tempos, que tomava por alivio, de mandar fazer invençoens, e jogos, e andar a monte, e à caça, era por exercicio do corpo, e por seu estado, e por recreaçaõ, principalmente gasalhado dos seus, mais que por sua propria deleytaçaõ. Ordenava tempos convenietes para cada huma cousa fazer. Com as cousas do mundo naõ entremettia as de Deos; a cada huma dava repartidamente o seu, salvo nos casos de necessidade. Depois que estava na Igre-

ja, naõ ouvia ahi negocios dos seculares, porque lhe parecia cousa fóra da ordem do que elle costumava, e tambem por mais obediencia. Como entrava na cortina, seu cuydado era rezar, e ler por livros, e fallar em cousas honestas, e estar attento como rezavaõ, e cantavaõ, que naõ errassem, nem sahissem da regra do ordinario, que elle muy bem sabia, e o trazia em sua capella, o qual lhe trouxera hum seu Capellaõ da Sé de Salusbrij, pelo qual o mandou. Parece, que herdou o santo Infante da Rainha D. Filippa sua mãy esta curiosidade do officio divino, acerca do qual teve ella tãto cuydado, e policia, que ainda aos Clerigos

dou-

doutos no ordinario ensinava; e assim aos mães no estylo politico de corte, amor dos pobres, e sofrimento de proprias injurias, das quaes nunca consentio, que se tomasse castigo. A estante, e o coro era sempre posto diante da cortina deste Infante, por fazer estar honestos, e compostos os Clerigos. Segundo os dias, e as festas, assim era a capella ornamentada, e as vestimentas costumadas, de que elle tinha muytas, e boas. Cada dia ouvia huma Missa cantada; e entre tanto se diziaõ em outro altar duas Missas rezadas. Na capella andava hum livro, aonde estava o ordinario escrito, de quando haviaõ de fazer os officios de

contraponto, e canto de orgaõ, ou do canto chaõ, e quando com orgaõs, e prégaçoens; e quanto haviaõ de haver os Capellaens de offerta. E o Védor da casa tinha tambem em escrito todos os jejuns do anno, e o Prégador todos os dias de prégaçaõ: e em todas as festas ouvia sermaõ, e nos Domingos do Advento dous sermoens, e em dia de Natal: e tinha sermaõ nos dias dos quatro Doutores principaes da Igreja. Item em dia da Cinza, e em dia da Cea depois de comer; e os Domingos da Quaresma duas vezes, huma antes de comer, e outra depois; e em todos os dias de guarda ouvia Vesperas. Quando

naõ

TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY OF OXFORD
LIBRARY

naõ eraõ dias para ir ouvir os officios à Igreja, rezava em ſua camera todas as horas canonicas a ſeus tempos em hũ honeſto lugar muy bem aparamentado de cortina, e corrediças, tapete, e bancaes, e almofada, tudo de ſuas cores. E alli era armado hum altar com a imagem da Virgem noſſa Senhora da Piedade, ou do Pranto. E o ſeu Secretario rezava ſempre com elle todas as horas canonicas, e capitulava cada hum ſua ſemana. E eſte tinha carrego de lhe dar os livros de rezar, e de eſtar continuamente na cortina, e em todos os lugares de oraçaõ, porque tinha nelle ouſadia, e por lhe lembrar algumas couſas, e por naõ cair

da. E em começando de reynar o ſereniſſimo, e virtuoſo Rey D. Duarte I. deſte nome, e irmaõ do ſanto Infante, ſe finou o Meſtre da Cavallaria do Meſtrado da Ordem de Aviz. E deo-lhe ElRey a governança deſte Meſtrado; o qual o recebeo contra ſua vontade, por ſerem bens de Igreja. Todavia houve-lhe elRey diſpenſaçaõ do Papa, que a podeſſe ter ſecular, aſſim como tinhaõ ſeus irmaõs o Infante Dom Henrique o Meſtrado de Chriſto, e o Infante D. Joaõ o Meſtrado de Santiago. E ainda lhe foy neceſſario de o aceytar conſiderando quanto carrego de deſpezas era o delRey na ſuſtentaçaõ do eſtado de tan-

tos

nos irmaõs taõ grandes ſenhores.
Com tudo iſto deſejando elle muy grandemente ſervir a Deos ſem outra duvida, occorreo-lhe à memoria aquella autoridade do Apoſtolo S. Paulo do ſegundo capitulo da ſegunda Epiſtola a Timotheo, aonde diz: *Nemo militans Deo, implicat ſe negotiis ſæcularibus*. Que quem a Deos ha de ſervir, naõ ſe deve occupar em negocios do mundo. E viſta a occupaçaõ grande, que elle tinha, no que lhe relevava fazer por amor, ſerviço, e obediencia del-Rey ſeu ſenhor, e irmaõ, e dos mais irmaõs ſeus; e além diſto a affeyçaõ dos amigos, e parentes q̃ o impediaõ nas couſas de Deos,

e ſobre

e ſobre tudo o que o mais ſopezava, eraõ males, e danos, que os ſeus faziaõ por occaſiaõ das apoſentadorias, que tomavaõ, ſegundo coſtume do Reyno. E como elle naõ tinha, que dar aos ſeus tudo, o que haviaõ miſter, nem com que os agaſalhar, cuydou deyxar tudo iſto, e de ſe ir viver ao Reyno de Inglaterra, tendo que ſegundo o grande parenteſco, que com elRey de Inglaterra tinha, o receberia de boamente, do que já elle eſtava certificado. E que com a tença, que lhe poria, ſe poderia muy bem manter, ſegundo o regimento, e ordenança, que pertendia ter, e que naõ ſeria mais encarregado dos que com

elle vivessem; senaõ pagarlhes suas soldadas, como era costume daquella terra. E que desta maneyra naõ teria tal impedimento, que o estorvasse do serviço de Deos, de que sua imaginaçaõ nunca era apartada. E fallou ao dito senhor Rey seu irmaõ, pedindolhe para isto sua licença, a qual lhe elRey naõ quiz dar por entaõ, dizendo, que elle esperasse assim, porque muy cedo entendia com a graça de Deos de o occupar em outro cuydado necessario. E nisto chegou a estes Reynos por Nuncio do santo Padre Eugenio IV. àquelle tempo presidente na Igreja de Roma, Frey Gomes Abbade de

Florença, requerer eſte Infante para ſer Cardeal, o que elle naõ quiz aceytar, por lhe parecer couſa de grande carrego de conſciencia, e determinadamente ſe eſcuſou diſſo. E conſiderando elRey ſobre a licença, que lhe eſte Infante havia pedido, para ſe ir a Inglaterra, e como o Conde de Arrayolos ſeu ſobrinho iſſo meſmo lhe pedia licença para ir em companhia delRey de Caſtella à conquiſta de Granada, e o Conde de Ourem lhe pedia tambem licença, para ſe ir fóra do Reyno, aonde ſe entaõ foy a ver terra. E ſabendo elle mais como a Duqueza de Borgonha ſua irmã mandava requerer ſeu irmaõ o Infante D.

D. Henrique para ir a Flandes ter companhia ao Duque ſeu marido, aſſim para proſeguimento da guerra de França, como porque havia de paſſar a Jeruſalem, era-lhe neceſſario haver em ſua companhia hum tal Capitaõ, mãdandolhe prometter que o poria em poſſe da Ilha de Morea. Conſiderando mais ainda elRey, como ſeus irmaõs lhe poderiaõ ſobre ſuas idas fazer mais apertados requerimentos, naõ havendo elle por bem de lhes dar eſta licença para irem viver fóra dos ſeus Reynos, teve maneyra de os occupar em couſa, que foſſe ſerviço de Deos, e ſeu, e para elles tornarẽ ao Reyno. E ordenou de fazer

huma

nhor, ſabeis bem quanto todos muy devidamente ſomos obrigados a pagar os ſerviços, e trabalhos dos noſſos; e eu me ſinto taõ carregado dos bons criados, que tenho, que ſegundo os muytos, e bons ſerviços, que me tem feytos, e os poucos bens, que eu tenho, naõ ſey como, nem de que os contente. Todavia ſoccorro-me a V.A. a que peço, tome eſſa pouca de terra, que de vòs tenho, e minha bayxella, e meus adereços, e que ſatisfaçais em parte meus criados, e ſervidores. Ao que reſpondeo elRey, dizendo-lhe: Irmaõ, eu ſey bem, que taes foraõ, e ſaõ voſſas deſpezas; e em verdade do voſſo grande

amor,

amor, e muytas bondades eu saõ muyto encarregado. E por vos eu naõ fazer atéqui o q̃ vòs mereceis, he pelo naõ ter de presente (como vòs sabeis) que naõ fica pela vontade naõ ser muyto boa. Mas prazerá à Deos, que vos tornará muyto cedo a estes Reynos, e vereis quantas mercés, e accrescentamentos recebereis de mim. E quanto he ao que pertence para descarrego de vossa consciencia; a mim praz de tomar à minha conta todos os vossos, e de os agasalhar com o meu, assim como se a mim servissem. E a fóra isto desses bens, q̃ tendes, fazey vosso testamento, e eu o comprirey do que vos ficar, e ainda do meu. E

de todo este carrego vòs perdey o cuydado, pois o eu tenho. Mas espero em Deos que tornareis cõ muyto boa ventura, e por vòs em vossa vida fareis isto, e todo o outro bem como quem sois, e segundo vossa boa consciencia. E disto lhe deo assim elRey hum alvará feyto, e assinado por sua maõ. E porque elRey tomava carrego de agasalhar todos os seus, recebeo por herdeyro ao Infante D. Fernando, filho do dito senhor Rey. Logo depois escreveo a todos os juizes, e justiças dos lugares, e comarcas, por onde elle andàra, que quaesquer, que delle, ou dos seus tivessem recebida alguma perda, ou dano, ou lhe vi-
vessem

vessem feyta alguma semrazaõ, viessem, ou mandassem seu recado a certos officiaes, que ordenou, e que lhe fariaõ pagamento, assim como a todos fizeraõ. E os que por dinheyro se naõ podiaõ pagar, que lhes pedia a todos perdaõ por amor de Deos. E feytas muytas romarias, e devoçoens, e dadas, e mandadas muytas offertas, e esmolas, se foy em Lisboa; e porque elle, e elRey seu pay, e irmaõs eraõ muy devotos da Ordem dos Pregadores do Bemaventurado Padre S. Domingos, e no mesmo Mosteyro dentro na capella de nossa Senhora da Escada, este senhor Infãte, recebida absolviçaõ plenaria pela indulgẽcia da

zada, por maõs do mestre Frey Gil Mendes seu confessor, recebeo o corpo de nosso Senhor Jesu Christo. E ordenada a solemne procissaõ (com que da Sè trouxeraõ aos navios as reliquias, que el-Rey mandou na armada com a bandeyra da Cruzada, e com a bandeyra do dito senhor Rey, que a seus irmaõs entregou dia do Apostolo S. Tiago) entràraõ todos na armada, que estava davante da Cidade de Lisboa.

CA-

CAPITULO XI.

De como o Infante com sua frota se partio de Lisboa para alèm; e como chegou a Ceuta muy doente; e como dalli forão a Tanger, aonde pozerão seu arrayal, e depois o combatèrão; e de como grande multidão de Mouros veyo sobre elle, e sempre forão vencidos.

ARmado este senhor Infante do sinal da Cruz (que todos aquelle dia pozerão sobre seus hombros, para seguirem caminho da santa conquista, dispondo-se a todo o perigo, e trabalho pela santa fé Catholica, sob guar-

da do Alferez de Jesu Christo S.
Miguel, que em seu estandarte levava pintado) e feyto o saimento do Anniversario por elRey D. Joaõ seu pay, e acabada a procissaõ, antigamente ordenada pela vitoria da batalha real, vespera da Assumpçaõ de Santa Maria partio a frota dante Lisboa, e foraõ pousar em Restelo; e em essa noyte se foy este Infante da frota, e se veyo a Lisboa, por ter a festa do outro dia com elRey, e por se despedir da Rainha. E alli nasceo a este senhor huma postema, com que lhe vieraõ grandes accidentes de frio, e febre, com que se sofreo, por naõ ser turbada sua ida; e assim passou, até que se

tornou aós navios. E quinta feyra vinte e dous dias de Agosto, na era do nascimento de nosso Senhor Jesu Christo, de mil e quatrocentos e trinta e sete annos, partiraõ de Restelo, e foraõ de foz em fóra com sete mil combatentes, porque para outra gente naõ tinhaõ navios, que na terra naõ os havia, e os de fóra naõ poderaõ vir por causa das guerras, em que lá estavaõ. E à terça feyra seguinte chegàraõ a Ceuta; aonde a este senhor crescèraõ tanto seus accidentes, e dor, que foy em perigo de morte; e esteve em cama assim, até que a postema lhe veyo a furo. E partio de Ceuta o Infante Dom Henrique segunda

feyra nove dias de Setembro com cinco mil combatentes, que os dous mil hiaõ na frota: e este Infante se metteo nas galés; e ambos os senhores Infantes chegáraõ sobre Tanger á sesta feyra seguinte. E por mandado do Infante Dom Henrique este Infante naõ sahio da galé aquelle dia, e no outro se veyo aposentar no arrayal; e em quanto alli esteve, era em continuada cura da postema, que ainda trazia aberta, de sorte que com muy grande pena se sofria em cima do cavallo; mas com tudo sempre era prestes em todos os trabalhos, assim na guarda do arrayal, como de fóra. E elle por si começou de fortalecer

de

de vallado com estacas o arrayal de toda a parte, em que lhe cabia guarda; e deo exemplo para todos os outros Capitaens fazerem o mesmo; e com muyta diligencia obedecia a todas as cousas, que a elle, e aos seus eraõ ordenadas, e a tudo, o que lhe pertencia, dava ordem, e execuçaõ. Tanto trabalho sofria, que muytas vèzes quando tornava para a tenda, lhe tomava febre. Em todas as cousas, e trabalhos elle foy participante, que posto que elle naõ fosse no primeyro combate; quando os do exercito assim como chegàraõ de caminho vieraõ sobre a Villa, porque ainda estava na galé, elle foy em pessoa, e provou

vou muy bem, quaõ valeroso cavalleyro era, no segundo combatè, em que combatèraõ a Villa cõ as escadas, e artilharia; e tambem no dia da segunda feyra, quãdo os Mouros vieraõ com mostras de pelejar, e foraõ lançados pelos Christãos fóra dos campos; e assim à terça feyra, que veyo muyta mais gente de Mouros. E posto q̃ pelejassem quanto mais podèraõ, nem lhes valeo que os Christaõs os naõ lançassem dos campos, e matassem muytos delles: e os Christaõs por entaõ naõ seguiraõ o alcance, pela fugida dos Mouros ser apressada, e por ser já junto da noyte. Depois disto logo à quinta feyra que os Mouros

ros vieraõ, que seriaõ quarenta mil de cavallo, e mais de cem mil de pè, a que os Christaõs naõ deraõ mais vagar, nem lhes aproveytou pelejarem fortemente, que naõ fossem de todo desbaratados; e graõ parte delles mortos: e seguiraõ os Christaõs o alcance huma legoa, e meya, donde tornàraõ com muyta honra, trazendo as santas reliquias, que comsigo levavaõ, com toda boa ordenança; e tornàraõ ao arrayal bem três horas andadas de noyte. E logo no outro dia tornáraõ a combater a Villa; e em todos estes feytos, e trabalhos este Infante se mostrou taõ bom cavalleyro, e virtuoso varaõ, como convinhá à serviço

 de

de Deos, e a sua honra.

CAPITULO XII.

De como elRey de Fez veyo sobre os Christaõs com noventa e seis mil de cavallo, e seiscentos mil de pè. E como se deo o Infante em refens aos Mouros para elles deyxarem os seus ir em salvo.

PAssado o assima referido, a seguinte quarta feyra, estando todos os Christaõs fóra de seu arrayal, chegou sobre elles elRey de Fez com seu Alguazil Lazeraque, que o trazia comsigo, e com todo o poderio Mourisco dos Reynos, e Comarcas daquella terra

em

em torno, que feriaõ noventa e feis mil de cavallo, e mais de feifcentos mil de pè. E vendo os Chriftaõs, que alli fe naõ poderiaõ defender de tanta multidaõ de Moiros, fe tornàraõ com fua honra a feu palanque, aonde fe defendèraõ de todos, que por efpaço de quatro horas os combatèraõ quanto mais valerofamente podèraõ, fem terem os Chriftaõs outra fortaleza, nem defenfaõ, mais que hum bom pequeno vallo de terra, donde muy esforçadamente lançàraõ todos feus inimigos: Os quaes tornados a feus alojamentos por aquella noyte; logo no dia feguinte que era quinta feyra, os tornàraõ outra vez a cõbater muy

rijamente, e durou este combate cinco horas, e nelle soppotou este senhor grandes trabalhos muy valerosamente, porque a força dos inimigos pela mòr parte combatia por aquelles lugares, aonde elle tinha sua guarda. E considerando os Christaõs a maneyra de como estavaõ cercados, que naõ tinhaõ por onde sair, q podessem escapar, e assim mesmo vendo, que eraõ taõ poucos, que naõ passariaõ de tres mil homens de peleja, de sorte que para resistir à tanta multidaõ de milhares de Mouros, naõ tinhaõ força, nẽ poder: alem disto vẽdo o lugar solitario de sua defensaõ, e os poucos mantimentos, que já tinhaõ para seu remedio;

dio, de neceſſidade lhes foy forçado mandarem cometer concerto com os Mouros por ſeus Embaxadores, promettédolhes, que dariaõ Ceuta, ſe em ſalvo os deyxaſſem todos recolher a ſeus navios. E porq̃ os Mouros tinhaõ tençaõ para os ainda combaterem, crendo que já mais lhes naõ podeſſem reſiſtir, lançàraõ maõ dos Embaxadores; e retiveraõ-nos aſſim, até verem o que lhes aconteceria no ſeguinte combate. E à ſeſta feyra os naõ combateraõ, mas quando veyo ao ſabbado bem cedo pela manhã; eſtavaõ já todos preſtes, e juntamente cercàraõ o arrayal dos Chriſtaõs de toda a parte, e combateraõ-no quanto mais valero-

lerosamente poderaõ, e mostrando alli toda sua força, e saber. Durou este combate seis horas, no qual por graça de Deos, os Christãos houveraõ vitoria, e fizeraõ em os Mouros incrivel estrago, e mortal dano; de sorte q̃ foy tanta a multidaõ dos Mouros, que foraõ mortos, que os mais, perdido o animo de por força os poderem vencer, e com mostras enganosas, fingiraõ querer consentir no contrato, que antes lhe haviaõ cometido, ficandolhes na tençaõ; que entre tanto que andassem no contrato, ou ao recolher dos navios poderiaõ enganar os Christaõs. E pediraõ que lhes dessem em arrefens da Cidade de Ceuta prometida

tida hum dos Infantes; e que Çalabençala ſenhor de Tanger, e de Arzilla pozeſſe em arrefens do ſalvo recolhimento em póder dos Chriſtaõs hum ſeu filho o mayor. E naó obſtante que eſte ſenhor Infante conheceſſe o trabalho, e perigo que lhe ſeria pòrſe em maós, e poder de infieis, e taõ mà gente (como aquelle, que de boa vontade conſentira de dar ſua vida logo alli por ſerviço de Deos, e livramento de ſeus companheyros) elle ſe offereceo, e poz em arrefens; e foy entregue à quarta feyra dezaſeis dias de Outubro jà bem tarde a Çalabençala, que o recebeo em ſima de hum cavallo, que trazia comſigo a
E deſ-

deſtro. E eſte ſenhor Infante levou em ſua companhia para o ſervirem, e acompanharem, a Rodrigo Eſteves ſeu amo, e Fr. Gil Mendes ſeu Confeſſor, e Joaõ Rodrigues ſeu colaço, e Joaõ Alvares ſeu ſecretario, e meſtre Martinho ſeu Fyſico, e Fernaõ Gil ſeu guardaroupa, e Joaõ Vaſques ſeu cozinheyro mòr; e metteo comſigo de arrefens pelo filho de Çalabençala, Ayres da Cunha, Joaõ Gomes do Avelar, Pedro de Atayde cavalleyros fidalgos de ſua caſa, e Gomes da Silva Commendador de Nudar, e eſtes todos eſtes hiaõ de pè entre o Infante, e tambem hia ahi Ruy Gomes da Silva Alcayde de Campo

po

po Mayor, que foy Embaxador deste contrato, e hia para receber o filho de Çalabençala, para o levar aos navios, aonde havia de estar, até se acabar o recolhimento. Com o Infante naõ hia a cavallo salvo Çalabençala, e hum Christaõ, que là vivia com elle, a que chamavaõ o Alcayde Miguel, que foy alli Turgimaõ da entrega do Infante, e dos seus.

CAPITULO XIII.

De como o Infante foy posto em Alcaçar em huma torre com os seus, e como se recolheo o Infante D. Henrique seu irmaõ para os navios, e os Mouros no recolhimento mataraõ muytos Christaõs: e como levàraõ ao Infante santo à Arzilla com grande escarnio, e vituperio, e do nojo do Infante por cuydar, que seu irmaõ o Infante D. Henrique era morto.

QUando Çalabençala chegou com o Infante à Villa, era jà quasi noyte, e naõ quiz entrar dentro, mas esteve entre as portas do alcaçar, até que lhe alli trou-

trouxeraõ ſeu filho, e o entregou a Ruy Gomes da Sylva, e eſperou até ver recado que era nos navios. O Infante com os ſeus foy apoſentado em huma caſa torre ſobre a porta, que vay do alcaçar para a Villa muy bem guardados, mas muyto mal providos de mantimẽtos. A' quinta feyra pela manhã ſoltàraõ os Embaxadores Chriſtaõs que d'antes foraõ retidos, os quaes eraõ D. Fernando de Menezes, e Joaõ Fernandes da Arca, e Fernaõ de Andrade, e os mandàraõ ao arrayal. Niſto ſoube o Infante D. Henrique como os Mouros tinhaõ ordenado de os cativarem todos ao recolher, ſe entraſſem pelo albaquar da Villa, e fez

mudar o palanque sobre o mar, e por alli fizeraõ o recolhimento muyto contra vontade, e a pezar dos Mouros, que os combatèraõ por vezes, e provàraõ se os poderiaõ entrar atè fim do embarcar; e lhes matàraõ huns cincoenta, ou setenta homẽs dos que ficàraõ na retaguarda. E ao Domingo seguinte dia de Santa Eyria se deo fim ao recolhimento; e aquelle dia, e no outro se partio toda a frota dalli, sem mandarem algum recado ao Infante, o que fez entender, que o Infante D. Henrique seu irmaõ era morto; e tomou por elle grande nojo, e tristeza; e o que mais lhe fez suspeytar o que temia, era ouvir dizer

que

que Christaõs foraõ mortos da retaguarda, mòrmente que elle tinha, que se seu irmaõ fora vivo, naõ partiria dalli, sem lhe mandar recado: e chorando dizia, para que fora seu offerecimento, se naõ aproveytava à principal pessoa, por cujo respeyto, e amor elle tivera por bem empregada sua morte. Além disto que elle tinha por certo, que aonde seu irmaõ morresse, naõ seria desacompanhado de gente de preço, e valor, que era huma perda irrecuperavel. E dizia mais. Eu sey bem, que por se dar vida a essa gente, q̃ viva he, elRey meu senhor naõ duvidará dar Ceuta, e outra cousa melhor; mas que coraçaõ será o

ſeu, quando ſouber a morte de ſeu irmaõ, que tanto amava, e aſſim meſmo minha prizaõ, de que terá muy grande ſentimento. Tanto nojo tomava, e tal pranto fazia, que os ſeus o naõ podiaõ conſolar, ainda que ſe moſtraſſem quinhoeyros em ſua triſteza. E niſto mãdàraõ os Mouros a dous Chriſtaõs, que foſſem à praya do mar ver os mortos, e por ventura achaſſe entre elles o Infante D. Henrique, e todavia o naõ achàraõ, e entre todos os mortos naõ viraõ homem, que foſſe de preço, que todos eraõ de pé, e eraõ por conto ſecenta e tres. A' terça feyra ſeguinte mandou Çalabençala, que levaſſem o Infante para Arzilla,

e hiaõ

e hiaõ cavalgados huns em oſſo, e outros em albardas, outros em cellas velhas, e quebradas em ſima das beſtas, que foraõ do arrayal, fracas de fóme, e meyas cegas de ſede. E pozeraõ (como para eſpectaculo) ao Infante, e aos ſeus à porta da Villa, aonde os viſſe aquella multidaõ de gente Mouriſca, que ſe queria partir para ſuas terras, e vinhaõ alli todos como a ganhar perdoens. De cada hũ eraõ injuriados, cuſpidos, e eſcarnecidos, e delles lhes lançavaõ pedras, e aſſim os tiveraõ por eſpaço de duas horas, até que Çalabençala foy preſtes com ſua gente, e os levou todo aquelle dia ante ſi, até chegarem a Arzilla. Pelo caminho

tinhaõ grande oppressaõ com as muytas gentes, camellos, e gados, em tanto que escassaméte podiaõ por entre elles passar, e era-lhes forçado irẽ por fóra do caminho; e assim passáraõ com muytas injurias, e opprobrios de todos por onde chegavaõ. Antes que chegassem a Arzilla huma legoa, achàraõ moços, que os vinhaõ esperar ao caminho, e como se chegavaõ mais, sahiaõ os homens, todavia muy poucos; e junto da Villa estavaõ as mulheres, que eraõ muytas, e Christaõs da terra, e merçadores Genovezes, e alguns Castelhanos, e Judeos. Todos os da terra faziaõ grande alegria, e tangiaõ anafis, e adufes, e atabaques, e di-

e diziaõ muytos cantares, e a Villa estava toda embandeyrada pelos muros. E posto que elles de fóra mostrassem tanto contentamento, o contrario tinhaõ dentro, porque todos tinhaõ razaõ de serem muy tristes, pois naõ havia alli homem, nem mulher naquella sazaõ, a quem naõ ficasse morto na batalha pay, ou irmaõ, ou parente muy chegado. Os feridos eraõ infinitos; porque o almazem que o Infante levava, q̃ em aquelle combate foy despezo (e pela mayor parte empregado) eraõ trezentas mil settas, a fóra o que cada hum levava sobre si; assim que os Mouros mortos se naõ podiaõ cõtar, e muyto menos os feridos.

Donde o Author desta Chronica dà testimunho, q̃ ouvio dizer em Fez a hum Judeo Cirurgiaõ, que sómente dos feridos, q̃ a Fez vieraõ, elle tiràra entaõ passante de três mil settas, a fóra o que outros tiravaõ. Ainda géralmente todos se doiaõ pelo Infante D. Henrique, e pelos outros Capitaens, e gente, que escapàraõ de suas maõs, em que cuydavaõ que os tinhaõ, com que entendiaõ de applacar seu pezar, e vingar seu dano. E além de tudo Çalabençala se doia por lhe levarem assim seu filho primeyro, o qual naõ imaginava cobrar sem grande trabalho. Quãdo foraõ dentro da Villa, era já quasi Sol posto, e em quanto alli esti-

eſtiveraõ, foraõ muy bem guardados, mais de viſta, que de aſpereza de priſaõ, ou outro deſarrazoado apartamento. Ao Infante ſe lhe naõ podia tirar da preſumpçaõ, ſenaõ que ſeu irmaõ o Infante D. Henrique era morto; e Çalabençala lhe deo hum Alfaqueque de Alcacer-Ceguer, o qual levou ſuas cartas a Ceuta, por ſaber ſe era verdade, que era vivo ſeu irmaõ, ou naõ. E aſſim ſe partio de Arzilla o Alfaqueque aos vinte e dous dias de Outubro.

CAPITULO XIV.

De como o Infante D. Henrique chegou a Ceuta, e logo cahio em cama; e o Infante D. Joaõ veyo a Ceuta em soccorro, e levou o filho de Calabençala a Arzilla, e a tormenta os lançou no Algarve.

Recolhido o Infante Dom Henrique à frota (como está dito) porque os Mouros lhe naõ sustentàraõ com verdade seu contrato, e os combatiaõ cada dia com seus ardís, trabalhando se os poderiaõ entrar, dandolhes cõbates reaes; e naõ cessavaõ de lhes continuamente tirarem com

settas,

ſettas, e pedras, com que matàraõ alguns, e feriraõ muytos; e todavia já lhes naõ davaõ os combates reaes, porque ſe ſentiaõ eſcarmentados dos outros combates paſſados: e cativando-lhe os feridos, que elle mandava aos navios, por ver ſe teria toda a gente dos Chriſtaõs ſegura ſahida, quando ſe quizeſſem recolher; e vendo como Deos lhes fizera mercè, que foſſem em ſalvo por ſua força, e poder contra vontade dos Mouros, que vieraõ traz elles, e matàraõ os ſecenta homens da retaguarda, mandou, que nenhum da frota ſahiſſe fóra a terra; pelo que os Mouros poderiaõ bem conhecer ſeus enganos, e lhes poderem

derem fazer pouco dano, pois Deos por sua misericordia livràra os seus de suas maõs. E logo o Conde de Arrayolos, e o Bispo de Evora, e os mais Capitaens se foraõ caminho de Portugal. E o Infante D. Henrique se foy direyto a Ceuta com firme proposito de se naõ partir dalli, atè que de todo se concertasse a liberdade de seu irmaõ; e chegou a Ceuta à segunda feyra, e adoeceo logo nesse dia, e cahio em cama, pela continuaçaõ das armas, e pelos grandes trabalhos, que sofreo no palanque; e por ventura muyto mais por deyxar seu irmaõ no estado, em que ficava, que bastava ser de cativo. A' quarta feyra seguin-

guinte chegou a Ceuta o Infante D. Joaõ, que vinha com foccorro do Algarve; e ambos os Infantes tiveraõ confelho, que o Infante D. Joaõ fe tornaffe logo, e que foffe fobre o porto de Arzilla, e que levaffe comfigo o filho de Çalabençala, mandando-o dizer a feu pay. E que vifto como os Mouros lhe quebràraõ o contrato todo, lhe quizeffe entregar o Infante feu irmaõ, e recebeffe feu filho. E fe por ventura naõ quizeffe condefcender nifto, nem ufar de razaõ, que elles muy juftamente entendiaõ pela efpada livrallo. E com efte acordo fe partio de Ceuta o Infante D. Joaõ via de Arzilla aos vinte e nove dias de

Outubro. E tanto que chegou ante o porto de Arzilla com o dito filho de Çalabençala, e com certos Mouros, que o Infante Dom Henrique levàra comsigo do palanque, (naõ lhe tendo dado seguro, que elles naõ hiaõ salvo por pedir cousas do despojo) antes que fallassem em cousa do contrato, lhes sobreveyo taõ grande tormẽta, que os fez levar ancora dante o porto, correndo com assás risco da vida até chegarem ao Algarve, trazendo, como levàraõ, o filho de Çalabençala, e os mais Mouros. Depois disto chegou o Alfaqueque de Ceuta com cartas do Infante D. Henrique, em que lhe certificava sua vinda, e tençaõ. E

em

em ſete meſes, que o Inſante eſteve em Arzilla nunca o deyxàraõ muytas enfermidades, de que foy em tanta fraqueza, que a mayor parte do tempo jazia em cama, as quaes elle ſofria com muyta paciencia. E nunca por eſta cauſa, nem hum ſó dia deyxou de rezar as Horas Canonicas, ſegundo ſeu devoto coſtume. Em muyto jejum, e oraçaõ paſſou ſeu tempo, obrando ſempre miſericordia com todos os Chriſtaõs, que alli achou cativos, dos quaes reſgatou huns doze, e a todos os mais cativos mandava cada dia dar de comer, e todos veſtia ſecretamente por maõs dos mercadores, que por ſi naõ ouſava de lhes fazer iſſo.

to: E como o Infante Dom Joaõ fosse partido do porto de Arzilla nos navios, veyo Çalabençala onde o Infante jazia, e trouxelhe os contratos feytos sobre Tanger. O dos Christaõs era assinado por ambos os Infantes, e pelo Conde de Arrayolos, e pelo Bispo de Evora, e pelo Marichal, e pelo Capitaõ, e por outros senhores do Conselho. E o dos Mouros por Lazeraque Alguazil mòr, e Regedor delRey de Fez, e por Mancor Beuzia seu irmaõ senhor de Bellez, e por Çalabençala senhor de Tanger, e de Arzilla, e por Laenesenhor de Mequinez, e de Çallé, e pelos Çalas, e Faquiis Abedella, Abeducii, e Mahomede Car-

Carraz, e por outros; dizendo o dito Çalabençala assim ao Infante: Vòs manday o traslado destes contratos a elRey de Portugal vosso irmaõ, e escreveylhe, que me mantenha a verdade, que vosoutros comigo tratastes, pela qual me vos deraõ em penhor; porque vos digo, que eu atégora nunca faltey a algum Christaõ de cousa, q̃ com elle tratasse, e tal fama acharáõ pelos que comigo trataraõ. Mòrmente que bem sabeis quanto eu fiz por se firmar este contrato, e que vosoutros Christaõs naõ recebestes mais dano; o que cuydo me he mal agradecido, posto que me ora elRey escrevesse, que mo agradecia muyto. E com es-

tas razoens concluío, e se foy; è nunca mais dalli por diante quiz vir ver, nem fallar ao Infante, só lhe mandava seus recados por hũ Judeo, que era turgimaõ. E em estes dias se finou de camaras Mestre Fr. Gil Mendes Confessor do Infante, e foy alli enterrado na Igreja dos Christaõs mercadores; e dalli foy levado seu corpo a Ceuta, è por mandado do Infante, de Ceuta a Portugal. Adoeceo assim mesmo de camaras Rodrigo Esteves o amo, e quizera-o mandar o Infante a Portugal, e naõ o qpia consentir Çalabençala, até que por elle entrou por arrefens seu filho Pedro Rodrigues.

CA-

CAPITULO XV.

De como elRey D. Duarte teve cortes, e conselho se daria Ceuta aos Mouros. E do requerimento que fazia Çalabençala ao Infante Dom Fernando, e da reposta do Infante, e seu razoamento.

AO tempo que elRey Dom Duarte de Portugal teve as novas do perigo, em que estavaõ seus irmaõs, e vassallos, que eraõ cercados de tanta multidaõ de gente Mourisca, tomou por isso tanta tristeza, como era razaõ, cà naõ lhe podia vir perda, que se à esta comparasse, se no perigo hou-

vesse a que diziaõ, e jà julgavaõ. E quando soube de como eraõ livres, foy logo no principio de tençaõ para dar Ceuta. Todavia teve cortes sobre isso, aonde acordàraõ, que se naõ dèsse Ceuta, mas que elRey trabalhasse por tirar seu irmaõ por outro preço, ou por guerra, ou por dinheyro. E como isto foy acordado, mandou elRey ao Infante D. Henrique, que se viesse de Ceuta; o qual se veyo ao Algarve, e ahi esteve para ser mais prestes nas cousas, que pertencessem ao livramento de seu irmaõ. E neste tempo lhe commetteo elRey, que tomasse o regimento, e governo de Ceuta, como d'antes tinha, o qual lhe elle deyxa-

deyxàra, quando fora para Tanger. E o Infante D. Henrique o naõ quiz aceytar por lhe naõ dizerem, que elle estorvava a entrega de Ceuta por algum proprio interesse, que lhe nisso interviesse. E por causa das cortes, e dos conselhos, que faziaõ sobre isto em Portugal; (naõ obstante que este santo Infante escrevesse por seu livramento o melhor que entendia) Çalabençala se anojava da perlonga, por naõ ver o recado, que esperava. E mandou dizer ao Infante, que avisasse seu irmaõ elRey, lhe acodisse com o promettimento de Ceuta, como era conteùdo no contrato; e que o tirasse de seu poder sem mais dilaçaõ;

çaõ; e tanto que naõ, elle o mandaria a elRey de Fez, como era obrigado; porque a principal pessoa da naçaõ Mourisca, que o viera descercar, fora elRey, e q̃ com essa condiçaõ o recebera em seu poder. E isto tudo escreveo este Infante a elRey, e à Rainha Dona Leonor sua cunhada, e aos Infantes seus irmaõs. E porque elle tinha jà recebido alguns recados do Infante D. Henrique, por onde se mostrava ser razaõ naõ manter aos Mouros o contrato, que com elles fizeraõ, mandou o Infante por aquelle turgimaõ commetter a Çalabençala estes partidos com as razoens, que se seguem.

Razoamento do Infante.

VOs Çalabençala deveis saber a licença, que tem, e força à necessidade, aonde ella se atravessa. E porque sabido he o perigo, e extremo, em que estavamos no palanque ao tempo, que com vossa pessoa fizeraõ o contrato, por ser feyto constrangidamente, em alguma parte naõ devia ter valor. E justo he naõ manter fé, a quem a primeyro quebranta. Principalmente que o Infante D. Henrique meu irmaõ naõ tinha poder para vos dar Ceuta sem mandado, e vontade delRey meu senhor: Mas todavia no peyto delRey meu senhor

nhor eſtá de vola dar, ou naõ. E que vola dé, pois dizeis, que logo a haveis de entregar a toda a naçaõ Mouriſca, naõ vejo proveyto, que da entrega de Ceuta ſe vos ſiga. Além diſto meu irmaõ allega, eſtas razoens, em que lhe quebraſtes o contrato, naõ partindo para além das ſerras, como ficaſtes com elle, e elRey de Fez, e as cabeças dos Alarves, para ſe elles poderem recolher pela Villa, ou por onde lhes aprouveſſe; e aſſim vindo-os continuamente combater com béſtas, e pedras, trabalhando pelos entrar, ſe podeſſem, e mais cativandolhe ſeus homens feridos, que mandava embarcar aos navios. E além diſto, q tinheis ordenado de cativar,

var, e matar os que podesseis, se entrassem ao recolhimeuto pelo albacar da Villa, de que os Christaõs tiveraõ noticia; e por graça de Deos buscàraõ caminho mais seguro, por onde se recolhèraõ a seus navios, muyto contra vontade, e contentamento dos Mouros, que os impediraõ, se podèraõ; e que elles vieraõ combatellos, e lhes matàraõ a gente da retaguarda. E porque estas razoens saõ fundadas em direyto, e vendo eu a perlonga, que em Portugal se póem em darem termo a esta determinaçaõ, me parece que seria bem de vos concertades com elRey meu senhor, e haverdes por mim algum preço razoado; e que

vos

vos entreguem vosso filho com os Mouros, que lá estaõ com elle: e mais que vos dem lugar para tirardes de Ceuta livremente todo o ouro, e haver, que em ella esconndido ficou do tempo, que elRey meu senhor, e pay, que Deos haja, vola ganhou. (Porque foy este Çalabençala senhor de Ceuta, quando o invictissimo Rey D. Joaõ primeyro de boa memoria pay deste Infante lha tomou com os Infantes seus filhos, por força de armas, convém saber o Infante D. Duarte seu primogenito filho, e o Infante D. Pedro, e o Infante D. Henrique, e D. Affonso Conde de Barcellos, tambem seus filhos. E o primeyro dia, que des-

em-

embarcàraõ em terra, tomàraõ a Cidade no anno de Chriſto de 1415. a 21. dias de Agoſto, aonde ſó oito Portuguezes morrèraõ na tomada. E o Infante D. Henrique fez maravilhas neſta batalha, que ſem falta elle levou o mòr pezo della, e ſe avantajou entre todos, com ſeus irmaõs ſe moſtrarem nella valeroſiſſimos cavalleyros. E depois de alguns annos foy outra vez livre Ceuta pelo Infante D. Henrique, e o Infante D. Joaõ, e D. Affonſo Conde de Barcellos, irmaõs, de mandado delRey ſeu pay, fazendo incrivel eſtargo nos Mouros, que a vinhaõ cercar, veſpera de N. Senhora da Aſſũpçaõ a 14. de Agoſto. E o Infante

ſanto

ſanto D. Fernando naõ foy neſtes caſos por ſer ainda muyto moço.)

CAPITULO XVI.

Da repoſta do Mouro Çalabençala ao razoamento do Infante, eſcuſandoſe de quanto lhe diſſera o Infante.

A'S razoens do Infante atraz referidas Çalabençala reſpondeo, que poſto que os Chriſtaõs tiveſſem neceſſidade de ſalvaçaõ do perigo, em que ſe pozeraõ por ſuas vontades, que por iſſo lhe naõ deviaõ quebrantar ſeu contrato, e que elRey, e elles todos eraõ hum; e o que elles fizeraõ, que elRey era obrigado de o manter. E ao que dizia, que os Mou-

Mouros lhes cativàraõ os feridos, que nisto naõ tinha elle culpa, que se os entregàraõ a elle, ou aos seus, que elle lhes dera cõta delles, mas se os entregàraõ a gente, que elle naõ conhecia, e em quem naõ tinha poder, que se sofressem com o que lhes aveyo. E que quanto era aos Mouros, que os combatèraõ, que isto era muy pequena maravilha de gente estrangeyra vir ver os Christaõs, e ainda de lhes lançarem algumas pedras; que jà todos foraõ Christaõs, e huns contra os outros, se naõ podèraõ reter que assim o naõ fizessem. Mas que ahi naõ viera gente grossa nem Capitaõ, e que mais perda recebèraõ dalli os Mouros dos

Christaõs, que os Christaõs dos Mouros. E do engano, que diziaõ, que lhes quizeraõ fazer, se entràraõ pelo albacar da Villa, que naõ era assim. Que a Villa era sua, e que se elles se pozeraõ em seu poder, que por todo o mundo elle naõ consentira, que lhes fizessem engano; mas que isto eraõ razoẽs, que se allegavaõ sem prova. E que ao que tocava aos que lhes matàraõ no recolhimento, que disto foraõ os Christaõs bem merecedores, porque lhe levavaõ presos seus Mouros, que hiaõ seguros para receber o despojo. Naõ obstante que elle, nem sua gente foraõ alli, ainda que tivèra razaõ, porque com os outros Mouros lhe le-

levàraõ preſo hum ſeu Alcayde. E quanto he ao que lhe commettia, que tomaſſe por elle dinheyro, q iſto naõ faria por couſa que foſſe, que melhor couſa naõ podia ter, nem poſſuir mayor riqueza, que ganhar boa fama, na qual tinha huma nodoa deſde a tomada de Ceuta, que a mayor parte da naçaõ Mouriſca dizia, que elle a vendèra a elRey Dom Joaõ ſeu pay; e que ſe agora trataſſe, que ficaſſe a Cidade com os Chriſtaõs, que a primeyra culpa, poſto que mentiroſa, ſe moſtraria por eſta ſegunda ſer verdadeyra, e a derradeyra de muyto mayor engano, e malicia ſeria. E do haver, e dinheyro, que lhe ficàra em Ceuta,
 naõ

naõ tinha cuydado, nem fazia tanta mençaõ de seu filho, cà elle tinha outros, a que mayor bem queria; e que de filhos naõ era muyto maviofo, porque já a hum fizera degolar; e que elle para grandes feytos tinha coraçaõ; que já fizera Reis, e matàra Reys, e depozera Reys. E que elRey seu irmaõ visse o que por elle queria fazer, q́ elle todavia doutra cousa naõ curava, senaõ de haver Ceuta.

As quaes razoens o Infante naõ ousou de replicar mais, por estar em seu poder, naõ por ellas serem verdadeyras; cà manifesto era, que tudo aquillo dizia por encobrir seus enganos, e dar cor a suas mentiras; que elRey naõ tinha outra

obri-

obrigaçaõ neste contrato, senaõ quanto elle quizesse. E ao que dizia, que os feridos fossem a elles entregues, aonde achariaõ a elle para lhos entregar. Além disto que o contrato era, que os Mouros os deyxassem recolher em salvo por onde lhes aprouvesse. E se elle via que naõ havia por onde poder ser com aquella gente, porque os segurava delles? Dissera que tinha com elles firme contrato, e que logo os faria todos dalli partir, mayormente que ao pelejar, e combater hia de mistura a gente de Çalabençala, os quaes vinhaõ da Villa, e a ella se tornavaõ. E bem se mostra claramente elle ser consentidor em todo o que-

brantamento do contrato, porque o estorvava contra o que era obrigado, e que lhes naõ fazia dar lugar, por onde se recolhessem; o qual os Christaõs requerèraõ, e fizeraõ mostra de lho quererem dar affastando-se do palanque, e cativàraõ entaõ quantos alcançàraõ fóra: e ainda que bem sabia Çalabençala, como os seus juntos, convém saber, òs de Fés, e os de Tafillete, e Alarves vieraõ dizer ao palanque, que naõ manteriaõ o contrato, se lhe naõ dèssem dozentas cotas; e assim nunca já mais cessáraõ de os combater, até que se recolhèraõ. E ao que dizia, que o Infante D. Henrique cativàra seus Mouros, que hiaõ para receber

ber o deſpojo, tal couſa naõ era aſſim. Que ſe o Infante lhes dera ſeu ſeguro, ſem duvida ellẽ o mantivera muy inteyramente; mas a cubiça do intereſſe os cegou para naõ quererem outro ſeguro; e a ouſadia, que tinhaõ para taõ ſómente com elles entrarem, era porque cuydavaõ, que os Chriſtaõs ſe naõ podeſſem a ſeu ſalvo recolher.

CAPITULO XVII.

De como estiveraõ os Christaõs em partido com os Mouros para darem o Infante por dinheyro, e como os Mouros trabalhavaõ de o levar a Fés.

PAssadas todas estas razoens, considerando este Infante como Çalabençala era de tençaõ de o mandar a Fés, se seu recado em Portugal tanto tardasse; ouvindo a mà nomeaçaõ de Lazeraque, a cujo poder havia de ir, se o là mandassem, o qual em malicias, e cruezas excedia todos os peyores de sua seyta, conhecendo a fraque-

fraqueza da carne, e sua delicada compleyçaõ em tempo de tanta enfermidade, temendo a aspereza dos futuros trabalhos, escreveo a elRey todas as razoens, que havia para o livrar de tanto perigo; e temidas tribulaçoens, pedindolhe por mercè houvesse delle piedade, e compayxaõ de sua attribulada vida, a qual se fizera fim no primeyro offerecimẽto do palanque, naõ tivera mais que se queyxar, nem recear. E tardou tanto a reposta deste requerimento, que parecia seu livramento pòrse em fórma de litigio, e em mister de favor, e ajuda de procuradores; e por mais accrescentar no que devia fazer, escreveo a elRey, q̃ lhe man-

mandasse certo aparelho, com o qual (Deos querendo) tinha esperãça de fugir com os seus dalli, e se acolherem ao mar; e assim teriaõ todos juntamente liberdade sem outro preço, ou resgate; que quanto era avẽturarse só elle a escapar, ficando os seus em perigo, que o naõ faria por cousa da vida; que já alguns partidos lhe eraõ commettidos da parte do Infante D. Henrique, e pelos seus naõ ficarem em perigo, e ainda porque se haviaõ de fiar em homem Castelhano, e de pouca autoridade, se naõ quiz a isso dispòr. Neste tempo o Conde de Villa-Real, que entaõ estava por Capitaõ em Ceuta, mandava seu irmaõ D. Sancho

a tra-

a tratar com o senhor de Bellez, que concertasse com seu irmaõ Lazeraque, que dèssem o Infante por dinheyro, e que elle seria satisfeyto de seu trabalho. O qual debayxo de mostras de desejo para o fazer trabalhou, como por engano houvesse à maõ o dito Dom Sancho, mas foy Deos servido de o elle saber, e guardarse. Além disto elRey de Castella ordenou de mandar Embaxadores a Çalabençala, que concordasse em darem o Infante por dinheyro, e tanto que naõ, elle lhe prohibiria o trato das mercadorias, que haviaõ de seu Reyno, donde lhe vinha a mòr renda, que tinha. Tendo Çalabençala disto noticia, em quanto

to se faziaõ prestes aquelles Embaxadores para virem, o fez saber a Lazeraque, o qual lhe mandou os Çallás, s. Audacem, e Carraxay, escrevendolhe que por elles lhe mandasse o Infante com os seus: que em quanto alli tivesse o Infante junto do mar, nunca por al trabalhariaõ os Christaõs, senaõ de o haverem por dinheyro. Des que estes Çallás vieraõ a Arzilla, foy posta muy grande guarda sobre o Infante, e sobre os seus. Passadas muytas razoens, e quebrantados muytos promettimentos, que Çalabençala mandou fazer ao Infante, que o naõ tiraria de seu poder, houve-o todavia de entregar àquelles seus

Çal-

Çallás, que o levaſſem a Fés. Eſtando para partir, chegou Fernaõ de Andrade com carta delRey de como vira o que lhe eſcrevèra ſobre ſua fugida, e que tivera conſelho com os que o mais amavaõ, e que lhe mandava dizer, que de tal fugida ſe naõ encarregaſſe, que o naõ amava, nem prezava taõ pouco, que em tal riſco, e ventura o quizeſſe pòr.

CA-

CAPITULO XVIII.

De como os Mouros levàraõ para Fés ao Infante D. Fernando; e aos seus muy crua, e descomedidamente, e como em o caminho foy maltratado, e elle o sofria com grande paciencia.

PAssados 25. dias de Mayo, em hum Domingo pela manhã levàraõ de Arzilla a este senhor para Fés, e com elle os seus, s. Pedro Vaz seu Capellaõ, e Joaõ Rodrigues seu Camareyro, e Joaõ Alvares seu Secretario, e Mestre Martinho seu Fysico, e Fernaõ Gil seu guardaroupa, e Joaõ Lourenço seu aposentador, e Joaõ Vaz seu

ſeu coſinheyro mòr, e Joaõ de Luna homem do forno, e Chriſtovaõ de Luviça Alemaõ homem da repoſta, e Meſtre Joſepe Judeo Cirurgiaõ, que levava carta de ſeguro de Çalabençala para ſe logo tornar. Os quatro fidalgos, que eſtavaõ por arrefens de ſeu filho, e Pedro Rodrigues ſeu collaço do Infante ficàraõ em Arzilla, que os naõ quiz largar Çalabençala; o qual mandou dizer ao Infante, que ſe elRey de Portugal ſeu irmaõ ſe determinaſſe claramente em ſeu negocio, ſoubeſſe certo elle Infante, que a cavalgadura, que dalli o levava, eſſa meſma o tornaria; e mais que elle poderia levar comſigo dinheyro,

e quan-

e quanto quizesse, que nenhuma cousa lhe seria tomada; porque elle o escrevèra assim a Fés, e que assim o fariaõ. O que deo atrevimento ao Infante para levar roupa, e as mais cousas, que eraõ importãtes para suas necessidades; o que tudo depois lhe foy tomado (como adiante se dirá.) E fizeraõ cavalgar aos do Infante sobre as bestas carregadas, e ao Infante em sima de hum magro sindeyro desferrado, e o freyo atado com tamiças, a sella velha, e remendada, os arçoens rotos, e despregados, que bem parecia cousa feyta por escarneo. Nesta besta fizeraõ cavalgar ao Infante; e lhe meteraõ huma vara na maõ. Ao des-

despedir dos que ficavaõ em Arzilla, se fez muy grande pranto de cada parte, dizendo aquelles Fidalgos ao Infante: Senhor, lembre-vos com quaõ excellente caridade vos metestes nas maõs deste trabalho por serviço de Deos, e livramento de tantos, que a vida de nòs todos está na vossa; por mercè vos pedimos vos esforceis, que a Deos prazerá, que esta vossa ida seja por melhor. E quanto he à nossa parte, Deos sabe quanto nos prazeria irmos em vossa companhia, e sermos comvosco em a vida, e em a morte, mas naõ podemos al fazer. E beyjàraõ a maõ ao Infante, e abraçaraõ-se os outros, entre os quaes se fazia muy

 gran-

garnde pranto, e havia muytas lagrimas. O Infante se volveo para elles com os olhos cheyos de lastimosas lagrimas, e disse: Deos seja cõ vòs outros, e vos guarde como eu queria: rogay a Deos por mim, cà muyto me dá na vontade, que mais vos naõ verey. Assim que cavalgados, levàraõ para Fés o caminho das serras, que saõ muytas, e de grande povoaçaõ, cà naõ ousàraõ de ir pelo campo com temor dos Alarves, porque assim hiaõ apercebidos, que vinte homens, que vieraõ bem concertados, o tomàraõ a seu salvo. A cada povoaçaõ que chegavaõ, faziaõ-no saber primeyro, e sahiaõ-nos a receber moços, e mulheres,

que

que os homés poucos appareciaõ, porque andavaõ em ſeus negocios, e perguntavaõ pelo Rey dos Chriſtaõs, e pelos outros quem eraõ, e metiaõ os nomes delles em cantigas, e faziaõ eſcarneos, e cuſpiaõ-lhes nos roſtos, e delles lhes lançavaõ pedras, e lhes tiravaõ com çambarcos, e pàos. Aſſim paſſavaõ com elles, atè os pòrem aonde os haviaõ de decer. E antes do povoado toda a gente delle os vinha ver, e faziaõ delles eſcarneo, e jogo, atè que ſe cerrava a noyte. E quando os metiaõ em caſa, no chaõ era ſeu alojamento, e cama, ſalvo do que levavaõ, que taõ ſómente nem queriaõ conſentir que o Infante ſe aſ-

ſentaſſe em ſuas eſteyras delles, nem eſtiveſſe em ſeus lugares, dizendo (lá a ſeu modo) que naõ era juſto os arrenegados, e excommungados chegaſſem às couſas dos Mouros de Deos. O que lhes davaõ, naõ era como para homẽs, mas como para caẽs, nem queriaõ que comeſſem em ſua louça, nem vaſos; de todos eraõ lançados como immundos. Alguns Mouros havia, que logo quebravaõ panella, pucaro, ou eſcudella, em que Chriſtaõ metteſſe a maõ. Quem poderá contar a paciencia, e humildade, com que eſte ſenhor ſofria taes injurias? De tudo ſe ria como de couſa, q̃ nada lhe tocaſſe; e com taõ bom animo, e deſen-

volvi-

volvimento tinha eſtas couſas em pouco,que parecia,naõ a elle, mas a outrem ſerem feytas. E dizia que huma vez lhe deſſem de comer, que a vir çujo, ou de mà vontade ſe lhe naõ dava nada,que comia, e comeſſem por viver. E aſſim andàraõ ſeis dias continuamente por caminhos de portos, e muy fragoſos, que eſcaſamente podiaõ andar.

CAPITULO XIX.

De como na entrada do Infante em Fés pregoàraõ, que todos os Mouros saissem a vello; e como foy aposentado em Fés.

AO sabbado ultimo dia de Mayo, que entaõ era vespera de Pentecostes, chegàraõ a Fés; e hum pouco antes da Cidade, aonde he o cemeterio, e sepultura de seus Mouros, os detiveraõ, até que viesse toda a gẽte da Cidade, que com pregaõ era chamada. E depois espaço de huma hora partiraõ para a Villa, o Infante de cavallo, e os outros de pè ante elle, e gastàraõ bem tres horas em chegar

gar à pousada: a gente era muyta, e sem conto, e estranha de ver, assim pela multidaõ, como por seus differentes trajos, e apparencias deshonestas: as vozes, gritas, e alaridos eraõ muytos, e grandes, e por força podiaõ ir adiante. Certos Mouros os guardavaõ da gente, e lhes faziaõ dar lugar com espadas nuas, e pàos, com que davaõ muytas pancadas. Metèraõ-nos dentro pela porta da Villa nova, atè chegar ao alcaçar del Rey. E quando entràraõ no lugar do conselho, a que chamaõ o Mexoar, fizeraõ descalçar o Infante, e os seus, e os fizeraõ assentar todos juntos no chaõ; e por entaõ naõ lhes quiz fallar Lazeraque,

por lhes mostrar fausto, e estado nisso, nem viraõ a elRey: e os escreverãõ todos por nome, e os entregàraõ alli todos a Benzamago Alcayde da Çaquifa, que he como Alcayde do castello; e os levàraõ logo a humas casas muyto fortes, aonde lavraõ a moeda, e fazem as obras delRey, e chamaõ-lhe a Tarecena. Quando entràraõ, achàraõ dentro alli servindo em ferros dous Christaõs Portuguesses, que se dizia haverem-se lançado com os Mouros do palanque, a hum chamavaõ Alvareanes, e ao outro Diogo Delgado. Estes mostràraõ ao Infante, e aos seus a masmorra, e os ferros, que para elles faziaõ, e ainda lhes disseraõ mais,

mais, que elles ouviraõ dizer, que a cada qual delles haviaõ de cortar hum pé, e hũa maõ. Com taes contentamentos, e novas foraõ alli recebidos, e aposentados em huma daquellas casas de sima dos sobrados, a que mandaraõ tapar todas as janellas, e frestas, de sorte que sem candea se naõ podiaõ ver dentro; e logo trouxeraõ aquelles dous Christaõs para companhia do Infante, e dalli em diante sempre andàraõ com elle. A seguinte noyte aquelles ministros de Satanás naõ cessáraõ de trabalhar por darem fim à obra da masmorra, e prisoens, com que os haviaõ de atormentar: os quaes de sua parte vigiavaõ como aquelles

les, que não eraõ certos do que lhes no dia seguinte aconteceria, e remiaõ o que mais receavaõ. Ouvindo o Infante algumas razoens de temor, que os seus davaõ entre si, falloulhes nesta maneyra.

Falla do Infante aos seus.

NO'S estamos aqui, aonde naõ val temer os trabalhos; mas cobrar novo esforço para os sofrer. E naõ pela multidaõ dos inimigos, nẽ por nòs sermos poucos, nem pela estranheza da terra nos convém esmayar, mas devemos esperar nas muytas mercês de nosso Senhor Deos, com que sempre costumou ajudar os seus.

E

E posto que peccadores sejamos, Deos he sabedor, que eu por amor, e serviço seu sou vindo a este estado, trazendo-vos comigo por companheyros. Pelo que devemos trabalhar como bons Christaõs, que se vontade for de Deos façamos aqui fim, creyo firmemente, que elle nos faça herdeyros de sua glória. E se nos elle daqui tirar, elle mesmo nos proverá do que houvermos mister.

Des que veyo a manhã, os Mouros acabàraõ suas obras, e ordenàraõ que por entaõ lhes não innovassem outros tormentos, até passar sua Pascoa do Carneyro, que seria dalli a quatro dias. Concertàraõ entaõ que os homens do Alcay-

Alcayde de dous em dous os guardassem hum mez continuadamente cada hum; que alguem de fóra os naõ visse, nem lhes fallasse. E que os Christaõs se fossem a fazer suas necessidades duas vezes ao dia; dando lugar aos porteyros que lhes comprassem do seu dinheyro de comer. E por industria daquelles dous Christaõs, que alli achàraõ, escreveo o Infante a hum mercador de Malhorca alli estante, chamado Mousem Christovaõ de Xallão, e teve com elle tanto conhecimento sómente de ouvida, que não de vista, que lhe emprestava com que se mantinhão. E por cousas do Infante foy por vezes prezo, e açoutado, e roubado de

de quanto tinha. E andando em seu serviço morreo de camaras.

CAPITULO XX.

Da geraçaõ, e màos costumes de Lazeraque; e como elle fez subir ao Infante em huma torre alta para ver a muyta gente, que se juntava ao degolar do carneyro para sua Pascoa; e como depois foy metido em a masmorra com os seus, em quanto mandava hum Judeo a Portugal.

DEsta maneyra foy metido este senhor no poder do mais cruel homem, que se no mũdo podia dar, tanto q̃ a grãdeza de suas malicias, e crueldades o chegàraõ

gàraõ a termos de ſer vilmente por dous vís homens morto (como adiante no fim deſta Chronica ſe dirá.) Lazeraque lhe chamavaõ, porque tinha os olhos gazeos, cà o ſeu nome proprio era Bazaquary, da geraçaõ chamada Beviotacy, e da parte do pay era da dos Marins, e da mãy deſcendia de Chriſtaõs. Eſte taõ mào fruto, que não devèra naſcer, além de ſer mào por natureza, teve a criaçaõ, e os coſtumes de Alarves, ſalteador de caminhos, e roubador: era na idade mais pequeno que todos ſeus irmaõs, e creſceo mais em malicias, e multiplicou enganoſamente ſobre elles em ſenhorio, e poder. Com ſutilezas,

zas, e falſidades desherdou dous Marins filhos de Bucarde Rey de Fés; e privou o Dalgazys Çalabençala, e Lachene; e levantou por Rey Abdelão que era terceyro filho do dito Bucarde. E com eſte moço ſe meteo em poſſe de Fés, e a ſubjugou de tal modo, que degolou todos os Mouros grãdes poderoſos da terra, e roubou os ricos de alhea affeição, e os moços de grande ſangue poz em priſaõ, e levantou em eſtado, e poſſe em lugar dos Marins a carniceyros, eſcravos, e vís peſſoas. Aſſim atemorizou toda a terra, que o poder, rendas, e honra attribuio a ſi, e ao moço fazia ſer contente de nome de Rey ſómente;

te;o qual se tinha por muyto ditoso cõ amanhecer, e anoytecer vivo, apartando-o de toda a policia, e trato real, e de bom juizo, e conversaçaõ honrosa. Era este Lazeraque servido de todos com muyta reverencia, mas aquella, que está muyto longe do amor, cà tudo se lhe fazia por temor: suas forças, e ardís eraõ enganos, e sutilezas; entremetia em suas cousas muytas palavras brandas de affagos, e hypocresia com ceremonias, que mostrassem honestidade, e vida santa; pelo que entre aquella barbara gente se vendia por santo, e virtuoso. O excesso de seu engano, e sutilezas desmayava a força, e o poder dos mayo-

mayores. Tanto desacoroçoava a toda a gente o temor de suas malicias; e por outra parte os abrandava a doçura de suas palavras, e mostras enganosas, que naõ tinhaõ coraçaõ para o contrariar. Subjugou toda a terra pela costa do mar, de Çalé até Ouraõ; e pelo sertaõ até Marrocos, e Tremecem chegava sua jurisdiçaõ. Este Lazeraque fez casar o seu Rey com huma sua irmã chamada Halu, a qual jà fora casada com hum Marim, e com outros amancebada; e elle casou com huma irmã delRey chamada Millez, que já fora manceba de outros, e tinha outras tres mulheres forras, e dez geraes, ou man-

e cerràraõ ſobre elles huma groſſa porta toda chapada de ferro, com hum groſſo cadeado, e fechadura. E alli eſtiveraõ encerrados até os tres meſes, e mais, havendo ſeu mantimento empreſtado do mercador com grandes peytas, que davaõ ao alcayde pelo conſentir, e com muytos furtos, que os porteyros faziaõ, ſofrendo muytas eſquivanças, e injurias, e apartamento, que lhes faziaõ. Todavia cada dia ouviaõ Miſſa, que todo o aparelho neceſſario para iſſo tiveraõ até eſte tempo, que lhe depois roubàraõ; e recebia a miude os ſantos Sacramentos da confiſſaõ, e communhaõ com grandes jejuns, e muytas oraçoens.

CA-

CAPITULO XXI.

De como lançàrão ferros nos pès ao Infante, e aos ſeus, e o levàrão diante de Lazeraque, o qual o mandou à ſua eſtribaria para penſar os cavallos; e aos ſeus a cavar em ſua horta; e das mais affrontas, que lhe fizerão os inimigos.

JA' erão paſſados quatro meſes, e mais, que o Judeo era partido, e ao ſabbado onze dias de Outubro, era de quatro centos e trinta e oito annos, levantando-ſe o Infante, e os ſeus pela manhã de dormir, entrou dentro naquella caſa da maſmorra o alcayde da

do o viraõ aſſim levar, começàraõ a chorar tanto de coraçaõ, que quem os viſſe conheceria bẽ naõ haver couſa na vida, que mais lhes podeſſe traſpaſſar ſuas almas: e o Infante os olhou, e naõ lhes diſſe mais (por lhe naõ darem vagar) que eſtas ſaudoſas palavras: Vedes como vou? Rogay por mim. Deyxo à conſideraçaõ do brando leytor deſta laſtimoſa Chronica, qual deveſſe ſer a repoſta dos do Infante a taes palavras, e ſe foy da boca, ou dos olhos. Tanto que o Infante chegou àquella caſa, veyo Lazeraque ſobre huns degràos, que eſtavaõ à porta, de pedra marmor, e lhe diſſe: Pois que os Chriſtaõs ſaõ traydores, e me naõ

daõ

daõ Ceuta, que por ti me promettèraõ, tu es meu cativo, e farey de ti o que quizer, e mando-te logo que vás pensar dessas bestas. Ao que o Infante respondeo: Os Christaõs nunca fizeraõ trayçaõ, nem cabe em elles tal nome: mas eu farey o que me mandas, que de cousa, que faça, naõ cuydo, que he para vergonha minha, mas para quem mo manda fazer. E logo lhe meteraõ na maõ huma vassoura, e huma alcofa, e hum rodo, e começou de varrer, e limpar as bestas da estribaria, que estavaõ prezas ao redor daquella horta, e como foy noyte, tornàraõ ao Infante para a casa da massmorra; e os seus jaziaõ já todos cer-

cerrados dentro na cova, que como chegàraõ, nem lugar sómente lhes deraõ para a alimparem, nem para haverem algum paõ, que comessem. Tanto que o Infante foy dentro na casa, requereo aos que o levavaõ, que o metessem na cova com os seus; e elles disseraõ que naõ mandava Lazeraque, que elle por entaõ estivesse na cova: isto era por naõ terem gazalhado, e queriaõ que sentisse mayor pena em aquelle apartamento, que lhe faziaõ. Cerràraõ entaõ as portas os algozes; e os que jaziaõ na cova, chamavaõ ao Infante, e lhe perguntavaõ como se sentia; e elle lhes respõdeo muyto fraco, que naõ comèra desde o outro

dia

dia ao jantar; e de mais pela pena, e trabalho, em que se via, e disse-lhes: Eu vivo sou graças a Deos, mas em me quererem apartar de vòs, me querem apartar da vida, e melhor me seria a morte, que longamente me fazerem penar, e em fim a morte naõ se escusa. Entaõ lhe disseraõ os seus: Pois, senhor, sois vivo, e saõ, seja Deos louvado. Temos tanta esperança, que a vòs por serviço de Deos, e a nòs por vosso amor todos os trabalhos leves seraõ de sofrer; e assim estiveraõ praticando hum pedaço, atè que adormecèraõ de trabalho, e desgosto.

CA-

CAPITULO XXII.

De como o Infante eſcolheo antes com os ſeus cavar na horta, que ficar ſó em a cova, e como intercedeo por ſeus criados, que lhes naõ dèſſem mào tratamento, antes a elle, que ſó era culpado. E do que lhes davaõ a comer, e beber, e do ſeu veſtir, e cama, e da muy aſpera vida, que paſſava.

COmo foy manhã mettèraõ aquelles algozes ao Infante em outra caſa, e tiràraõ os ſeus da cova, e levàraõ-nos a trabalhar à horta do dia dantes. O Infante, que os ſentio levar para fóra, naõ ſaben-

do para onde, foy muy attribulado, de ſorte que eſmoreceo; e os Mouros, quando aſſim o viraõ, foraõ-no dizer a Lazeraque, o qual lhe mandou dizer, que ſe quizeſſe andar fóra com os ſeus, havia de trabalhar como elles. O Infante o eſcolheo antes por melhor, que eſtar alli encerrado ſó; e levaraõ-no à horta, onde os ſeus andavaõ cavando, os quaes quando o viraõ aſſim trazer, enchendo-ſelhes os olhos de lagrimas, lhe diſſeraõ: O' ſenhor, que mal he eſte tamanho? Em tal trabalho como eſte vos querem a vòs metter? E o Infante lhes reſpondeo, que naõ ſe anojaſſem com o que a elle prazia, que o eſcolhèra elle por melhor,

lhor, e que a elle convinha mais de o fazer que a elles; e lançou maõ de huma enxada, e começou de cavar com os outros: des que assim andou hum pedaço, e que Lazeraque soube como o fazia com taõ boa vontade, mandoulhe dizer que naõ cavasse mais por entaõ, q̃ se bom recado naõ viesse de seu livramento, depois seria tempo para mais cavar. E assim andou alli naquelle trabalho com os seus mudandolhes o fato, e chegandolhes a agua, e dandolhes a ferramenta com muyto desemfadamento de animo, e com palavras de tanto esforço, que por esta razaõ elles andavaõ muyto contentes, e esforçados: dahi a pou-

pouco passou perto delle o mayor privado de Lazeraque, a que chamavaõ Lahecencalcal; o Infante pedio lingua, e lhe fallou nesta maneyra.

Falla do Infante terçando pelos seus.

EM conhecimento deve ser vosso senhor, que naõ por força de armas, nem por enganosa via, mas de minha propria vontade eu com estes, qne comigo trouxe, me puz em seu poder, por condiçaõ de Ceuta ser tornada a vosoutros, e a gente de minha ley, e naçaõ ser livre. E ora me parece que elle com agastamento, o furia naõ devia atormentar estes meus,

mens, que alguma culpa naõ tem. Pelo que vos rogo lhe digais, que lhe praza (pois sem razaõ quer obrar) que a mim se torne, e naõ a elles: e quando isto naõ quizer, que a mim faça tanta graça, que como elles houverem de ser tratados, assim o seja eu.

Disto prouve muyto àquelle alcayde, e todos os Mouros o louvàraõ muyto, dizendo que por isso fazia Deos mercè aos senhores Christaõs, porque tinhaõ tanto amor aos seus, e que os seus tinhaõ razaõ de morrerem por seus senhores. Mas com tudo isto nunca com o Infante, nem com os seus usáraõ de alguma piedade. A ordenança do mantimento era dous

paẽs

paés cada dia, como a cada hum dos outros, sem carne, nem pescado; vinho nunca o bebèraõ; o vestido do Infante era hum gibaõ de fustaõ preto, e hum sayo apertado dobrado preto, e hum manto preto muy comprido: e este vestido lhe remendavaõ, e coziaõ, quando era necessario. A cama era debayxo duas pelles de carneyros com sua lã, e sobre ellas hum pedaço de alcatifa velha, e o seu manto por cobertor; na cabeceyra tinha hum molho de feno seco. Ao mercador era defeso sobpena do corpo, e da fazenda, que lhe naõ désse, nem emprestasse cousa alguma. A todos os Mouros era prohibido fallarem cõ elles bem,

nem mal, ſobpena de quinhentos açoutes, no que alguns por vezes encorrèraõ. Eraõ metidos de noyte doze homens, com o Infante na maſmorra, que naõ era feyta para mais que oito. Alli jaziaõ com muyto trabalho, e immundicia; e muytas vezes lhes naõ conſentiaõ, que fizeſſem fóra ſuas neceſſidades: e padeciaõ grande tribulaçaõ de piolhos, e fome, e miſerias, que ſeria largo de contar. ElRey Mouro, e a Rainha ſua mulher vinhaõ fallar ao Infante, e vello àquella horta, e tambem a mulher de Lazeraque, e outras mulheres, e lhe diziaõ muytas palavras de esforço. E quando ahi comiaõ, lhe mandavaõ diſſo, que tinhaõ.

CA-

CAPITULO XXIII.

De como Lazeraque mandou dizer ao Infante a morte delRey de Portugal D. Duarte seu irmaõ, e do pranto, que por elle o Infante fez.

ANdando este senhor Infante trabalhando com os seus naquella horta, lhe mandou dizer Lazeraque, que havia novas, que elRey de Portugal era morto. E quando isto ouvio o Infante, mudou-se todo, e esteve assim como pasmado, mas todavia cuydou, que lho mandavaõ dizer, pelo desconsolar, e naõ por ser assim. E dahi a pedaço disse aos seus: Se isto

he verdade (o que Deos naõ mande) eu tenho recebida a mayor perda, que homem neste mundo receber podia: que em elRey meu senhor eu tenho perdido hum taõ bom, e verdadeyro amigo, e taõ grande ajuda, como mayor naõ posso dos homens ter, nem haver. E assim vos digo, que se elle morto he, que a minha vida com meu cativeyro ambos faraõ juntamente fim; o que foy referido a Lazeraque de como o Infante estava, e o que dizia, e respondeo, que naõ poderia jà mayor pena tomar, que por jazer em seu cativeyro. Seguiraõ-se assim alguns dias nestes tormentos, que com muyta adversidade passáraõ,

co-

como homens, que nunca em tal ſe cuydàraõ ver, ſem terem favor, nem eſperança mais que em Deos, e no grande esforço, que recebiaõ do Infante ſeu ſenhor. E porque as más novas voaõ apreſſadamente com azas ligeyras para preſtes chegarem a quem haõ de perſeguir, aos ſete dias de Novembro ſeguinte mandou moſtrar Lazeraque huma carta ao Infante, que lhe mandava de Arzilla Fernaõ da Silva Eſtribeyro mòr del-Rey, em que lhe notificava, que eſtando elle em Ceuta com recado delRey Duarte para Çalabençala de certidaõ de lhe darem Ceuta por elle, que ouvira novas de como elle era morto; e q̃ ſobreeſ-

tivera, eſperando recado da Rainha, e do Infante D. Pedro, que entaõ regiaõ, que neſta fazaõ viera a Arzilla fazer aquelle meſmo promettimento, do que aprouvera muyto a Çalabençala. E que requerèra carta deſta promeſſa em nome do Rey, que no preſente reynava, e que logo mandaria por elle a Fés, e por os ſeus. Tanto que o Infante D. Fernando foy certificado da morte delRey Duarte ſeu irmaõ, cahio de bruços em terra como eſmorecido, e acodiraõlhe os ſeus para o levantar; e tornando a ſeu acordo, depennou os cabellos, e barbas, dando bofetadas em ſeu roſto, e dizia.

Pran-

Pranto do Infante pela morte delRey D. Duarte de Portugal seu irmaõ.

O Senhor Deos, para que me deyxastes viver, que visse tanto mal? E que eu com todos os que bem me querem fosse taõ mortalmente ferido? Na morte delRey meu senhor me tirastes quem me amava taõ singularmente, quanto eu naõ posso dizer. Tirastes-me todo o meu temporal esforço, e alongastes-me de toda minha, e boa esperança: eu sou infelice homem, pobre, orfaõ, em cativeyro, e desamparado, e de tal he o meu mal. Dizey-me vos outros, de quem esperaremos, q̃ por

nós acuda; ou que a nosso cativeyro ponha remedio? Levantado he Rey novo, que Deos por muytos annos prospere; mas naõ me he tanto chegado, nem tem tanto conhecimento de mim, e o que o fará olhar pouco por nós será a sua pouca idade, que esta o escusa; na morte delRey meu senhor se encobriraõ, e apagàraõ todos meus temporaes merecimẽtos: hoje sou eu tornado nù ao estado, em que Adaõ nosso pay recebeo aquella mortal, e trabalhósa sentença, que no suor de seu rosto comeria o seu paõ. O' meu bom senhor, quanto me atormenta a grande saudade, que sey levais de mim; e sou certo, que os meus tra-

trabalhos foraõ causa de vossa mais apressada morte. O' senhor, q̃ grande esforço era o meu quando cuydava que havieis de saber o que eu por vosso serviço, e amòr padecia. Já daqui por diante cessará toda minha temporal esperança: agora se me dobraõ todos meus tormentos, e os sinto mais gravemente.

Todo o dia durou este pranto, que o Infante fazia, o qual era bem accrescentado pelos seus até alta noyte, que lhe disseraõ assim.

Re-

Reposta consolatoria ao Infante dos seus.

O Senhor Deos vos fez taõ prudente, que isto entendeis melhor que nòs: nem somos taõ fóra de razaõ, que cuydemos ser para vòs nosso conselho necessario, antes o temos por escusado. Todavia o amor vence tudo, pelo qual nada recusamos sofrer, como por experiencia vedes: vòs, senhor, entẽdeis muy bem o estado, e ponto, em que estais, e elRey vosso irmaõ, pois homem era, havia de morrer; e de ser morto em tempo, em que tanto vos podia aproveytar, day a Deos nosso Senhor muy-

tas

tas graças, cujo serviço he, (pois elle assim o quer) padecerdes tantos trabalhos; e se vos recresce daqui taõ grande perda, havey por bem temperardes o desgosto della; cà em vossa maõ pòde ser; e se por respeyto vosso o naõ quizerdes fazer, que o suspeytamos, pelo desejo, q̃ tendes de vos Deos tirar destes taõ graves trabalhos, havendo a morte por vida, fazey-o se quer pelo que a nòs releva, à quem sem merecimentos nossos tendes tanta affeyçaõ, e amor: a cuja conta sofremos o que vedes, que sem isso já o naõ poderiamos sustentar, e ficarvos hia carregando naõ pouco nossa perda. E lembre-vos que ainda vos ficaõ vossos

taõ

taõ bons irmaõs, de que naõ sereis desamparado.

Com estas razoens, e com outras semelhantes, e com por discurso dos dias se lhe seguirem muytas tribulaçoens se poz termo pouco a pouco ao pranto, e dor da morte delRey seu irmaõ.

CA-

CAPITULO XXIV.

De como Lazeraque mandou tirar só ao Infante os ferros, e meter a todos na masmorra. E o Judeo trouxe cartas delRey de Portugal para se entregar Ceuta, e ser resgatado o Infante; e como aos seus em dia de Natal levàraõ a cavar huma rua, e o Infante chorou com elles.

AInda que toda a tençaõ de Lazeraque fosse querer tomar pelo Infante antes dinheyro que a Cidade de Ceuta, todavia naõ o queria dar a entender, por naõ alcançarem claramente sua cubiça, e o pouco estamago, que tinha

tinha para sustentar a entrega da Cidade. Tinha este perverso homem (se tal nome merece, que humano naõ o parecia) huma natureza tal, e costume, que sempre mostrava o contrario do que pertendia fazer. E ainda que fosse proveyto seu, e em sua prol, se lho alguem primeyro dizia, e do entendimento alheyo era prevenido, de nenhuma maneyra o fazia, por mostrar ser tudo por seu juizo, e engenho governado, naõ o sendo de outrem: mostra muy clara do pouco, que sabia, e da excessiva desconfiança sua, defeytos no homem vergonhosos, pois está com elles taõ longe do bom entendiméto, como quem naõ aceyta-

ta nas cousas arduas os pareceres dos mais, guiando-se só pelo seu: Assim que fingindo Lazeraque folgar muyto do que lhe diziaõ acerca de darem Ceuta pelo Infante; mandou, que ao Infante só tirassem os ferros, e os seus naõ trabalhassem, mas que todos fossem encerrados de dia; e de noyte na casa da masmorra, aonde padecèraõ muyta fóme, por naõ terem a quem pedir, nem descobrir sua necessidade, até que o mercador peytou cõ vinte dobras ao alcayde, que lhe désse lugar para os provér de algum mantimento. Chegado o mez de Mayo de quatrocentos e trinta e nove, teve Lazeraque recado de como Çalabençala

çala tinha já recado delRey por carta, do promettimento de Ceuta pelo Infante ſeu tio, como requerèra; mas nem por iſſo era feyto a elle, nem aos ſeus mais favor, antes os tratavaõ peyor, quando mais certos recados tinhaõ. No fim do mez de Outubro ſeguinte chegou a Fés o Judeo com cartas de Portugal para o Infante, das quaes lhe naõ conſentiraõ dar alguma. E poſto que Çalabençala eſcreveſſe a Lazeraque, que lhe mandaſſe logo o Infante com os ſeus todos, pois já tinha certeza de haver por elle a Ceuta, naõ o quiz fazer; antes lhe mandou dizer, que tanto que para iſſo tiveſſe lugar, e ſazaõ, elle o levaria,

e re-

e receberia a Cidade. E fez logo tornar o Judeo com as cartas do Infante, dizendo que viesse a Ceuta huma pessoa notavel com poder de entregar a Cidade, e receber o Infante: o que elle fazia por dilatar o tempo; e os Mouros lhe commettèraõ que pois se naõ concertavaõ no dar da Cidade, pedisse pelo Infante dinheyro. Tanto q̃ o Judeo foy partido de Fés, tornàraõ lançar os ferros ao Infante, e roubàraõ-nos dessa pobreza, que já tinhaõ de vestidos, dando a cada hum seu pedaço de cobertas de burel, com que se vestiraõ; e mandou meter na cova ao Infante, e aos seus, e alli estiveraõ de dia, e de noyte, sem terem lugar, nem

para

para sómẽte irem fóra fazer suas necessidades. Outro mantimento naõ tinhaõ salvo dous paẽs cada hum; e da agua: alli padecèraõ muy estreytamente, e com estranha aspereza, e com immundicia de piolhos, e bichos, e muy mào cheyro. Quando veyo o dia de Natal tiràraõ da cova todos, salvo ao Infante, e o Clerigo, que ficou sõ elle, e levàraõ-nos fóra da Villa, entre a Villa nova, e a velha, aonde chamaõ o Almerce, e mandàraõ-lhes cavar todo aquelle caminho, que era muyto fragoso, fazendo-lhes quebrar pedras com picoens, e arrancallas com alferces, e encher grandes covas, que em outro tempo tiveraõ paõ; o que

que lhe deo muyta fadiga, e mòr trabalho. Logo naquelle dia primeyro naõ sabiaõ elles aonde os levavaõ, nem entendiaõ o para que, por ser já tarde, que era hora de vespera, quando os meterão naquelle trabalho que lhes parecia naõ ser necessario, salvo para pena, e tormento seu delles, que o pagavaõ, e sofriaõ, estando assim como fóra de seu sentido. Parece q̃ queria Deos darlhe materia de merecimento, porque logo que os viraõ fóra ao trabalho, foy tanta a multidaõ de gente alli junta assim de homens como de mulheres, que os molestavaõ, e apressavaõ, que era maravilha de ver, e muyto mais de sofrer, cá com o

affrontamento da gente se naõ podiaõ ter em pé, e com o trabalho se lhes empollavaõ as maõs, e rebentavaõ, espectaculo, que a todas as feras naçoens (posto que muyto indomitas) seria muyto para condoer, se naõ fossẽ aquelles barbaros mais crueis, e inhumanos que todos os tigres ferocissimos. Tinhaõ bem que fazer huns oito homens, que os guardavaõ, em os defender da gente, q̃ abafando-os parecia quererem-nos matar. Cuspiaõ-lhes no rosto, davaõ-lhes pescoçadas, empuxavaõ-nos, dizendo-lhes descomedidas palavras de affronta, e opprobio, até que veyo mandado do Alcayde, que os mesmos Christaõs ferissem a gente, e

se

ſe defendeſſem dos Mouros, e as guardas os amparaſſem. Julgay daqui quanto devia ſer o aperto, e força, que os pobres homens padeciaõ; niſto veyo a noyte, e foraõ levados à maſmorra. O Infante (des que elles foraõ levados de ſua companhia) nunca ceſſou de rezar, e de os encommendar a Deos; e cuydava que eraõ levados para os açoutar, ou para os matar; e quando os vio vivos, eſtranhamente ſe alegrou, e deo muytas graças a Deos, e abraçava-os a todos, moſtrando grande alegria, qual a tinha na alma de os ver com vida; mas quando veyo a candea, e lhes vio as maõs, e como vinhaõ affrontados, e ſuados, naõ pode en-

taõ ter as lagrimas, e com palavras ſahidas da alma entre ſoluços lhes dizia: Aqui ſe cumpre o proverbio, que diz: Lazèra o juſto pelo peccador. Voſoutros por minha cauſa recebeis tanto mal, e afflicaõ; perdoay-me pelo amor de Deos. E naõ obſtante que eu ſeja cauſa de voſſos tormentos, rogovos que tenhais paciencia, porque eſpero em Deos que vollo receberá em remiſſaõ dos peccados, e para merecimento da gloria. E ſe Deos nos daqui tirar, eu naõ terey neſte mundo hum paõ, que o naõ parta comvoſco, e de hum ſayo, que tenha, eu vos farey igualmente participantes. Tanto dó tinha delles, e aſſim ſe anguſtiava

(to-

(tomando a cada hum as maõs, e dizendo taes cousas, e com tal modo) que elles sentiaõ mais a tribulaçaõ do Infante seu senhor, que os trabalhos, que tinhaõ sofridos; e pelo alegrarem, e lhe tirarem parte da payxaõ, e dòr, que por elles padecia, começàraõ de contrafazerem riso, e cantarem; e huns diziaõ por donayre: Aqui se conheceráõ os namorados: outros diziaõ: Senhor, quanto a mim vos digo, que jà naõ sey se tive trabalho, ou naõ, e estou muy descansado; e outros: A manhã quero eu ver, quem me leva a vantajem. E posto que o brando senhor, e santo Infante se mostrasse de fóra contente com

aquellas palavras, bem se via de dentro ter o coraçaõ assaz triste; e naõ tendo elle todo aquelle dia comido, comeo entaõ com os seus fazendo solemne, e esplendido bãquete de só paõ, e agua, que tinhaõ. Assim passáraõ aquella noyte, até que ao outro dia pela manhã bem cedo os levàraõ àquelle lugar do trabalho do dia dantes. Pelo muro, e campo os estava esperando aquella multidaõ de gente, que naõ tinha conto; e tinhaõ concertados os lugares como que esperava ver jogos, festas, ou touros. E como os viraõ vir, levantàraõ grande grita, dando altos alaridos, de sorte que se naõ ouviaõ hũs aos outros. Alli se viaõ moços, e

mininos em collos de homẽs, e velhos tolhidos, em ſima de beſtas, que todos vinhaõ como em dia de grãde ſolemnidade, e tambem vinhaõ os cegos, que diziaõ baſtarlhes ſómẽte ouvirem os ferros daquelles caẽs. As mulheres ſe eſqueciaõ de ſua piedoſa, e branda natureza, e deſcomedidamente ſe deſenvolviaõ a os ferir. Vendo os Mouros, que os mandavaõ, ſuas maõs taõ feridas, e mal tratadas; que nas pedras naõ poderiaõ trabalhar, os mandàraõ por entaõ, que cavaſſẽ em terra molle, enchendo as covas com ella, até que ſe calejaſſem. Neſte entre-meyo foy hum Mouro fallar ao Infante como encuca, por ver o que dizia;

e o Infante se lhe queyxou, dizendo assim: Eu me maravilho como vosoutros podeis usar de tãta semrazaõ; dizey-me, que vos fizeraõ estes, que assim atormentais com taõ asperos trabalhos? E o Mouro lhe respondeo, que para o saberem em Portugal, é se abreviassem mais no dar Ceuta por elle. Certamente (disse o Infante) esta semrazaõ he bem conhecida, porque eu sou o penhor da Cidade, e naõ estes meus; e por elles pouco vos daraõ, se pelo meu naõ for. Por isto, q̃ o Mouro lhe ouvio, ordenàraõ de levar o Infante com os seus àquelles trabalhos. E desq̃ foy divulgado, huma noyte o disseraõ ao Infante os seus pelo apercebe-

rem;

rem, o qual quando o ouvio se começou de rir como zombando, e disse: Naõ hey disso medo, porque Deos sabe que esse seria meu contentamento, e prazer, nunca ser de vòs apartado, nem em trabalhos, nem em bayxos serviços, porque vendo-me com vosoutros, o trabalho me seria facil, e disso me naõ recrece alguma vergonha. Mas porque eu com isto folgaria, me naõ ha de succeder, que por meus peccados nunca me vem senaõ o contrario do que desejo. E assim foy, que o naõ tiràraõ dalli, porque receavaõ o tomassem alguns Mouros, e o levassẽ a Leenhe seu inimigo, que comarcava com elles, e se dizia, que trabalhava muy-

muyto de o haver à maõ pelo dar por dinheyro.

CAPITULO XXV.

Da morte de Calabençala, e de como hum Mouro foy de Portugal para furtar o Infante, por onde a elle, e aos ſeus innováraõ os trabalhos; e do razoamento do Infante aos ſeus, que ſofreſſem ſua ſorte com paciencia. E de como paſſáraõ além certos Fidalgos para entregar a Ceuta pelo Infante.

ACabou-ſe eſta trabalhoſa obra dos Chriſtaõs cativos no fim de Fevereyro de quatrocentos e quarenta, tornando-os a man-

mãdar trabalhassem na horta del-Rey, e em todos os mais trabalhos, e serviços, assim de pedreyros, como carpinteyros; e com azemelas em tudo, o que queriaõ, e de que tinhaõ necessidade. E assim se hiaõ cerrando os caminhos para a liberdade do Infante. Ao tempo que o Judeo partio de Fez, quando chegou a Arzilla, achou muy doente a Çalabençala, que de feyto morreo: succedeo em seu lugar, e senhorio Bubuquer seu irmaõ. E foy necessario aõ Judeo, e forçado esperar alli até, que Lazeraque escreveo a este Bubuquer tratasse este negocio segundo fizera seu irmaõ Lazeraque: todavia tratava muy secretamente tirarlhe o senho-

senhorio (como depois mostrou) porque o quizera enganar com certas invençoens; e depois o cercou em Arzilla, mas naõ lhe aproveytou cousa alguma. A esta sazaõ veyo a Fez hum Mouro escódidamente chamado Faquy amar, que foy ayo do Infante Ismael Mouro, que estivera em Portugal, o qual Mouro hia tentar se poderia furtar ao Infante D. Fernando. Mas Lazeraque tinha já novas delle, e dizia-se que lho escrevèraõ os Mouros de Lisboa, por via de Calez; e lançou enculcas sobre elle, e houvèraõ-no de tomar, ou o tomàraõ, mas fugiolhes, e tornou-se a lançar em Ceuta. Pelo que innovàraõ ao Infante, e aos
seus

ſeus o apartamento da prizaõ, e ençarramento, e mantimento, que elles haviaõ de fazer a penitencia do que outrem commetteſſe, fazendolhes mil medos, e aſperezas. E em tanto temor eſtavaõ, que huma ſó hora naõ tinhaõ forra de ſobreſaltos, ou tormentos, que ſó os que padeciaõ iſto, o poderiaõ em parte dizer. Ora lhes vinhaõ dizer, que os haviaõ de degollar: outros affirmavaõ, que os haviaõ de açoutar, e outros, que decepar. Aſſim paſſava eſte ſenhor a vida com os ſeus, ſe ſe póde chamar vida, que parecia mais morte prolongada. Naõ ſe achava entre eſtes crueis barbaros algum, que ſe condoeſſe de taõ excel-

excellente, e benigno Principe, que com muyta paciencia, e humildade sofria tantas tribulaçoẽs, e injurias, que se naõ podem contar. Nem menos havia piedade naquelles velhos de sua seyta, a que elles chamaõ santos; aos quaes Lazeraque dava lugar, que determinassem o q̃ quizessem, que elle fizesse do Infante. E nisto se pertendia mostrar favorecedor das Mesquitas, e tomava daqui atrevimento para lançar maõ do thesouro das Mesquitas, dizendo q̃ a ellas appropriava o Infante, e os seus; e que elle trabalhava de haver Ceuta para as Mesquitas, pelo que era razaõ ajudarem-no elles, para as despezas. Com as asperezas, e màotra-

tratamento, que fazia ao Infante, e aos ſeus, contentava toda a gente, dizendo que zelava a honra, e proveyto da naçaõ Mouriſca. Todos os dias aquelles ſeus ſantos faziaõ audiencias, e conſelhos nas Meſquitas ſobre o mào tratamento, que dariaõ ao Infante; o qual em retorno deſta vontade além de rogar a Deos continuamente por ſi, e pelos ſeus, os encommendava a elles à miſericordia do Senhor, que os trouxeſſe ao lume da verdadeyra fé. De ſua boca nunca ſe ouvio palavra deſentoada nem feya contra os Mouros, antes encõmendava a Deos ſua converſaõ. E muytas vezes ſe queyxava com os ſeus, dizendo aſſim.

Falla do Infante aos seus.

VOs outros tendes por vingança doestardes estes Mouros, e lhes dizerdes mal; eu vos digo q̃ ainda que estes morressem, que vos mal fazem, outros peyores poderaõ vir. Pelo que naõ sabeis o que pedis; e se vòs tomais vingança por vòs em doestardes vossos perseguidores, que mais naõ podeis fazer, naõ deveis esperar o galardaõ, que merecem os pacientes, e sofridos. A vossa vitoria naõ está em al, que em sofrer, e em vos mostrardes em tudo Catholicos, e padecer pela fé, e cõ ella rogar à Deos pela conversaõ dos inimigos infièis, que os torne o Senhor

nhor ao caminho da verdade. E visto está que se elles foraõ Christaõs, naõ foraõ cõtra nòs, que o somos. De mim vos digo verdadeyramente q̃ tanto me dá, quãdo me chamaõ perro, e caõ, como quando me dizem q̃ sou senhor, e Rey; e assim tanto me levãta seu louvor, quãto me abate seu desprezo. Eu naõ desejo ser honrado, nẽ louvado delles, mas se a Deos aprouvesse, queria ser de entre elles livre.

A malicia dos infieis, e a negligencia dos amigos, e proximos benignamente escusava; e sofria cõ taes razoens, q̃ ainda que aos outros parecessẽ algũas obras alheas injustas, elle as moralizava com taes escusas, que ficava tudo apa-

ziguado, e cada hum sem odio. Ainda naõ tinha sahido das asperezas, em que o poseraõ por causa do Mouro que diziaõ vir para o furtar, e que fugíra; e porque a Çalé era chegado Gonçalo de Cintra criado do Infante D. Henrique, quando disseraõ q́ trazia embayxada a Leenhe, e presentes para ver se poderia cobrar ao Infante para o dar por dinheyro. E com estas novas, que tiveraõ, se tornàraõ ao Infante, e aos seus, dizendo que os de Portugal andavaõ cõ enganos, e malicias, que por huma parte mostravaõ querer dar por elle a Ceuta, e por outra havello furtado. Pelo que lhe innovàraõ o apartamento, esquivança, e tra-

e trabalhos. E o que antes lhes faziaõ sẽtir por guarda, já entaõ lhes faziaõ sentir por pena, e de toda a parte estavaõ atalhados de soccorro, e ajuda; estando a prolongaçaõ de sua vida no peytar dos guardas, e Alcayde por dinheyro, que o mercador para esse effeyto dava, comprando por moeda aos Mouros a brandura, e piedade, que se havia de usar com o Infante, e seus criados; que em quanto isto durou, naõ faltou de alguma maneyra alguem, que se mostrasse condoido da payxaõ, que os cativos sofriaõ, e elles nada sentiaõ. Mas faltando este entretimento, diziaõ huns, que nada lhes dava pelo que relevava ao Infan-

te, e seus, e outros, que mereciaõ mais esquivanças, e que sem duvida lhas fariaõ. E assim o Rey Mouro, Rainha, e as mais mulheres, que costumavaõ de antes esforçallos, e pollos em boa esperança, já entaõ dissimulavaõ com este esforço, e faziaõ que os naõ conheciaõ. Por maneyra que estavaõ os desamparados homens em cerco, faltos de favor, e providos de esquivança. Neste entretanto deo hum Mouro huma carta a Lazeraque, em que a Rainha Dona Leanor (mulher delRey D. Duarte a esse tempo de fresco falecido, irmaõ deste senhor cativo) rogava ao Infante, que désse a Pero Lourenço a comenda de El-
vas

vas, q̃ era ſvaga. A qual Lazeraque mandou ler; e lida, diſſe mal dos Chriſtaõs, dizendo que eraõ falſos, e mal attentados em mandarẽ recado ao Infante, por lhe pedirem huma villa, (e chamavaõ a eſta petiçaõ de cõmenda villa) e naõ tratando ſobre ſeu livramento. E rõpeo a carta, dizendo q̃ a naõ veria o Infante; e q̃ ſe aquella villa houveſſe de ſer dada, que melhor a daria elle a cada qual daquelles, q̃ com elle eſtavaõ no ſofrimento do trabalho, e cativeyro. E naõ ſey ſe eſte Mouro, que era julgado por mào, e tyranno, dava niſto affrontoſa bofetada no roſto dos que ſe tinhaõ por bons, e primoroſos Chriſtaõs, enſinando a juſta or-

 dem

dem da diſtribuiçaõ dos bens, para os que ſofriaõ os males, naõ para os que eſtavaõ no Reyno ſeguros levando boa vida. Pelo que mandou, que encerraſſem o Infante, e os ſeus com mais cuydado, e guarda, porque naõ tiveſſem occaſiaõ de receber ſemelhantes recados, ſe vieſſem. Paſſou aſſim o tempo até fim de Março de quatrocentos e quarenta e hum. E tiveraõ novas, que D. Fernando de Caſtro vinha a Ceuta para a entregar pelo Infante, e que o Licenciado Gomezeanes, e Martim de Tavora vinhaõ a Arzilla para ſe alli tratarem as entregas. Com eſtas novas moſtráraõ os Mouros que eraõ contentes, e fizeraõ logo

go tirar os ferros ao Infante, e aos seus. No principio de Mayo chegou a Fez o Judeo com cartas dos ditos Embayxadores, que já estavaõ em Arzilla esperando o contrato de levarem o Infante, como era promettido pelos Mouros; e que logo se poria fim a todo este negocio. O Judeo trazia a carta delRey sellada com o sello de chumbo, do poder, que o dito D. Fernando trazia para entregar a Cidade pelo Infante. Chegado o Judeo, e vistas as cartas taõ bastantes do que se promettia, por favor, e gasalhado meteraõ o Infante, e os seus na cova, prohibindo que ninguem os visse, nem fallasse, e só comessem paõ, e agua:

E dahi a seis dias, que foy dia de Pentecoste, mandàraõ levar ao Infante àquelle lugar do conselho, fazendo-o descalçar à entrada da porta, e que levasse os çapatos na maõ. Lazeraque estava assentado com seus conselheyros, e outros Marins, e Alcaydes, e renegados, e muytos outros Mouros, e o Judeo estava ahi. Perguntou entaõ Lazeraque ao Infante, se queria antes que o levasse elle a Arzilla, ou que o mandasse por outrem. O Infante lhe respondeo, que tanto lhe dava de huma maneyra, como de outra, que huma vez o levassem, como promettèra, se tinha vontade de o pòr em liberdade; e nisto lhe começàraõ a fallar em

ou-

outras cousas fóra de proposito; e por conclusaõ respondeo Lazeiraque, que por entaõ o naõ podia levar, nem o pertendia mandar: E com esta determinaçaõ mandou o Infante de ante si; e no caminho o buscàraõ, se levava alguma escritura, ou carta, que o Judeo lhe dèsse, dando a entender que por isto punhaõ em elle guarda; mas o Judeo naõ havia estado taõ perto do Infante, que lhe podesse dar cousa alguma. Daquella vez detivèraõ em Fez o Judeo até o mez de Setembro seguinte; no qual tempo lhe levantàraõ, que levava peçonha para dar ao Infante, e que trazia invençaõ para encaminhar sua fugida, com ou-

outros testimunhos taõ falsos, como elles em os forjar sem razaõ, nem fundamento, fazendo-lhe muytos medos, e espantos, naõ só a elle, mas ao Infante, e aos seus com muytas mais esquivanças, apartamentos, prisoens, e aggravos; em quanto o Judeo na terra esteve.

CAPITULO XXVI.

De como se partio elRey de Fez, e levou comsigo o Infante, e os seus, mostrando enganosamente levallos caminho de Ceuta, e dilatava a entrega do Infante.

MAndou logo Lazeraque pregoar Algazu, assim como en-

entre Chriſtaõs he Cruzada, e fez lançar fóra o exercito de gente de armas, dando a entender aos Chriſtaõs, que elRey hia caminho de Ceuta, e levava comſigo ao Infante. E fez-lhe eſcrever pelo Judeo aos Embayxadores, que compriſſem tudo o que requereſſe Lazeraque, que era bom, e verdadeyro, e que o Infante ſe fiava nelle. Mas eſta carta foy eſcrita por tal modo, que quem quer conheceria a tençaõ do Infante; e mais ſecretamente levava o Judeo por aſſinado do Infante qual deveſſe ſer a repoſta, que os Embayxadores haviaõ de dar. Lazeraque com elRey, e os Çallas, e Faquijs deraõ tambem cartas ao

Ju-

Judeo, que se os Christaõs lhe logo entregassem Ceuta, que elles lhe entregariaõ depois o Infante, e isto com juramento, e protestaçaõ da Aquibulla, e da casa da oraçaõ sobre a verdade de sua ley, e pelos ossos de seus padres, e avòs, sobpena do espoliamento de suas mulheres. Com estes recados de pouca firmeza partio o Judeo com mandado de lhe vir a reposta ao caminho; e assim mesmo partio elRey com sua gente de guerra, e guarda, e o Infante, e os seus. Aquelle mercador comprou hum sendeyro, em que hia o Infante, e alugou quatro cavalgaduras, em que fossem os que cansassem, e em que levassem as pelles

les; em que dormiaõ, e algum comer para o caminho, que os avisavaõ haverem de ir até Ceuta. Vede que provisaõ de viatico, e gazalhado levava este Principe, pelles, e hum pouco de paõ. Sua partida foy meado Setembro. Aqui tiveraõ novas que no mar fora morto D. Fernando de Castro, e que D. Alvaro seu filho estava em Ceuta em seu lugar, e com o seu poder. Quando caminhavaõ, hia em meyo da gente elRey com toda a festa, e tangiaõ trombetas, e anafis, e atabaques, e levavaõ muytas bandeyras. E diante desta festa hia o Infante a cavallo, e os seus a pé diante delle, e os quatro em cavalgaduras

al-

albardadas, os quaes elRey esperava todas as vezes que algum delles era occupado, ou que bebiaõ agua, ou que naõ podiaõ tanto andar. No alojamento do campo, e exercito era armada huma tenda junto da tenda do Mexuar, que tem officio deMeyrinho mòr, e dentro armavaõ huma casa de madeyra, em que o Infante cada noyte era metido, e fechado, e a chave estava em poder de qualquer Alcayde, que o vinha guardar por sua ordenança. Porq́ os Mouros depois q̃ entre si houveraõ ao Infante em arrefens, faziaõ muyto caso delle, quanto para o preço de seu resgate, nẽ se cuydava, ou fallava em quanto entre elles esteve,

nou-

noutra cousa, e todas as praticas se despendiaõ sobre o que seria da entrega de sua pessoa. Assim andàraõ 21. dias sempre ao redor de Fez, que o mais longe, que delle foraõ, seria tres legoas. Neste caminho veyo a reposta dos Embaxadores Christaõs, que o Judeo hia buscar. E a conclusaõ era, que pois Lazeraque naõ mandava o Infante, como promettèra, que era principio de pouca verdade. Além disto q elles naõ tomariaõ em penhor da Cidade pedaços de papel; e mais que por seus juramentos naõ davaõ cousa alguma, e que haviaõ por melhor perderse o Infante só, que a Cidade, e o Infante juntamente; e que elRey

de Portugal mandava tratar partidos bons, e seguros para ambas as partes. Da qual reposta Lazeraque naõ foy contente; mas disse, que queria ver os partidos que tães eraõ, e foraõ-lhe dados; dos quaes elle naõ fez caso, por naõ ser no cuydado da dada da Cidade de Ceuta. E mandou que os Embayxadores se fossem a Granada tratar estas entregas cõ elRey, o qual tomava por meyo neste negocio, e lhe prazia o que elle fizesse. E logo mandou a elRey de Granada hum Mouro chamado Benazarnefe, para lhe notificar como elle todavia queria haver primeyro a Cidade. Assim secretamente partio o dito Mouro com

Em-

Embayxadores delRey deGranada que alli andavaó com Lazeraque, e que pouco havia lhe trouxeraó presentes. O exercito, e gente de guerra se tornou a Fez. em o mez meado de Outubro; o Infante, e os seus foraó metidos no lugar, e apartamento, e guarda que de primeyro. E por quanto o mercador, que sohia dar ao Infante algum mantimento, e emprestarlhe dinheyro, estava prezo, e era já roubado de tudo, o thesoureyro de Lazeraque chamado o Alcayde Mançor Benguilhayre tratou, que ao Infante, e aos seus dessem cada dia para mantiméto valia de quinze reaes de nossa moeda, que saó vinte dinheyros Mouriscos;

os quaes ainda que os naõ houvessem a mayor parte do tempo, lhes era occasiaõ para poderem dispender o dinheyro, que ganhavaõ, ou haviaõ secretamente; que dos mercadores Genovezes, que tinhaõ dinheyro dos cambios do Infante, que lhe mandavaõ de Portugal, eraõ tambem roubados como dos Mouros, e muyto mais grandemente. No principio do mez de Novembro chegou a Fez hum Mouro Xarife com recado delRey de Granada, em que certificava a Lazeraque, que se elle quizesse entregar o Infante a certos Genovezes, que elle ficava por fiador de lhe darem Ceuta, porque elle tinha já dos Genovezes bas-

baſtante fiança por Ceuta. Eſte Xarife fora por Ceuta, e levava comſigo Joaõ da Barca para ver o Infante, e Lazeraque mandou levar o Infante perante ſi; e por naõ moſtrar o engano do que tinha mandado por Benazarneſe, deo moſtras de ſer contente, e diſſe ao Infante, que o eſcreveſſe aſſim a elRey de Granada, e aos de Portugal, como elle era contente do que elRey de Granada fizeſſe, ſegundo lhe notificàra pelo dito Benazarneſe. E alli vio entaõ Joaõ da Barca ao Infante; e partiraõ de Fez o Xarife, e elle dia de Natal.

CAPITULO XXVII.

De como o Infante consolava os seus; e da grande peste, que veyo à terra dos Mouros; e da oração, que o Infante fez pelos seus.

POr muytas razoens, e por seu bom natural entendimento conhecia o Infante quanto seu livramento era duvidoso; e posto que o mostrasse claro aos seus, naõ se extendia tanto na declaraçaõ disto com elles pelos naõ desconsolar, e meter em desesperaçaõ; que elle os consolava quanto podia, e os animava, e esforçava a terem coraçaõ. E ainda que elle

por

por vezes fosse posto quasi fóra de si por causa de imaginaçoens, e varios pensamentos, de que acordava com lagrimas, e suspiros, naõ deyxava por isso de lhes procurar quanta consolaçaõ podia, que sem duvida elle os amava tãto, que mais se naõ possa dizer. Todos seus segredos a elles eraõ manifestos, e publicos, nem tinha para si cousa propria; e muytas vezes deyxava de comer por elles comerem, dizendo que elles o mereciaõ melhor, e que o haviaõ mais mister. O vestido tirava de si, por vestir, e cobrir a elles, que do forro do manto, e do sayo vestio huns tres, que andavaõ nùs. Com muyta diligen-

cia, e grande vontade curava, e tinha cuydado dos que adoeciaõ, e por ſuas maõs lhes punha as mezinhas, e lhes dava de comer, dizendo-lhes: Comey iſto por amor de mim, que Deos ſabe, que o que eu como, he pelo que releva a vós. Naõ tinha outra conſolaçaõ mayor, que eſtar com elles, e junto delles, abraçando-os, e perguntandolhes como lhes hia nos trabalhos. Em quanto elles andavaõ fóra, por quantos Mouros, e Chriſtaõs o hiaõ ver lhes mandava recados de viſitaçaõ, e ſaudaçoens, e naõ queria comer, ſenaõ depois que todos vieſſem, e comia com elles. E ſe por alguma neceſſidade comia alguma couſa eſtando

elles

elles fóra, lhes deyxava sua parte, e vindo lha offerecia. Em quanto andavaõ fóra nos trabalhos, cuydava que nunca haviaõ de vir para os poder ver: tanto amor, gasalhado, e esforço recebiaõ deste senhor, e elle delles tanto serviço, e prazer, que huns sem outros naõ cuydavaõ poder viver.

Nestes dias veyo àquella terra huma peste muy grande, que durou hum anno, e meyo, e havia dia, em que morriaõ quatrocentas, e quinhentas pessoas. O desmayo da gente era estranho, e os gritos, choros, e huyvos tantos, que era cousa de espanto, e maravilha; e perguntavaõ-lhes os Mouros, que remedios faziaõ os Christaõs para a pes-

a peſte. E quando ouviaõ dizer, que ſe apartavaõ dos lugares, em que della morriaõ, riaõ-ſe delles como de necios. O Infante, e os ſeus traziaõ comſigo oraçoẽs, e eſcritos de nomes ſantos, e às portas pozeraõ cruzes; e prouve a Deos q̃ nenhum delles foy deſte mal ferido. Com muytas oraçoens, e devoçaõ encõmendava o Infante ao Senhor guardaſſe os q̃ lhe dera por companheyros; e aſſim por elles, e pelos que em Arzilla ficàraõ, aonde tambem ardia entaõ a peſte, era eſte ſenhor poſto em muyta anguſtia, e de tantas partes ſe temia, que naõ achava aonde repouſaſſem ſeus ſentidos. Niſto lhe foraõ mandadas cartas ſecretas de

Ar-

Arzilla, como Joaõ Gomes do Avelar era morto de peste, e que os outros estavaõ em grande temor, queyxando-se de como os alli faziaõ estar sem proveyto, nem quererem dar por elles o filho de Çalabençala, que tinha em Portugal. Com estas novas tomou o Infante grande nojo, e dando muytas graças a Deos começou a dizer.

Oraçaõ do Infante.

SEnhor, já agora me parece, que me ferís nos meus amados, e escolhidos: porém praza a vossa misericordia, que me naõ devasseis mais a casa; antes tomay em mim a vingança; que eu sou

ſou o que pequey, e eu mereço ſer caſtigado, e livres eſtes meus, que por minha cauſa ſaõ aqui vindos.

Aſſim do ſenhor como dos criados foy bem lamẽtada a morte daquelle cavalleyro, no qual cada hum chorava ſeu perigo; e iſto tudo era feyto ſecretamente, porque de outrem naõ podeſſem ſer entendidos, que tinhaõ recados eſcondidos. Aos que vivos ficavaõ em Arzilla reſpondeo o Infante quanto pezar, e nojo tinha pela morte de Joaõ Gomes; e aſſim meſmo o ſentimento, que tinha pelo perigo, em que ſabia eſtarem, e que a elle naõ deviaõ culpar pelos meter alli, porque Deos

Deos ſabia, que elle o fizera por ſeu bem delles: porque dando a elRey tanto carrego delles, lhes faria mais honra, e accreſcentamento do que lhes elle por ſi poderia fazer: e que quanto era a naõ entregarem por elles aquelle Mouro, que a culpa naõ pozeſſem a elle, que ſabiaõ bem quantas vezes o elle requerèra; e que ainda aſſim o requereria, naõ obſtante que elle entendeſſe, que a vinda do Mouro impediria muyto ſeu livramento.

CAPITULO XXVIII.

Do grande pranto, que o Infante fez pelos fidalgos, que morrerão em Arzilla de peste, e de como o consolavão os seus.

BAstantes erão os desgostos, e infortunios, que o santo Infante padecia das portas a dentro da terra, em que estava, sem que de fóra lhe sobreviessem outros, para o acabar de matar. Mas Deos, que lhe ministrava materia de merecimento, e quiz que ficando este senhor em Africa morto em seu cativeyro deyxasse de si mayor lembrança, do que por ven-

tura podia deyxar vindo livre para o Reyno, permittio assim lhe viessem antes de hum mez novas, de como em Arzilla eraõ mortos de peste Ayres da Cunha, e Pero de Ataide, pelos quaes o Infante fez grande pranto, dizendo.

Pranto do Infante pelos fidalgos, que morrèraõ em Arzilla de peste.

BEmdito seja Deos, que me fez nascer neste mundo, assim honrado, e de tanta dignidade, como eu naõ mereci; mas elle sabe bem como eu muyto desejey ser semelhante aos de menos estado; e como me fora muyto melhor que já fizera fim em outros

tros perigos, e doenças, que tive; e quanta mercê me fora feyta, ſe Deos tivera por bem receber minha alma no palanque do cerco de Tanger com as dos mais valeroſos companheyros, que pelos infieis alli foraõ ſacrificados; mas naõ fuy eu peccador digno de tãto bem, para q̃ naõ vira tanto mal ſobre mim, e ſobre eſtes que por minha cauſa aſſim padecem. (E dizia volto aos ſeus) Caramente haveis voſoutros comprado meu amor, e affeyçaõ; melhor vos fora naõ terdes de mim conhecimẽto; mas cumpra-ſe a vontade do ſenhor Deos, porque para iſto padecer fuy naſcido.

Eſtava eſte ſenhor poſto na ſũ-

ma

ma desconsolaçaõ, e angustia, e os seus o consolavaõ quanto, e como podiaõ dizendo-lhe nesta maneyra.

Consolaõ os do Infante seu senhor.

SEnhor (diziaõ elles) de vos muyto pezar da morte destes homens, e da de nosoutros, quando a Deos prouver de nolla dar, tendes razaõ, quanto ao amor natural; mas considerando como morrèraõ em serviço de Deos, e com honrado nome, certamente naõ chorar, mas alegrarnos devemos com elles. E quanto he ao q̃ a vòs senhor pertence, assim como fomos bastantes para recebermos

mos honras, dignidades, e mercés, assim temos coração, e estamago para sofrer as adversidades, e trabalhos; que certo he, que aos galardoens espirituaes, e temporaes naõ pòde homem vir, senaõ por meyo de muytos trabalhos. E neste mundo naõ podemos ter mòr bemaventurança, que fazerse de nósoutros memoria, aonde for notificada nossa virtuosa fama; e mòr nome naõ poderiamos alcançar, que sermos em tantas batalhas vossos servidores, e companheyros; e deyxando o temporal galardaõ, que esperamos receber delRey, e vossos irmaõs por amor de vòs, ainda da gloria do Paraiso pelos vossos merecimentos temos

mos grande esperança.

Confortado elle com suas palavras, e muyto mais com as vontades, que elle sabia grandemente em al naõ entender, que em o servir, e darlhe contentamento, passáraõ assim as jornadas de seus tormentos, de que naõ entendo fazer tanta mençaõ; como das virtudes heroicas deste senhor, as quaes em elle muy grandemente resplandeciaõ, assim como em quem tudo padecia por amor de Deos; que ainda que o levàraõ daquelles trabalhos com invençaõ de arte magica, ou com outra de encarrego de consciencia, ou de maneyra, que pozera sua alma em alguma pequena duvida de salva-

çaõ, naõ o consentira. Assim mesmo por vergonha, ou por algum outro respeyto nunca deyxou de obrar virtuosamente. Algumas vezes acontecia, que por emenda de alguns, que tinhaõ entre si porfias, e vinhaõ à más palavras, este senhor dizia algumas asperas, e sentindo elle que os escandalizava, se assentava de giolhos ante elles, e lhes pedia perdaõ pelo amor de Deos, e se os aggravàra, ou anojàra; porque sua tençaõ naõ era anojallos em cousa alguma.

CAPITULO XXIX.

De como os Mouros por mais desconsolar ao Infante, o apartàraõ dos seus, e da falla, que lhes fez, antes que se apartassem.

COmbatido assim este Infante de todas as partes, e defendendo-se taõ virtuosamente, bem parecia aos Mouros, que com divino soccorro era vivo. E diziaõ entre si, que se fosse Mouro, os seus merecimentos seriaõ infinitos, cá segundo elles ouviaõ dizer; que eraõ delicadamente criados os senhores Christaõs, e segundo a cruel sorte, com que este era tratado, naõ podia ser, que já naõ

morrèra, mas que Deos o sustentava em vida, para que se tornasse Ceuta a seu poder delles. Mas nos coraçoens de Lazeraque, e seus conselheyros nunca coube compayxaõ, nem quizeraõ haver delle piedade; e porque desejavaõ de o atormentar até o pôr emfim, lhes parecia pouco tudo, o que atéli lhe tinhaõ feyto; e trabalhavaõ pelo atribular com outras novas asperezas, e naõ as achavaõ, que fossem para fazer, e ficar elle com vida; e já naõ ousavaõ de o atormentar corporalmente pela perda de seu resgate, e muyto mais pela universal esperança dos Mouros, que cuydavaõ haver a Cidade pelo Infante, e imaginàraõ, que

o em

o em que podiaõ dar mòr payxaõ ao Infante, ſeria apartarem-no da companhia dos ſeus; cá bem conheciaõ a grande conſolaçaõ, que recebia por eſtar juntamente com elles; e deyxàraõ de fazer iſto logo, atè q̃ vieſſe o recado do deſacordo de Granada; e ſoube o Infante eſte conſelho, que ſobre elle tinhaõ tomado, e fez aos ſeus huma falla neſta maneyra.

Falla do Infante aos ſeus.

POr temor, nem receyo das tribulaçoẽs, que eſtaõ por vir, naõ lhes pòde homem eſcapar: mas pòde-ſe aparelhar para as mais facilmente ſofrer, tirando

este caso só, que he ser apartado de vosoutros; isto em nenhuma maneyra eu sey como o possa sofrer: para todas as outras tribulaçoens me sinto bem disposto em vossa companhia, e assim naõ me temo sómente das corporaes tribulaçoens, mas ainda das espirituaes, para as quaes em especial eu acho muy proveytosa vossa cõversaçaõ, e estando só, de todo ponto desfalecerey. Todavia naõ he necessario, q̃ alguem me mostre razoens, como me poderey sofrer, que eu me conheço melhor que outrem; e quanto eu melhor conheço meus perigos, tanto os receyo mais gravemente. E mais vos certifico, que eu apartado de

vòs,

vòs, naõ poderey muyto viver; e esta he a mayor pena, que me neste mundo podem dar; e o porque vos isto digo passa assim. Vósoutros bem sabeis, que eu vos trouxe a este cativeyro, para me ajudardes a beber este caliz: escolhi-vos como quem vòs sois, tanto meus amigos, e a mim conformes. Eu já vos naõ satisfiz ao que mereceis até vinda de Tanger, e depois que comigo estivestes no palanque, vos devia ser em muyto mais obrigaçaõ. E posto q a multidaõ das pessoas, q se naquelles perigos, e trabalhos pozeraõ assim como vòs, naõ faça parecer tamanha a grandeza destes serviços, todavia acerca do rigor da consciencia, nem a dissi-

mu-

mulaçaõ das pessoas, nem o desordenado costume de mal pagar desobrigaõ ao devedor, para naõ pagar, e satisfazer justamente o suor, e trabalho alheyo. Além disto muy claramente se vê quanto serviço me fizestes, e fazeis desque estamos juntos em esta companhia; de sorte que para bem vos satisfazer, ainda que eu tivesse hũ Reyno, o naõ fazia em parte, posto que vos fizesse Condes; e para tal paga que tenho eu, e em que ponto estou, que por meus peccados cada dia accrescento em minha obrigaçaõ, e vòs cada vez mais accrescentais em vossos bons merecimentos. Mas peço ao Senhor Deos, e à Virgem Maria,

que ſabem meu coraçaõ, e vem minha neceſſidade, que eſpiritualmente volo galardoem, e que tirem a mim de tamanho encarrego, que vos certifico ſer eſte o mayor, que neſta vida tenho, e pelo mais, em que vos ſou obrigado; peço a todos perdaõ pelo amor de Deos. Mais, pelo que neſte mundo ſou obrigado fazer, vos rogo, mando, e requeyro, que cada hũ de vòs em ſegredo, me declare a vida, e maneyra, em que ſe contentàra de viver, ſe o Deos dàqui tirar, e eu darey taes recados para elRey meu ſenhor, e para a Rainha minha ſenhora, e para meus irmaõs, que vos concedaõ officios, ou beneficios, ou digni-
dades,

dades; que vòs mereceis, e de que sejaes contentes. E confio tanto nestes senhores, e em todos os outros, com que tenho parentesco, e liança, que por amor de mim o farão, e vos agasalharão em meu nome, que não sois tantos, com quê muyto hajão de gastar, e sobre vòs porey estes merecimentos, que naquella terra tenho.

CAPITULO XXX.

Da reposta, que os seus derão ao Infante, e da replica do Infante, para que recebessem os santos Sacramentos, e fizessem testamento.

TAes palavras ditas com tanta virtude, e de tão boa vontade,

tade naõ poderaõ delles ser ouvidas sem muyta dor, tristeza, e lagrimas; e porque ao afflicto naõ he justo darlhe mais afflicaõ, lhe responderaõ.

Senhor, nòs naõ conhecemos agora de novo a boa vontade, que vòs por vossa real inclinaçaõ nos tendes. Pedimos-vos por mercê, que vos esforceis, pois sabeis, que em vòs está todo nosso bem; e de vos fazermos outro requerimẽto por nosso galardaõ em tempo de tanta angustia, naõ o consinta Deos; e sabey certamente, que aonde com bom desejo pozemos as vidas em aventura, naõ fazemos caso das pobres fazendas. E tal reposta naõ satisfazia àquelle

se-

ſenhor, que a todos deſejava valer, e fazer bem, principalmente àquelles, de que entaõ era taõ encarregado, e começou de replicar, dizendo.

Falla do Infante aos ſeus.

JA' por meus peccados eu ſenti o galardaõ, que o mundo dá aos que o ſeguem; e eu naõ queria que a vontade, que tendes de me bem ſervir, vos enganaſſe em tempo, que remedio naõ tenhais. Vòs vedes por experiencia, como em Portugal cada vez mais ſe esfriaõ os negocios de noſſo livramento; e naõ ſerá maravilha, que de todo pereçaõ, ſe tanto ſe per-

perlongar o porem-me em liberdade, o q̃ eu receyo mais por vòs que por mim, que eu já me tenho por acabado; e mais vos digo, que entre vòs está hũ, que he testimunha, que antes que eu partisse de Portugal, já me isto dava no coraçaõ, e desde agora me certifico de todo, que eu naõ sahirey daqui, senaõ por milagre muy grande, o que eu naõ mereço, que Deos faça por mim; e muytas vezes volo deyxo de dizer, como sinto, por vos naõ dar payxaõ, e tristeza; mas eu vos digo, que vos serey melhor morto, que vivo; e naõ tomeis por isto payxaõ, mas dou-vos de conselho, q̃ me creais. Eu naõ tenho mais direyto her-

deyro

deyxo no meu, que vosoutros, aos quaes tenho em lugar de filhos; e além do que meu he por direyto, fio tanto no amor, que me tem meus irmaõs; que elles por si, e com elRey meu senhor encaminharáõ vossas cousas de maneyra, que fiqueis bem contentes. E porque eu fiz meu testamento, antes que partisse de Portugal, no qual posto que naõ deyxasse tanto desencarregada minha consciencia; fez-mo fazer a segurança, e atrevimento, que tinha em elRey meu senhor, e irmaõ, cuja alma Deos haja. Mas pois que elle he já falecido, entendo logo agora fazer meu derradeyro, e final testamento segundo sentir ser ser-

viço

viço de Deos, e desencarrego de minha consciencia; e cada hum de vosoutros assim o faça; e primeyramente nos confessemos todos com proposito, que se podessemos haver os Sacramentos da Communhaõ, e da Extrema-Unçaõ, que os receberiamos, cá isto he o fazer actos de Christaõs verdadeyros, que bem jazemos aqui em artigo de morte; e assim o fizeraõ, e foraõ seguindo com seus trabalhos até o mez de Setembro meado, que veyo Benazarnefe de Granada com o desacordo do trato. E tornàraõ logo a lançar os ferros ao Infante, e aos seus

P CA-

CAPITULO XXXI.

De como o Infante foy levado diante de Lazeraque, e como lhe cometeo, que ſe reſgataſſe com dinheyro, e açoutàraõ hum Mouro diante delles, que vinha de Portugal para furtar o Infante.

NA entrada do mez de Março de quatrocentos e quarenta e dous foy levado o Infante com os ſeus juntamente ao lugar do conſelho, aonde o eſtava eſperando Lazeraque com muyta gente. E naõ quizeraõ conſentir ao Infante, nem aos ſeus (os quaes todos hiaõ deſcalços) que chegaſ-

ſem

ſem às eſteyras, aonde eſtavaõ aſſentados, e os renegados, que preſentes eraõ. E junto aonde o mandàraõ aſſentar, eſtava deſpido hũ Mouro em ferros, que parecia haver pouco que fora bem açoutado. E diziaõ que era Faquyamar, que foy ayo do Infante Iſmael, e havia quinze dias, que fora achado com cartas de Portugal, que vinha para furtar o Infante. Fizeraõ alli ler as cartas, e huma era do amo do Infante de crença para o Infante o crer, e ſe fiar nelle, pois outra maneyra ſe naõ achava para ſeu livramento; e depois de muytas razoens, e perguntas, diſſe Lazeraque ao Infante: Segũdo as novas, que eſte Mouro dá,

já he determinado em Portugal, q̃ naõ dẽ Ceuta por ti: eu naõ a quero; mas dem por ti muyto dinheyro, e por cada hum desses teus, e Ceuta eu a tomarey pela espada. O Infante lhe respondeo, q̃ o resgate delle, e dos seus todo havia de ser hum, que elles eraõ todos seus criados, e que naõ tinhaõ, senaõ o que lhes elle dava, e q̃ elle os metera alli por sua vontade. E depois de muyto debate, q̃ tiveraõ sobre isto, prometteo o Infante por si, e pelos seus cincoenta mil dobras, e cincoenta Mouros cativos. E fizeraõ zombaria de taõ pequeno resgate, e diziaõ, que tanto valia huma rua de Ceuta. Começou entaõ Lazeraque aameaçar o Infante, e a di-
zer:

zer: Já naõ pódes refertar; que os Mouros tem a culpa em teus trabalhos, e penas, pois os Christaõs, e tuas gentes te fazem fazer isto; e pois elles querem mostrar, que naõ te estimaõ, tu verás daqui por diante o que faço de ti. E logo entrou ás perguntas com o Mouro, que estava prezo ante elle; e porque nas cartas, que trazia, fazia menção que aquelle acordo, e ardil era do conselho da Rainha, e do Infante, segundo viera por huma carta assinada por elles todos, a qual carta o Mouro dizia, que lhe ficára em Portugal por esquecimento, açoutáraõ-no alli taõ cruelmente, e taõ junto do Infante, e dos seus, que ás vezes o açoute

te queria a elles chegar, dando finaes, que àquillo haviaõ elles de vir. E depois disto o mandou apedrejar, e levàraõ com elle dous daquelles do Infante, que o arrastassem pela villa desque fosse morto; e fingiaõ, que tambem os haviaõ de matar com elle. E logo tomàraõ outros dous, e levàraõnos a degollar, e isto era feyto de tal modo, que naõ parecia fingido. Depois mandou Lazeraque dizer por hum renegado ao Infante, e aos seus, que com elle estavaõ: Aparelhay-vos todos, que o senhor vos manda dizer, que assim vos ha de fazer, como fazem àquelle vosso companheyro, que veyo de Portugal para vos furtar, que o le-

levaõ apedrejar; e o Infante lhe respondeo logo, que nunca Deos tal companheyro lhe daria, que o outro era Mouro, e tal como elles. E fizeraõ logo levantar o Infante só de entre os seus, e levàraõ-no para fóra, sem elles saberem para onde, que os meteo em mortal temor, e payxaõ, e entaõ esperavaõ o fim de seus dias. Os que levàraõ o Infante, foraõ-no meter dentro na casa da masmorra, e alli secretamente o fizeraõ debater em concertos do resgate até junto da noyte, que o Infante se pôz em resgate de cento e cincoenta mil dobras, e cento e cincoenta Mouros cativos; do qual resgate Lazeraque se mostrou bem

con-

contente. Entaõ elle por si inquirio os do Infante, e com medos, e ameaças tentou, se poderia delles haver algum resgate, e nunca com quanto trabalhou, pode fazer que lhe promettessem cousa, que montasse, e firmaraõ-se todos no que dissera o Infante antes disto; que elles naõ poderiaõ dar outra cousa, senaõ o que elle por elles desse. Cerrou-se a noyte, e levaraõ os quatro Christaõs, que antes tiraraõ fóra, e estiveraõ todos onze. s. os nove do Infante, e os dous chegados a elle, até graõ parte da noyte passada, que os foraõ meter em huma casa da alquisera, que he assim como o castello, e prisaõ.

CA-

CAPITULO XXXII.

Da grande payxaõ, que o Infante recebeo, por naõ saber parte dos seus criados, se eraõ vivos, ou mortos: E como o levaraõ só a huma outra casa aonde esteve quinze mezes, atè que morreo.

ESta primeyra noyte vigiou o Infante, que naõ sabia parte dos seus, nem os seus delle, o que a cada hum accrescentava muyta payxaõ, trabalho, e temor. O Infante perguntava aos porteyros pelos seus; e posto que lhe dissessem verdade, naõ o podia crer, e ainda por isso lhe accrescentar mais

mais pena, todo aquelle dia Lazeraque eſteve no terreyro da tarecena fazendo cõcertar albardas de camellos, e aparelhos de azemelas, e nunca ſe tirou da porta da malmorra, nem os porteyros poderaõ ver o Infante, nem lhe dar paõ, nẽ agua, o que poſto lhe naõ fizeſſe tanta falta, o mais que o atormentou, foy pareçerlhe, que tudo, o que Lazeraque fallava, era em Chriſtaõs, e ora ouvia ſom de ferros, ora lhe parecia, que ouvia pregaõ de juſtiça, e ſe punha em giolhos, e fazia oraçaõ, e depois apertava os ferros por naõ ſoarem, ſe vinha quietamente olhar por hum buraco da grade, e depois ſe tornava aſſentar. E neſta fadiga, e

trabalho andou todo o dia, e à noyte trouxeraõ-lhe paõ, e agua, do que muy pouco comeo. No outro dia o Infante se sentio muy mal, e vieraõ-no dizer os porteyros aos seus, e lhe fizeraõ huma pouca de cozinha, que lhe mandàraõ. No terceyro dia levàraõ hum Christaõ daquelles do Infante para trabalhar na tarecena, e teve maneyra para fallar ao Infante por hum buraco; e o Infante quãdo o vio, e soube como todos eraõ sãos, tomou tanto prazer, que os olhos se lhe arrazáraõ com lagrimas; e assentou-se em giolhos com as mãos levantadas, dando a Deos muytas graças, e louvores, dizendo que nunca tivera

taõ

taõ boas novas; e mandou-os muyto ſaudar cõ muytos recados, rogando-lhes que ſe esforçaſſem por amor delle, que aſſim o faria elle por amor delles; e que comeria dalli por diante qualquer couſa, que lhe mandaſſem, por viver, pois por mercê de Deos elles eraõ vivos. E foy determinado por Lazeraque, e pelos ſeus Çalas, e Faquiis, que apartaſſem o Infante dos ſeus; moſtrando que o naõ faziaõ por lhe dar pena, mas pelo guardarem q naõ fugiſſe. Em tanto lhe concertavaõ o lugar, aonde o determinaraõ meter, e era dẽtro no alcacer delRey hũa caſa terrea, em que eſtavaõ as neceſſarias dos capados, que guardavaõ a porta

 de

de Bembuzigari, e he no corredor, que vay para a porta do Mexoar. Naõ tinha fresta, nem luzerna, para que todo o dia dentro naõ podessem ver sem cãdea. Naõ era mais larga, que quanto se podesse revolver hum homem, que fosse fazer suas necessidades; e dentro estava hum poyal, sobre que dormia o Infante. Neste carcere meterão este senhor ao quarto dia de seu apartamento à noyte. E alli esteve sempre só 15. meses, até que se finou.

CA-

CAPITULO XXXIII.

De como trouxeraõ os criados do Infante à masmorra, aonde elle dantes estivera, e como o Infante adoeceo, e da falla, que fez ao Fysico, e da sua muy aspera vida.

A Noyte, que levàraõ ao Infante da masmorra para aquelle carcere, trouxeraõ os seus para a casa da masmorra: os quaes sentiraõ muyta payxaõ, quando alli o naõ achàraõ, que lhes parecia ser já morto. E assim mesmo o Infante levou grande pena aquella noyte; e pela manhã, quando vieraõ ver os porteyros, o achàraõ

estra-

eſtranhamente fraco, e vieraõ-lhe pelo Fyſico. E quando o Infante o vio, começou de o olhar como homem attribulado, que naõ eſperava doutra parte remedio, e diſſelhe.

O que eu mais temia, e o que mais receava, agora o vejo ſobre mim. E pois a Deos praz que taõ attribuladamente faça minha fim, bemdito, e louvado ſeja elle; mas convém de me aparelhar, como homem, que naõ ha muyto de morar aqui, e que ha de andar outro caminho; e he neceſſario, que tome ordem, e regra, porque me conforme mais com as couſas do outro mundo, q̃ com as deſte. Aparelhe-me Deos minha fim à ſalva-

çaõ

çaõ da alma, que o corpo já o tenho por defunto.

Com estas razoens, e com outras palavras o Fysico muy attribulado, e com a pressa, que lhe davaõ, que se fosse, naõ deo ao Infante alguma reposta; e em lhe fechando a porta, disse-lhe o Infante de dentro, que lhe saudasse muyto todos os seus, e que lhes dissesse que a soidade, e o cuydado, que delles tinha, lhe faria ser sua fim mais cedo, e muyto mais penosa. Foraõ entaõ dizer a Lazeraque como o Infante estava doente, e que lhe mandava fazer; e mandou, que os seus lhe fizessem de comer o que quizessem, e que hum só lho levasse. E ordenàraõ

nàraõ logo os Christaõs entre si, que o Fysico fosse aquelle hum, que lhe levasse de comer. A regra, que o Infante deo ao Fysico, foy, que às segundas, e quartas feyras de todo o anno lhe naõ levasse para comer cousa de carne, e mais que os seus naõ soubessem parte da aspereza, nem da abstinencia, que fizesse, porque o naõ estorvassem do que queria fazer. Item, que se algum delles morresse, ou fosse muyto doente, lho naõ dissessem, nem lhe fizessem saber novas contrarias, q tivessem delRey, nem de seus irmaõs, nem dos senhores, e gentes de Portugal, nem lhe dissessem cousa que o podesse mover para ter odio a alguma

guma pessoa. Com tudo isto o tempo, que alli esteve, foy de tanta abstinencia, e aspereza, que os que o naõ viraõ, lhes parecia muyto duvidoso de crer.

CAPITULO XXXIV.

Do grande trabalho, que os Mouros mandavaõ fazer aos do Infante em as estribarias, e ruas, e de como pedio Lazeraque quatrocentas mil dobras, e quatrocentos cativos.

ESperando estavaõ os tristes, mas fieis vassallos pelas novas, que o Fysico lhes traria de seu senhor, os quaes desejavaõ mais, que já tivessem passado sua morte,

que

que sofrer tantas penas, e cada dia esperar por ella. E sendo a morte a cousa mais terrivel das terriveis; e mais agra de todas as agras, sem duvida a estes queria parecer doce, que taõ a meude eraõ assombrados della, que já se muyto della naõ espantavaõ. E para sua mòr desconsolaçaõ mandou Lazeraque, que além de cada hum delles pensar dez bestas da estribaria, que os metessem a trabalhar em todos os officios, e vilezas que podessem achar, e que nunca cessassem de trabalhar até noyte, naõ obstante que o costume de todos os Mouros era a horas de vespera cessar dos trabalhos. Nem montava, que tivessem

ſem obra de neceſſidade, ou proveyto, porque mandava, que nunca eſtiveſſem quedos, ou lançaſſem eſterco de huma parte em outra, ou mudaſſem pedras, e pàos, pelos quebrantar; e que qualquer Mouro, que paſſaſſe por onde, elles andaſſem lhe dèſſem peſcoçadas, e os mandaſſem, e vexaſſem; e que ſe elles lhes reſpondeſſem aſperamente, que lhes dèſſem quinhentos açoutes, e que ſe tornaſſem maõ a algum Mouro, lha decepaſſem. Meteraõ-nos em tanto trabalho, e ſujeyçaõ, que logo no principio lhes pareceo nunca o haverem de ſofrer, e que iſto naõ lho faziaõ, ſenaõ pelos matarem de todo em todo.

A prizaõ ſua era eſta: quando andavaõ com o exercito no campo, jaziaõ em tronco pelas pernas, e cadeas nas gargantas, e algemas nas maõs; e ſeu ordenado mantimento era huma oytava de farinha, que comeſſem como quizeſſem; e às vezes lhes davaõ daquella vianda, a que chamaõ cuſcuz, quando ficava da outra gente. Neſte comenos mandou Lazeraque ao Infante, que eſcreveſſe a Portugal, como lhe demãdava de reſgate quatrocentas mil dobras, e quatrocentos cativos, que queria ver o q̃ diſto lhe promettiaõ por elle. E a cabo de quatro meſes, que o Infante era apartado dos ſeus, veyo a repoſta do

Portugal, que vista a quantidade de tamanho resgate, bem se mostrava, que naõ tinhaõ vontade de concerto; mas que elles lhes dariaõ cincoenta mil dobras, e que se quizessem vir a preço de razaõ, que elRey mandava a Arzilla por Embayxadores o Doutor Vasco Fernandes, e Fernaõ Rodrigues Cavalleyro collaço do Infante, com os quaes tratariaõ resgate, que razoado fosse para ambas as partes: e mais que os ditos Embayxadores traziaõ logo comsigo o filho de Çalabençala para o entregarem por Gomes da Silva, e Pero Rodrigues, e pela ossada dos mortos. E ao ler destas cartas foy chamado o Infante, a que Lazeraque

raque disse muytas injurias, e afrontosas palavras, chamandolhe perro, e caõ, e ameaçando-o. E porque nas cartas, que de Portugal vinhaõ, se fazia mençaõ, que no resgate do Infante fallaria o filho de Çalabençala; por isto fizeraõ tornar o Infante ao carcere, até vinda do dito Mouro, o qual veyo a Fez dahi a tres mezes; por cuja vinda nunca se mais fallou, nem houve concerto em os negocios do Infante; e aos seus fizeraõ muyta deshonra, e disfavor; Lazeraque os mandou vir perante si, e fazendolhes depenar, e tosquiar aos Judeos os compridos cabellos, e barbas, que traziaõ, lhes mandou em sima dar muytas pescoçadas,

e grandes, dizendo aos Judeos, que lhes isto faziaõ: Day honra a estes perros alcaydes, e huns caẽs subjuguem os outros, que assim fazem elles em sua terra aos Mouros: e dalli em diante de tempo em tempo assim lhes mandava fazer. Neste mez foraõ cativos nas atalayas, de fóra de Ceuta sete Christaõs, e foraõ alli trazidos, por cuja vitoria a villa esteve oito dias com pendoens, e bandeyras; e cada dia vinhaõ os tangedores da villa fazer festa aos paços del-Rey; e esta festa faziaõ elles por encobrirem a perda, que recebèraõ entaõ dos Christaõs, que mataraõ; e feriraõ muytos da companhia de Buruffe, que era Capi-

taõ,

taõ, que fora correr a Ceuta com muyta gente.

CAPITULO XXXV.

De como o Infante animava, e consolava os Christaõs cativos, que havia em Fez, e de outras suas boas obras s. do comer, rezar, e confessar: e da falla, que elle fez a alguns dos seus criados.

TOdo o tempo, que este senhor viveo neste carcere, poucas vezes ceava, e isto taõ pouco, que parecia naõ quebrar jejum: Muytas vezes metia o comer na boca, e o lançava fóra, dizendo, que o naõ podia comer, e o mandava

dava a quaesquer cativos, que erão doentes, ou que o haviaõ mister. Confortava com muytos promettimentos os Christaõs, que alli estavaõ cativos, e confirmava-os na santa fé, a qual por admoestaçoẽs suas muytos sustentàraõ, dos quaes seis, ou sete se tornàraõ Mouros depois delle morto. De dia, e de noyte tinha lume em alampada, que os seus lhe mantinhaõ por seus trabalhos, e boa diligencia; e tinha comsigo hum grande livro de papel, que era Breviario, em que estavaõ escritas muytas, e devotas oraçoens. Continuamente rezava com ambos os giolhos em terra, e assim dormia, do que tinha nos giolhos calos muy grandes,

des, e faziaõ-se-lhes nelles espigas muy altas, q lhe davaõ grande pena. Seu trabalho naõ era alli outro, senaõ rezar; e depois buscarse do piolhos, e pulgas. Quando queria ver, ou fallar a algum dos seus, peytava os porteyros com algum dinheyro; e assim secretamente ao tempo de comer o metiaõ dentro: outras vezes diziaõ os seus que queriaõ tirar terra, e caliça para as camas das bestas, da qual tinhaõ muyta dentro em huns paços derribados parede meyo com o Infante; e haviaõ a chave do meestre das obras, e fallavaõ, e viaõ o Infante por hum buraco, que elle fizera de dentro do carcere com hum tijolo, que punha, e ti-

tirava. Cada ſemana, e de quinze em quinze dias o Confeſſor eſtava com elle o tempo, que lhe era neceſſario, e duas vezes eſteve com elle cerrado des do jantar até cêa, em que foy abſolto de culpa, e pena por duas graças, que houvera dos ſantos Padres Martinho V. e Eugenio IV. cada huma *ſemel in vita*. Tanto continuavaõ as lagrimas correndo de ſeus olhos, que os lagrimaes, e o roſto, por onde corriaõ, eraõ aſſados, como ſe lhe pozeſſem fogo: o q̃ era manifeſto a quantos o viaõ. Naõ tem comparaçaõ o muyto prazer, que eſte ſenhor achava em fallar cõ os ſeus. Entre todos os conhecia no ſom dos ferros, e cada vez, que lhes fallava,

lava, ſempre lhes dizia: Perdoayme pelo amor de Deos quanto mal, e trabalho padeceis por minha cauſa. E huma vez antes de ſua morte fallando com tres dos ſeus por aquelle buraco, lhes notificou ſua tençaõ, que lhes vinha a propoſito do que fallavaõ, em eſta maneyra.

Falla do Infante a tres dos ſeus.

COmo a amigos, que em lugar de filhos tenho, vos notifico, que o mòr contentamento que ora de preſente podia ter neſte cativeyro, era eſtar aſſim com voſoutros, e andar trabalhando ſem alguma differença entre vòs, e cer-

certifico-vos que tanto prazer me ceberia em isto, que em muy grão parte me tiraria o desejo de Portugal; e se mais quereis saber de mim, Deos me he testimunha, que com vosoutros fallo a verdade, que sómente por tres cousas desejo de viver, e ir à nossa terra; e sendo isto, naõ queria hum só dia viver: A primeyra he por vos agazalhar, e satisfazer, como vòs mereceis, e tambem aos outros, q me serviraõ; o que por outrem vos naõ será feyto, como por mim, que já vi o exemplo em outros a vòs semelhantes. A segunda por animar a Christandade; que ganhassem esta terra para a santa fé. Isto porém naõ por vin-

gança do que me fazem nella, que tudo lhe tenho já perdoado, por quanto o que me fizeraõ, e fazem o executaõ como ministros de minha salvaçaõ. A terceyra por fazer cõ elRey meu senhor, e com meus irmaõs, que tirem de cativeyro os Christaõs, que nesta terra estaõ cativos, e exercitarem esta taõ virtuosa obra, em que se comprehendem as obras de misericordia espirituaes, e corporaes: o que eu faria, sem lhes dar mais gastos. E pois que eu o padeço, e pelo que já sey, e por quem sou, o poderia melhor fazer que outrem. Só por estas tres cousas, e naõ por meu contentamento, e prazer desejo a vida, que pelo al Deos sabe, que

já

já sou farto de viver em este mundo.

CAPITULO XXXVI.

De como as Mouras doestavaõ o Infante com cantares deshonestos: e como adoeceo o Infante, de dia em dia mais chegando sua morte, e da grande crueldade dos Mouros contra elle.

AContecia que muy a meude às mulheres do alcacer vinhaõ até as portas, onde o Infante jazia, e alli cantavaõ quaesquer cousas, e novas, que lhes vinha à vontade, para elle as ouvir, que o naõ podiaõ ver; e posto que o Infante

fante naõ foubesse fallar Aravia, entendia muytas cousas, e recebia nisto muyta pena, que muytas vezes assacavaõ muytas mentiras, e vinhaõ-lhas alli dizer. Huma hora cantavaõ, e tangiaõ, dizendo: Agora os nossos Mouros tomàraõ Ceuta; outra vez diziaõ: Agora mataràõ o Conde, e trazem bem mil Christaõs cativos. Neste tempo veyo a Fez recado como se finàra o Infante D. Joaõ, e logo aquellas màs novas vieraõ dizer àquella porta; mas o Infante cuydou que o assacavaõ, como faziaõ em outras muytas mentiras; mayormente que diziaõ, q̃ aquelle era elRey, que viera a Tanger. E porque por vezes os Mouros,

fallando, diziaõ, que em Portugal naõ havia mais forte, nem mayor homem, que aquelle Rey, que a Tanger viera (o que eu cuydo diziaõ pelo Infante D. Henrique irmaõ do santo Infante D. Fernando, que na verdade tal era, cujo valor bem o tinhaõ experimentado na tomada de Ceuta, e na peleja de Tanger) imaginou o santo Infante, que por lhe quererem mal, diziaõ que era morto. Os seus sempre lho encobriraõ de tal maneyra, que nunca soube da morte do Infante D. Joaõ seu irmaõ. E como se chegou o mez de Junho de quatrocentos e quarenta e tres, chegava-se tambem a fim deste senhor, quando seus tor-

mentos eraõ mayores, e mais graves de sofrer. E sabbado primeyro dia do mez veyo o Infante adoecer de camaras com fastio, que naõ podia comer cousa alguma, e no outro dia cresceo mais a doença; e já muyto mais a segunda feyra, e elle enfraquecia cada vez mais. Quando o souberaõ os seus, tres delles se determinàraõ de ir ao alcacer, mostrando terem lá que fazer; e como chegàraõ à porta, aonde o Infante jazia, ouviraõ os gemidos, que dava, como homem já muyto fraco; e quando foraõ junto da porta, fallàraõ, dizendo: O Senhor Deos vos dé boa saude, dizey-nos como vos achais. E elle perguntou

quem eraõ; e como (disseraõ elles) tanto he o vosso mal, que já nos naõ conheceis? Atégora nos conhecestes no som dos ferros, e agora (por nossa desaventura) nem nos ferros, nem na falla nos conheceis já! E entaõ lhes rogou, que lhe perdoassem, porque sua doença era tamanha, que o tirava fóra de si; mas disselhes que fallassem a elRey, e à Rainha, que fallassem por elle a Lazeraque, que o mandasse tirar daquella escuridaõ, e que o pozessem em lugar, aonde o elles podessem curar, e ajudallo, que com graõ pena se levantava a fazer suas necessidades. E foraõ-se entaõ taõ tristes, como quem hia pòr sua vida em

risco

risco de a perder; mas nada a estimavaõ pelo amor, q a seu senhor tinhaõ, cujo mal lhes doîa mais, q seu perigo. Fallàraõ a elRey, e à Rainha, e à irmã delRey, que era a mayor mulher de Lazeraque, de q naõ houvèraõ outra reposta, salvo esta: Dizey-lhe que se esforce a si o melhor que poder, que nòs naõ podemos nisso fazer alguma cousa, ou requerella. A quantos Alcaydes, homens bons honrados, que vinhaõ ao alcacer, elles faziaõ queyxume de tanta crueza, pedindolhes misericordia; para aquelle attribullado senhor, que tanto a havia mister; e com muytas lagrimas se lançavaõ entre elles em terra beyjando-lhes os pes;

e as maõs; e de todos naõ tinhaõ outra ajuda mais que dizerem hũs: Que cuydaes, que se atreverá fallar nisso ao senhor: outros diziaõ: Deos sabe quanto mal nos parece o que lhe fazem, e nos peza disso muyto, mas naõ he em nossa maõ fazermos outra cousa. Outros pelo contrario se riaõ, fazendo delles escarnio, e diziaõ: Daynos Ceuta, e logo vosso Rey haverá mais favor. E nisto chegàraõ ao Alcayde Laecem, que era o mayor privado de Lazeraque, e lhe manifestàraõ sua piedosa petiçaõ, dandolhe conta de sua necessidade. E depois de os ouvir, começou de se agastar contra elles, dizendo-lhes: Caés, perros,

sem

sem ley, e sem bem, parece-vos que está nos homens poderem dar saude ao vosso Rey; hivos di logo; que se Deos quizer, elle o matará, ou dará saõ; (como se elles lhe pedissem saude, pedindolhe só favor, e melhora do lugar.) Com esta ignorante sentença os lançou d'ante si muy desconsolados. Entaõ se foraõ ao Alcayde da çaquifa, que delles tinha a guarda, que notificasse a seu senhor o perigo da morte, em que o Infante estava; o qual naõ tanto por soccorro do Infante, como por sua guarda, lho foy dizer. Mas naõ lhe deraõ por isso mais remedio, nem ajuda, ou accrescentamento da raçaõ costumada; só-

mente concedeo, que o Fysico estivesse com elle, e alguns outros Christaõs, que houvesse mister. Desde a terça feyra até a quarta seguinte estancou o fluxo de todo.

CAPITULO XXXVII.

De como a Virgem nossa Senhora Santa Maria appareceo ao Infante; e S. Miguel Arcanjo, e S. João Evangelista rogarão a nossa Senhora por elle; e da reposta, que o Infante teve; e de como morreo, e Lazeraque entaõ fallava bem delle.

A Quarta feyra seguinte, poderia ser hũa hora ante manhá,

nhã, o Confessor acordou, e levantou-se em pé por ver se dormia o Infante, que elle, e o Fysico continuamente de dia, e de noyte o vigiavaõ, e tinhaõ o mór cuydado, que podiaõ, acerca de sua doença. E quando o Confessor poz os olhos no rosto do Infante, vio delle sahir muy grande claridade, o gesto alegre, e muyto risonho, e os olhos abertos, e cheyos de lagrimas, e as maõs ao Ceo alçadas. E como assim o vio, muyto maravilhado começou de o chamar por tres vezes, perguntando-lhe se dormia; e o Infante a ultima vez lhe respondeo, que bem ouvia. Naõ curou mais o Confessor de lhe perguntar, nem

fal-

fallar, cá entendia que lhe naõ prazia, e tornou-se a lançar, e esteve assim esperto, até que foy manhã, que os porteyros vieraõ abrir a porta. E logo o Infante chamou o Confessor (e disse ao Fysico, que lhe deyxasse a casa por hum pouco) dizendo ao Confessor nesta maneyra: Vòs me perguntastes esta manhã pelo que fazia, e eu naõ vos respondi, porque naõ quiz que outrem nos ouvisse. Agora vòs me promettereis, que assim como em confissaõ recebais quanto vos ora disser, e que o naõ digaes a alguma outra pessoa aqui neste cativeyro, salvo depois q̃ fordes em Portugal, ou que virdes que sobre este corpo alguma cousa se encami-

caminha, ou que sintaes que he louvor de Deos, e da Virgem Maria. E entaõ começou de dizer: Duas horas seriaõ antes da manhã: que eu jazendo, e imaginando nas angustias deste mundo, e na gloria dos bemaventurados, me começou de vir ao coraçaõ huma grande soidade, e desejo de me ir deste mundo; e nisto firmey os olhos naquella parede, e vi em direyto de mim huma senhora assentada em hum alto estrado junto de muytas gentes fermosas; e logo conheci, e me pareceo, que aquella seria a Virgem Maria Madre de Deos, e dos peccadores defensora, e advogada; e ante ella se poz em giolhos hum dos

daquella companhia, dizendo-lhe: Peço-te, Senhora, que te queyras condoer deste teu servo, e que tanto neste mundo te honrou, e servio sempre. Vé, Senhora, quanto já tem padecido, e roga a teu Filho, que determine suas payxoens, que tantas saõ; offereço-te eu, Senhora, por elle meus rogos, porque he meu devoto. Praza-te de o pores, e collocares entre nosoutros. Quando lhe eu isto ouvi, attentey por elle, e vi-lhe ter hum pendaõ com a Cruz na maõ, e na outra huma balança, sinaes, com que os Christaõs costumámos pintar o Arcanjo S. Miguel, e entendi ser elle aquelle, que Deos por aquelles sinaes mo quiz dar a conhecer,

e por

e por tal o conheci. E logo traz elle outro se poz em giolhos, que trazia em huma maõ hum caliz, e na outra hum livro aberto, em que eu li o principio do Euangelho de S. Joaõ, que diz: *In principio erat Verbum*; pelo que logo o conheci sem duvida alguma. Este lhe disse: Madre, e Senhora, havey piedade deste vosso servo, e meu devoto, naõ o deyxeis já mais padecer, que tempo he que entre ao convite da gloria com nossos irmãos. A' supplicaçaõ destes dous, que eu sómente conheci, e ouvi, a Senhora Virgem Maria com vulto muy gracioso olhando para mim disse, que em este dia seria trazido, e posto entre elles.

E iſto dito me deſappareceo; e naquillo me começaſtes vòs de fallar; da qual viſaõ eu fuy muyto cõſolado; e verdadeyramente eu me hey hoje de partir deſte mundo. Ouvindo iſto o Confeſſor cõ muyta devaçaõ começou de chorar, e louvar a Deos, confortando ao Infante, q́ prazeria a Deos de lhe dar boa ſaude; e o Infante levantando as maõs aos Ceos, diſſe: Eſta he minha ſaude, e todo meu bem, q́ eu alcance tamanha bemaventurança, como he a que Deos dá aos ſeus ſervidores. E onde vos poderia eu merecer tanto bem, meu ſenhor Deos, que a voſſa glorioſa Madre com a companhia celeſtial me vieſſe viſitar, certificando-me

do-me de tanta gloria? E quem ſou eu homem peccador, com quem vòs, Senhor, fazeis tanta miſericordia? Que todas as payxoẽs deſte mundo naõ ſaõ baſtantes para a mais pequena couſa da voſſa gloria. O' minha alma, como vos deveis muyto alegrar no voſſo Deos, que tanto vos ama, e tamanha mercé vos faz, que elle vos dá por breves trabalhos infinito deſcanço: por falta de poucos bẽs, muy grande theſouro de gloria. Senhor ſe virdes, q̃ eu ſou merecedor para taõ preſtes receber tamanho galardaõ, eu aparelhado eſtou para ſofrer todas as tribulaçoens atè morte, que me baſta o esforço da voſſa graça, de que me dais

taõ

taõ grande esperança. Senhor, como vòs quizerdes, e como for vossa vontade, assim se cumpra em mim. E nisto entrou o Fysico, e deo-lhe de comer; e assim passou todo aquelle dia, até que o Sol era já posto. O Infante fazendo camara sem algum máo cheyro, que escasamente a fez, começou de esmorecer, e fantasiar. E o Confessor lhe perguntou se sentia como estava; e o Infante lhe disse: Vou-me de todo; e elle lhe disse: Pois fazey a confissaõ géral: a qual elle só fez muy inteyramente, com a protestaçaõ por guarda da santa Fé, e abraçando-se com os merecimentos da payxaõ de N. Senhor Jesu Christo,

to, e da Virgem Maria, e de todos os Santos, recebida absolviçaõ plenaria *in articulo mortis*; e a bençaõ sobre elle, volveo-se sobre a parte direyta, e disse: Hora me deyxay acabar. E com esta palavra sem outra mudança de gesto deo a sua alma ao Senhor Deos, que a criou, com o qual esteyo que vive para sempre. Estando o Infante neste passo para dar fim a seus trabalhos da vida, que taõ trabalhada teve, fizeraõ saber a Lazeraque deste ponto, em que o Infante estava. O qual naõ fez mais como se fosse por hi outro homem; mas sua falsa lingua naõ pode callar o louvor deste virtuoso Infante, que logo pre-

ſentes todos, diſſe: Se entre os perros renegados dos Chriſtaõs houveſſe algum bem, neſte, que agora morreo, o havia, e ſe fora Mouro por tres bondades, que teve, devera ſer grande ſanto. Eu ſey delle, que nunca mentio, nem o achey em alguma mentira; e de quantas vezes o mandey eſpreytar de noyte, por ſaber, o que fazia, ſempre o achavaõ rezando em giolhos, e ſem duvida era homem de muyta oraçaõ. A outra virtude, que tinha, dizem, que era virgem, e que nunca conheceo mulher. Certamente grande peccado tomàraõ ſobre ſi ſuas gentes, que o deyxàraõ aſſim cà morrer. Por maneyra que a boa vida, e

virtudes do ſanto Infante eraõ taõ certas, e manifeſtas, que ſe podiaõ tirar por teſtimunhas as proprias partes contrarias, e inimigas, fazendo-as juizes do caſo, e dizendo nelle com David: *Inimici noſtri ſint judices.*

CAPITULO XXXVIII.

De como levàraõ o corpo morto do Infante à maſmorra, aonde mandàraõ, que os ſeus criados lhe tiraſſem os ferros: e do pranto, e lamentaçaõ, que elles fizeraõ por ſeu ſenhor

DEs que foy alta noyte mandàraõ cerrar dentro no car-

cere o Fysico, e o Confessor com o corpo morto até o outro dia hora de vespera, que o fizeraõ levar sobre huma taboa à casa da masmorra, e fizeraõ chamar todos os do Infante aonde andavaõ trabalhando, que lhe viessem tirar os ferros. E tanto que entràraõ dentro, aonde o corpo jazia, meteraõ-lhe dentro as cordas, e aparelho, que haviaõ mister para lhe tirarem os ferros. E assim como aquelles, que em vida se podiaõ comparar a mortos, taõ attribulados, como póde cuydar quem bem sente das cousas, se lançàraõ de bruços em terra, dando com as cabeças no chaõ. E diante aquelle virtuoso, e santo corpo depenavaõ

navaõ barbas, e cabellos, e se feriaõ nos rostos, beyjando os pès, e maõs de seu senhor, cujos membros estavaõ em tanta desenvoltura, como se fora vivo, e tinha tão alegre, e bem assombrado rosto, que parecia visaõ Angelica. Naõ poderaõ por hum espaço fallar palavra, que o impeto do choro impedia de todo ponto suas fallas. E como poderaõ fallar, ainda que cansados da trabalhosa dor, arrebentàraõ de novo juntamente em lagrimas, e palavras, dizendo.

Pranto dos ſeus pela morte do Infante ſeu ſenhor.

PArtio-ſe de nòs quem tinhamos em lugar de ſenhor, e pay, o qual, quebrou noſſa fortaleza, e desfez noſſa deleytoſa companhia. Alongado he de nòs o noſſo ſobejamente querido: naõ ſe poderáõ achar homens atribulados a nòs ſemelhantes. O ſenhor quaõ grande encarrego levais de nòs, mas naõ ſem grande màgoa voſſa: que deyxais em eſtranho perigo, e muyto deſamparo os que criaſtes, e governaſtes com tanta diligencia, e tiveſtes por companheyros, e participantes

em

em todos os trabalhos, e adversidades, cá cousa que de prazer, e deleytaçaõ fosse, de nenhuma maneyra a tivemos. Lembre-vos, senhor, quantas vezes contendiamos sobre vossa fugida, e como nos dizeis que ainda que vós só tivesseis seguro livramento, que o naõ aceytarieis, nem ainda por ficar em perigo o mais pequeno de nós; e agora naõ sómente desamparais o mais pequeno, mas todos juntamente. Que necessidade, ou força foy taõ grande, que vos moveo do vosso taõ firme proposito, que o vosso desejo naõ era outro, senaõ estardes com nosoutros, e viverdes entre aquelles, que com taõ grande amor tinheis conjunctos a

vòs, e por isso padecieis? Esta era vossa mortal pena, que vos fazia padecer os tormentos, que nos vieis sofrer à vossa conta, como dizieis. Mas se por ventura nos dirieis isto fingidamente, por nos terdes a vòs sujeytos? Naõ por certo. Porque no vosso leal, generoso, e verdadeyro coraçaõ nunca coube engano, nem alguma malicia; e quem quer vos poderia enganar (que tal he a generosa natureza, facil para ser enganada por crer bem de todos, e difficil para enganar por carecer da bayxa, e vil malicia), e vòs naõ enganarieis a alguem. Isto se mostrou bem em o cerco de Tangere, aonde vos foy requerido a pri-

primeyra noyte, que vòs recolhesseis encobertamente aos navios, e respondestes de praça; que vos naõ partirieis do palanque, que o todos naõ soubessem, e com o mais pequeno na morte; e vida serieis companheyro. Pois como naõ dissestes a nòs tristes, e desamparados esta vossa rebatada, e escondida partida; que se era por perigo, assaz o he este, em que nos deyxaes, sendo tal o cativeyro como tendes visto. Ou se por ventura o farieis por temor, ou receyo de mais tribulaçoens vossas? Sem duvida naõ, que a grande fortaleza, com que vos esforçastes para vos pòrdes ao cutello dos infieis, quando vos pediraõ por prenda,

da, e guarda da salvaçaõ dos Christaõs, naõ consente que o de vòs possamos presumir; que vòs ereis entaõ dos principaes senhores, e o segundo Capitaõ do exercito, e frota, guardado, e acompanhado de taõ boa gente como ahi estava. E se para força de armas o caso se houvera de determinar, possante ereis por haverdes salvaçaõ com os primeyros. Se por necessidade de salvo, e pacifico recolhimento; tanta era vossa enfermidade, e fraqueza de vossa doença, que naõ houvereis de ser derradeyro. Mas aquelle divino fogo do amor de Deos, que nunca em vòs foy apagado, vos fazia naõ sentirdes àquelle tempo cousa

sa

ſa alguma de pena, e trabalho. O senhor, pois que aos filhos alheyos foſtes preço de ſua ſalvaçaõ, como o naõ ſois agora para nòs, que dizieis terdes-nos em lugar de voſſos filhos? E ſe rogaveis a Deos por voſſa fim, rogareis tambem pela noſſa, e levareis em voſſa companhia eſtes orfaõs triſtes, e de todo bem deſamparados, que eſcolhidos tinheis por voſſa conſolaçaõ. E ſe pois acerca do eſpiritual nos naõ agaſalhaſtes, como nos deſamparais temporalmente neſte eſtado, e ponto, em que nos deyxais triſtes, voſſos criados, e ſervidores? Certo he que quem a vòs teve odio, aſſim terá a nòs; e quem a vòs naõ foy piedoſo; que

muyto menos o ferá a nós. O Deos alto, e soberano, que deserto foy este taõ aspero, porque nos guiastes traz esta luminosa columna, sem desviarmos do caminho de toda a boa, e santa doutrina? E para que nos sustentastes entre nossos inimigos, e nos livrastes de tantos perigos, e enfermidades, se antes da promettida liberdade nos deyxais affogar neste mar de tantas angustias? Noyte escura, e temerosa foy para nòs a que nos apartou de tanto lume, e claridade. Porque baliza passaremos taõ alto, e perigoso vào? Ou a que farol lançaremos nossos olhos? Com que alegria, e esforço sofreremos nossas tribulaçoens? Aon-

de

de está agora a esperança de nossos galardoens, que nos eraõ promettidos? O' senhor nosso, com quanto prazer vinhamos para estas prisoens na fim dos trabalhos, como quem havia de achar na pousada quem muy brandamente nossas chagas havia de curar! Todos nossos bens, e esperanças nos saõ convertidas em opprobrio, e lamentaçaõ.

CA-

CAPITULO XXXIX.

Das cruezas, que Lazeraque mandou fazer ao corpo do Infante: e como os ſeus criados enterràraõ o coraçaõ, e tripas.

AInda os triſtes naõ acabàvaõ ſeu pranto, quando à porta da caſa, onde jaziaõ, chegàraõ certos Mouros com recado de Lazeraque; o qual como fora manhã, e acabàra de rezar em ſua Algema, ſe fora à villa velha para tomar conſelho ſobre o que ſe faria do corpo do Infante, que na vida naõ ceſſára de atormentar, e na morte naõ queria deyxar de per-

perſeguir com toda a inhumanidade. E os Mouros lhe diſſeraõ aſſim aos do Infante: Manda noſſo ſenhor, que abraes o corpo do voſſo Rey, e que lhe tireis as tripas, e quanto dentro tiver, e que o enchais de ſal, e de murta, e louro ſeco, que vos aqui trazemos: A eſtes deſconſolados bem parecia que a tençaõ dos infieis eſtava aceſa, e porque na vida naõ alcançàraõ ſeu intento, naõ ſe podia apagar atè na morte ſer ſatisfeyto. E perguntàraõ para que mandavaõ abrir aquelle corpo. E reſpondèraõ-lhes, que por eſtar cõſervado, atè que ſua gente compriſſe. Quanto he (diſſeraõ elles) de pormos nelle maõ para o abrirmos,

mos; Deos naõ o consentira, que antes sofreremos, que nos matem; e isto tende por certo. Quizeraõ os Mouros àquelle tempo usar cõ elles de razaõ, q̃ elles viaõ seria muyta crueza darlhe mais pena. E em quanto foraõ chamar outro Christaõ, q̃ o abrisse, cerràraõ a porta sobre elles; e elles tornàraõ a seu pranto como dantes, referindo aos Mouros como taõ inhumanamente matàraõ aquelle senhor taõ innocente, e de tanta bondade, pelo qual houveraõ grande resgate, se o bem souberaõ conservar, dizendo, que pois taõ ignorantemẽte o perderaõ, a vida delles naõ lhes prestava; que outro ganho naõ podiaõ delles haver, se naõ

aca-

acabarem nelles a crueza que na morte do ſenhor começada tinhaõ. E depois diziaõ: O' ſenhores Infantes poſto que atégora voſſas orelhas foraõ cerradas aos devotos rogos, e determinados requerimentos, que vos de cá foraõ com tanta miſeria recontados deſte voſſo atribulado irmaõ, já agora voſſos coraçoens naõ poſſaõ ſofrer tantas injurias, e a grande anguſtia que voſſo irmaõ padeceo, e em que acabou. O' digna, e honrada fama porque os antigos tanto trabalhàraõ! Vòs ſenhores, que ſois vivos, naõ façais fique em branco o famoſo livro de voſſos honrados nomes. O' caſo taõ crime, que por noſſo peccados es

taõ affrontoſo entre noſſos parentes, amigos, e naturaes! O' vos outros que no cerco do palanque de fóra da Cidade de boa vontade prometieis os bens, e daveis as terras, porque os corpos foſſem ſalvos: por Deos naõ moſtreis deſconhecimento contra quem vos deo a vida, e quem por vòs eſtendeo os braços, e ſe deo em maõs de voſſos, e ſeus inimigos, por voſſa ſalvaçaõ, e reſgate. Quem poderia reſumir as muytas razoẽs, e laſtimoſas palavras, que elles neſte tempo de ſua tribulaçaõ diziaõ? Tiràraõ pois os ferros das pernas a ſeu ſenhor, eſtando de giolhos, e poſtos de redor daquelle ſanto corpo, em que lhes parecia

eſta terem ainda abrigo, e que quereria Deos debayxo da ſua ſombra amparallos. Niſto trouxeraõ hum Chriſtaõ natural de Bèja, que o abrio, e o coſeo. E elles recolhèraõ, e pozèraõ em guarda as tripas, e quanto delle tiràraõ; e depois diſto os mandàraõ fóra que foſſem a ſeus trabalhos, e era já cerca do Sol poſto. Tanto que os Chriſtaõs cativos, que acarretavaõ herva, vieraõ para a eſtribaria, fizeraõ-lhe levar o corpo do Infante ſobre huma taboa à porta da Villa, e ataraõ-lhe huma corda nas pernas, e penduraraõ-no nù com a cabeça para bayxo nas ameas do muro. Era já noyte, e traziaõ os Chriſtaõs todos para a

prisaõ; e quando isto foy notificado aos criados deste senhor, naõ se poderiaõ mais dôer, se naõ como se os todos alli houvessem de enforcar junto de seu senhor: taõ mal sofrèraõ pendurarem-no. E entràraõ na casa da masmorra, que ainda até entaõ jaziaõ apartados dos outros cativos, e houvèraõ espaço dos porteyros para fazerem de comer antes que os metessem na prisaõ. E neste espaço metèraõ as tripas, e a freçura com o coraçaõ, tudo como o tinhaõ guardado, em huma grande panella de barro, e a bandouva com tudo o que trazia em outra, e tudo foy muy bem salgado; e fizeraõ em hum recãto da casa huma co-

va,

va, em que enterràraõ aquellas panellas bem cubertas. E depois acabo de dez dias fizeraõ ſobre eſta cova hum levantamento de taboas á maneyra de moimento; e pozeraõ-lhe em cima huma cobertura de alcatifa, com hũa Cruz branca. E por peyta, que davaõ aos porteyros, tinhaõ lugar para cada dia como vinhaõ de ſeus trabalhos, todos com o Clerigo dizerem alli as Horás dos defuntos de tres liçoens, e aos Domingos, e feſtas nove; e tinhaõ ahi incenſo, e candeas, e agua benta. Iſto durou aſſim até dez meſes que todos os cativos foraõ miſturados, e o haviamento desfeyto. E elles com receyo de ſerem deſcubertos,

tiràraõ dalli aquellas reliquias, e as enterràraõ fóra em outra parte, aonde eſtiveraõ até que depois foy reſgatado Joaõ Alvares Autor deſta Chronica; e as trouxe a Portugal.

CAPITULO XL.

De como Lazeraque com todos os Mouros foraõ à porta de Fez; aonde o Infante eſtava pendurado. E como depois tiràraõ o corpo ſanto, e o pozeraõ em hum atàude de taboas a dita porta; aonde eſteve muytos annos.

ERa quinta feyra à noyte quãdo o corpo alli foy pendurado;

do; e no outro dia que era sesta feyra, mandou Lazeraque aparelhar seu Rey, e pollo em todo o arreo de festa para para ir fazer oraçaõ a Algema Alcorim, que está na villa velha, e havia de passar por onde estava o corpo deste senhor, e mandou dar pregaõ que todos o alli viessem ver. E quando tiráraõ os Christaõs da prizaõ, para os levarem a trabalhar, naõ os podiaõ defender os q os guardavaõ de tanta multidaõ de gente, que sómente os bràdos delles os faziaõ esmayar. Pelos muros, e por fóra da villa, os valles, e outeyros, eraõ cobertos de infinita gente, que sómente lhes bastàra verem aquelle corpo posto em

tanta deshonra; mas ainda parecia que esperavaõ, para tomarem delle outra vingança. Huns lançavaõ pedras, outros laranjas, outros cospiaõ contra elle; e com palavras inhonestas, e descarneo, e doesto zombavaõ, e diziaõ: este he o Rey dos renegados, que vinhaõ conquistar os Mouros de Deos? Que ignorante gente, que naõ cabiaõ em sua terra, e queriaõ tomar a alheya: Outros tomem o que lhes haveo: outros diziaõ, quem taõ determinadamente vinha peleyjar com quem naõ tinha razaõ; como naõ veyo tirar este seu Rey de cativeyro? E já agora estes caẽs, que aqui jazem com elle, o negavaõ de seu Rey, e di-

diziaõ que outro mayor Rey tem os de Portugal, diziaõ outros: porq̃ naõ mandava elRey nosso senhor, e Lazeraque, que Deos mantenha, arrastar aquelle corpo aos seus pela villa, e depois o apedrejaramos todos, e tiraramos taõ má semente da terra, e entaõ viessem no vingar os perros de seus parentes. Alguns perguntavaõ porque punhaõ alli aquelle corpo, e os outros respondiaõ q̃ por deshonra, e desprezo dos seus parentes. Nisto cavalgou elRey, e Lazeraque, e seus Alcaydes com toda a corte, a que chamaõ Mazagania, e foraõ fazer sua oraçaõ. E quando passáraõ por onde estava o corpo daquelle senhor, disseraõ a todos, que

que se humilhassem a seu Rey. E logo se todos lançàraõ em terra, beyjando o chaõ, e dizendo; Deos mantenha o nosso Rey, e senhor Abdelao, e bom paraysо haja a alma de seu pay, e de seus avòs. E chamavaõ-lhe Rey virtuoso, e destruidor da ley Christã. A hora de vespera cavalgou outra vez com todos assim como dantes, e vieraõ jugar as cannas alli aonde estava o corpo do Infante, e durou até noyte aquella festa. Esteve o corpo assim pendurado quatro dias até segunda feyra à noyte, que o mandàraõ aos seus meter em hum ataude de madeyra, e o pozeraõ pendurado por cordas naquelle lugar, aonde esteve pendura-

durado por corda naquelle lugar, aonde esteve pendurado nù. E depois meteràõ dous agueyros de madeyra pelo muro, sobre que pregàraõ o ataude junto das ameas do muro, à porta Delbençaba, aonde esteve muyto tempo, e fez nosso Senhor por elle alli muytos milagres.

CA-

CAPITULO XLI.

De como os criados do Infante depois de sua morte, naõ só dos Mouros, mas ainda dos outros Christaõs cativos eraõ maltratados, e Lazeraque mandou pôr hum dos Christaõs n'huma cruz, e dous degolar, e outros muytos açoutar, por hum só Christaõ, que queria fogir.

EM tanto odio era tido entaõ o nome deste virtuoso senhor, e com taõ grande aspereza eraõ os seus tratados, que naõ sómente dos Mouros, mas ainda dos outros Christaõs cativos eraõ vituperados, e perseguidos. E os

que

que antes, vivendo aquelle senhor, os escusavaõ dos trabalhos; e se offereciaõ para os servir, depois pouco, e pouco apartandose delles os acusavaõ, e davaõ occasiaõ, com razoens forjadas do seu parecer, porque deviaõ trabalhar tanto como cada hum delles. E se lhes perguntavaõ se eraõ dos daquelle Christaõ, que estava pendurado, respondiaõ muy affrontosamente que naõ. Taõ corridos se viaõ de cada parte, que em publico naõ ousavaõ de andar, nem fallar entre os outros; e mandou-lhes Lazeraque dizer, que nunca resgataria nenhum delles, porque todos lhe haviaõ de morrer em ferros. Até entaõ eraõ

apar-

apartados dos outros cativos, assim na prisaõ, e no mantimento, como nos trabalhos; mas depois juntamente, e com os somenos, de mistura eraõ tratados, e opprimidos em todo o vil trabalho, que se houvesse de fazer. Seriaõ por conto todas as bestas, que pensavaõ 350. e elles Christaõs cativos eraõ por todos quarenta e seis. Deyxemos já todos os trabalhos a que eraõ destinados, mas ainda as doenças os andavaõ buscando, que até morte do Infante naõ foy algum delles doente, nem faleceo por morte. Mas dahi a doze dias se finou Diogo Delgado, e logo Joaõ de Luna, e Mestre Martinho, e depois Fernaõ Gil, e Joaõ Lou-

tenço. Naõ se escusou algum dos outros que ficàraõ, de grandes, e perigosas enfermidades, de ǵ estiveraõ em risco de morte. E porque a crueza de Lazeraque foy causa da morte deste virtuoso senhor; e dos seus, contaremos aqui hum caso que succedeo estando elle no cerco que pôz sobre Arzilla para a tomar, que era entaõ senhor della Bubuquer irmaõ de Çalabençala, e naõ lhe pode fazer algum aveso. Entre os cativos que no exercito andàvaõ, era hum Biscainho, chamado Içoha. Este fogio huma noyte de Ceuta, e quando veyo pela manhã que o achàraõ menos. e o soube Lazeraque, mandou açoutar todos os cativos pe-

perante si. E ao que jazia junto do que fogio, mandou depenar todos os cabellos, e barbas, e ao outro dia, que quando o açoutavaõ disse? Virgem Maria de Guadalupe, mandou arrastar atè a praya do mar junto de Arzilla, e alli os degolàraõ ambos. Depois no outro dia tomàraõ ao Christaõ, que fugira, ao qual mandou abrir os nervos dos pès, pelos artelhos, e alli lhe lançàraõ cordas por onde o arrastàraõ por todo o arrayal, e à noyte o pozeraõ em huma cruz de fórma de espada, ou aspa, com a cabeça para bayxo, e encravàraõ-lhe as maõs, e assim esteve de noyte, e pela manhã o achàraõ morto de huma gomiada que lhe
foy

foy dada em direyto do coraçaõ. E como Deos nosso Senhor castiga gravemẽte o peccado da crueldade, naõ dissimulando com elle, nem o sofrendo, aconteceo a este mào, e perverso Lazeraque, que inventasse algum laço a outrem para elle cair nelle. E assim foy imaginando elle como tomaria a Abdemumẽ (cabeça dos de Velle de Focem) huma villa que tinha chamada Graceloy, por arte, e engano, cahio-lhe o desenho sobre sua cabeça. Porque fingindo que hia caminho de Cafillete, fallou a huns Alarves, que achou, de como os queria tomar por amigos, com os quiaes Abdemumem tinha tratado a morte do mesmo

Lazeraque, e lhe dera dous negros, os quaes dentro na tenda dos ditos Alarves, eſtando comendo ſeguramente o matàraõ a gomiadas. E aſſim recebeo o galardaõ das obras que fez. E julgay vòs pelo diſcurſo que ouviſtes de ſua vida, condiçaõ, e coſtumes, aonde agora poſſa eſtar, e com qual gaſalhado. Des que eſte virtuoſo, e ſanto Infante foy em poder dos Mouros, que atè ſua morte foraõ ſeis annos; e morrèraõ lá dos nove ſeus criados que comſigo levou, Meſtre Martinho ſeu Fyſico, Fernaõ Gil ſeu guardaroupa, Joaõ Lourenço ſeu apoſentador, e Joaõ de Luna homem de forno, Chriſtovaõ de Laviça homem da repoſ-

ta

ta, e Alemaõ de naçaõ, ſe tornou Mouro por perſuaſaõ de hum Alvareanes morador na Alverca, Joaõ Alvres ſeu ſecretario, e Autor deſta Chronica, foy reſgatado, por mandado do Infante D. Pedro por hum Mouro chamado Faquy Guiznaym, e Joaõ Vaz conſinheyro mòr, por hum Mouro, que tinha Joaõ de Lisboa, chamado Abdelaa. E ſahiraõ de cativeyro no anno de quatrocentos e quarenta e oito. E depois foy o dito Joaõ Alvares a Ceuta, e a Arzilla com o reſgate, que requereo, de Joaõ Rodrigues collaço do Infante, e de Pero Vaz ſeu Capellaõ. E trouxe-os o anno de quatrocentos e cincoenta, e por Joaõ

Rodrignes collaço deraõ oito Mouros, e por Pero Vaz Capellaõ, deraõ dous Mouros, e huma Moura.

CAPITULO XLII.

Dos milagres que nosso Senhor fez pelos merecimentos do santo Infante D. Fernando, no tempo que estava posto seu corpo nos muros de Fez.

QUando meteràõ no ataude o corpo deste virtuoso senhor, que havia cinco dias que era finado, estavaõ seus membros em tanta desenvoltura como se fosse vivo, nem sahia delle algum cheyro mào. E assim lhe cru-

cruſárao os braços, e o lançárao ſobre huma cama de louro verde, que lhe dentro no ataude foy poſto em ſeu lugar, foy couſa certa, e de maravilhar, que a mòr parte das aves, que de toda aquella terra ao redor vinhaõ alli dormir, porque as ameas, e todo o muro eſtava cheyo de eſterco dellas, logo ſe dalli affaſtàraõ, e nunca mais pouſáraõ naquelle lugar, nem fizeraõ alguma immũdicia na parte que reſpeytava ao ataude, huma braça de huma parte, e da outra; no que todos atentavaõ, e ſe maravilhavaõ muyto, parecendolhes q̃ as aves tinhaõ reverencia àquelle corpo ſanto.

As vigias, e roldas da villa ca-

da ſomana em certos dias viaõ ao redor daquelle ataude tanto lume, e claridade, que naõ podiaõ ter os olhos em direyto daquelle lugar; em tanto que naõ podiaõ diviſar de que era aquelle lume.

Hum renegado natural de Olivença, vindo huma noyte de fóra da villa, lhe appareceo aquella claridade, e lume, em meyo do qual o Infante eſtava, e pareciaLhe, que o corpo era feyto como de pomba, e o roſto era de homem, que bem o conhecia, porque muytas vezes o vira alli em vida, e lhe fallou. E deo o dito Renegado teſtimunho de ſi, que vio o Infante eſtar em tanta gloria, que foy movido a ſe aſſentar

em

em giolhos, e de lhe pedir por mercé que o encaminhasse à salvaçaõ, e que o Infante voltou o rosto para outra parte, e lhe disse; Torna-te ao santo caminho, que deyxaste. E em isto adormeceo alli, até o outro dia em rompendo a alva.

Hum Mouro barbaro houve arroido com outros, aonde lhe deraõ duas feridas, huma na cabeça; e outra em hum hombro. E veyo-se de huma aldea à villa de Féz fazer queyxume ao seu juiz; e quando chegou era já noyte, e as portas estavaõ fechadas. Lançou-se a dormir ao pé do muro, debayxo daquelle ataude, naõ olhando por elle; nem lhe lembran-

brando do corpo que alli estava; E quando veyo pela manhã que abriraõ as portas, elle foy perante o juiz; quando desatou a cabeça, e quiz mostrar a ferida, que recebèra do contrario, naõ pareceo sinal nenhum della, nem da outra do hombro. Perguntaraõ-lhe como lhe acontecèra, e foy mostrar aonde dormira, debayxo daquelle ataude, e fizeraõ-no callar; e naõ obstante isto, elle o disse a muytos, e os que entendiaõ, diziaõ, aquillo naõ podia ser outra cousa, se naõ que o Infante se tornàra Mouro na vontade quando estava para morrer.

Manifesto he, que muytas pessoas saõ saãs de inchaços, e de fe-

bres com o tocamento da terra donde cahio o pingo daquelle corpo. E assim mesmo a lançaõ ao pescoço de bois, e de alimarias que saõ doentes, e recebem saude; e daquelle lugar aonde tiraõ a terra, tem já feyto huma grande cova. Isto (conforme ao Autor desta Chronica) se fazia, e acontecia entaõ no seu tempo em Féz, quando inda lá estava o corpo do santo Infante. O que ainda agora póde ser, pois o lugar, e terra ahi ficou.

Em Ceuta aconteceo a hum Religioso de S. Francisco, a que chamavaõ Frey Gonçalo, que estava em Santiago confessando hũ Clerigo que alli viera doente de

Ro-

ma, e eſtava em paſſo de morte, lhe diſſe: Confiay nos muytos merecimentos do ſanto Infante D. Fernando, que padeceo em terra de Mouros trabalhos, e morreo ſantamente na fé catholica. E como ſe Fr. Gonçalo partio, o Clerigo tomou ſeu conſelho, com muyta devaçaõ, e logo neſſa hora ſe levantou ſaõ, e ſe veyo ao Moſteyro, aonde eſtava rezando o dito Frey Gonçalo, e lhe contou eſte milagre que Deos fizera por elle.

Em Lisboa aconteceo a hum bom homem que era doente de huma grave doença que tinha, e naõ achando já quem o curaſſe, ouvio fallar a Fr. Rodrigo Prégador

dor de Jesu (assim lhe chama a antiga Chronica) em S. Domingos, de quanto este santo Infante padecèra, e teve tanta fé em seus merecimentos, que hũ dia à noyte lançando-se na cama, com grande devaçaõ se lhe encomendou, e adormeceo, e quando veyo pela manhã achou-se saõ, e sem sinal aonde tivera a enfermidade. E estando Fr. Rodrigo huma sesta feyra para prégar, o homem que era seu confessado lhe contou este milagre, o qual o dito Fr. Rodrigo disse, e divulgou na prégaçaõ.

No primeyro dia do mez de Junho da era de mil e quatrocentos e cincoenta e hum annos, chegou a Santarem Joaõ Alvares (Autor

desta

deſta Chronica, e ſecretario deſte ſenhor, aonde entaõ eſtava el-Rey D. Affonſo V. deſte nome, e ſobrinho do ſanto Infante) e trazia as reliquias da freçura, coraçaõ, tripas, e tudo o que foy tirado do corpo deſte Infante, quando em Féz os Mouros o fizeraõ abrir: as quaes reliquias tirou de lá ſecretamente o dito Joaõ Alvares, e as trouxe a eſtes Reynos. E eſtas reliquias vinhaõ metidas em huma cayxa de madeyra cuberta de damaſquim preto, com o forro preto, acayrelada de retroz com fechadura, e pregadura dourada. E o dito ſenhor Rey mandou que o dito Joaõ Alvares, e Joaõ Rodrigues collaço do ſanto Infante,

que

que ahi estava, levassem as ditas reliquias ao Mosteyro de S. Domingos de nossa Senhora da Vitoria da Batalha, aonde está a sepultura do dito Infante, e dos Infantes seus irmaõs, na Capella real, e muy sumptuosa delRey D. Joaõ I. de boa memoria pay delles, e da Rainha Dona Filippa sua mãy, que tambem ahi jazem. E chegàraõ a Tomar, aonde achàraõ o Infante D. Henrique governador da Cavallaria, e Ordem de Christo, e irmaõ deste santo Infante, que estava de caminho para outra parte, e mandou tornar suas azemelas do caminho que levavaõ, e se foy ao dito Mosteyro da Batalha. E alli fez o dito senhor pôr as re-

liquias

liquias muy honradamente sobre o altar de sua sepultura, com tochas, e vellas ao redor (porque nesta capella delRey seu pay tem os Infantes, como elRey, cada hum sua sepultura, é seu altar dedicado a cada qual, por sua ordem, e antiguidade das idades.) E mandou cantar as matinas, e huma Missa *Plurimorum Martyrum*, antes da manhã; e isto era quinta feyra nove dias do dito mez de Junho. Acabado de se cantar a Missa, foy ordenada huma solemne procissaõ, aonde o dito Joaõ Alvares abrio a cayxa, e perante todos mostrou as reliquias. E des que tornou a cerrar a cayxa deo a chave della ao Infante D. Henrique,

que, que a logo alli entregou ao Prior do dito Mosteyro da Batalha. E depois abrirão a sepultura, e o Infante se assentou em giolhos ante as reliquias, e fez sua oração, e tomou-as nas mãos, e trouxe-as por meyo da procissão, e meteo-se com ellas na sepultura, e assentou-as sobre hum banco, cuberto de cetim avellutado carmesim. E ao despedir, assentou-se em giolhos, e beyjou-as, e mandou cerrar a sepultura. Em quanto elle isto fazia, os da procissão cantavão o responso dos Martyres, que diz: *Posuerunt mortalia servorum tuorum escas volatilibus cœli, carnes sanctorum tuorum bestiis terræ: Effuderunt sanguinem sanctorum tuorum*

tam-

tamquam aquam in circuitu Jerusalem, & non erat qui sepeliret, com seu verso, e oração dos Martyres; e logo o dito senhor Infante deyxou ordenado que cada dia naquelle altar de seu irmaõ se cantasse Missa à conta de sua esmola, até que o senhor Rey encaminhasse esta capella perpetua, em lembrança deste virtuoso senhor. O que hoje em dia se faz he que neste seu altar, e dos mais Infantes seus irmaõs, e de seu pay, e mãy, se diz no dos Infãtes em cada qual dos altares cada dia do mundo à prima, Missa rezada, e no altar delRey seu pay cantada, com responso no fim della, além dos officios, que se lhes fazem no dia

dos

dos defuntos, e outros, com muyta ſolemnidade. E os do Infante ſanto D. Fernando fazem os Religioſos do Moſteyro da Bátalha, com capas de borcado de cores alegres, de que ha muytas, e muy ricos ornamentos, que eſtes ſenhores, e outros Principes, que ahi jazem, deyxàraõ; ainda que o officio do Infante ſempre he de defuntos.

Em Pernes aconteceo, que à mulher do oleyro do dito lugar naſceo hum grande lobinho em huma maõ, e creſceo-lhe tanto que lhe eſtorvava o fiar, e o exercicio de outras couſas. Eſtando hum dia chorando, perguntou a huma Brites Eanes molher de hũ

Affonſo Ribeyro, ſe ſabia algum remedio para aquelle mal que tinha, e ella lhe diſſe que ſe encommendaſſe com devoto coraçaõ ao ſanto Infante D. Fernando, e que ella lhe ficava por fiador, que lhe alcançaria do Senhor Deos ſaude. Ella ſe foy para ſua caſa, e aſſétouſe em giolhos, e com lagrimas ſe lhe encommendou, promettendo-lhe de levar à Igreja hum paõ, e huma candea à ſua honra. E pela manhã ſe achou ſã, e ſem ſinal de lobinho.

E diſſe a dita Brites Eanes, que neſte tempo em que o trigo era muy caro, tendo ella recebido do celleyro certos alqueyres de trigo do mantimento de ſeu marido,

do, disse que pelos muytos milagres, que Deos fazia acerca do seu provimento, qne ella conhecia; que era pelos merecimentos deste santo Infante, a que se ella encommendava, tanto que se via em alguma necessidade, queria daquelle trigo dar de esmola dous alqueyres, e meyo a pessoas pobres. E medio todo, que naõ era muyto, e tirou aquelles dous alqueyres, e meyo, cada meyo sobre si, e depois que os repartio aos pobres, foy-lhe logo necessario tornallo a medir, e achou de sobejo aquelles dous alqueyres, e meyo.

Outras muytas cousas contou a dita Brites Eanes de milagres que vio, e lhe acontecèraõ, porque

teve grande devoçaõ neſte ſanto Infante, e porque eraõ de couſas miudas (diz o Autor deſta Chronica) naõ curey de as aqui eſcrever.

E eu (que eſta Chronica ſolicitey ſer de novo imprenſa) ſou teſtimunha de viſta de muytos, e miraculoſos ſucceſſos, que acontecèraõ a alguns Religioſos doentes, e ſaõs, que ſe a eſte ſanto Infante encomendàraõ no Moſteyro da Batalha, que hoje em dia ſaõ vivos, e conhecem aſſaz bem quantos milagres o Senhor faz por merecimentos deſte ſanto Infante. Em cuja ſepultura eſtá hum buraco, e metem os fieis huma canna que vay tocar no corpo do ſan-

ſanto, e a beyjaõ, e põem nos olhos, e cabeça. E aſſim atando na ponta da canna contas de rezar, e reliquarios, os metem pelo buraco, para ſerem tocados nas ſantas reliquias, em que tem muyta devaçaõ.

CAPITULO XLIII. e ultimo.

De como hum ſobrinho delRey de Féz trouxe a oſſada do ſanto Infante D. Fernando a Portugal, e das feſtas, e ſolemne prociſſaõ que elRey Dom Affonſo V. ſeu ſobrinho lhe fez.

DEpois da morte do muy virtuoſo, e Catholico Infante

D. Fernando, vivendo ainda em os pertinazes Mouros sua maliciosa dureza, que causou estar tanto tempo o corpo deste senhor à porta de Fés: permittio Deos por sua graça, e merecimentos do santo Infante, que fossem trazidas suas reliquias, e todo seu corpo a estes Reynos de Portugal, pela via que direy.

ElRey de Féz trazia em sua casa hum sobrinho seu, mancebo de bons costumes, e bem inclinado, de idade de desasete annos, o qual delle naõ era bem tratado, nem lhe dava favor, porque tinha receyos, que reynasse nelle alguma malicia costumada entre elles, de se levantar com seu Reyno,

nò, como já outros muytos tinhaõ feyto, de que elle tinha grandes ſoſpeyçoens pela muyta converſaçaõ, e entrada que tinha ſeu ſobrinho com os mòres privados ſeus. E como he couſa certa que a pouca verdade dos Mouros, e ſua deſconfiança que he mayor, lhes faz perder a boa eſperança de obrar bem, cahio-lhe na vontade a eſte Rey tal penſamento. Por maneyra que dalli em diante lhe fez muytos aggravos, e o naõ eſtimava em couſa alguma. Foraõ tantas as ſem razoens, e eſquivanças que lhe fez, que o mancebo muy corrido, e affrontado de tal novidade uſada com elle ſem culpa alguma, nuncà mais quiz pare-

cer diante elRey ſeu tio, dando-ſe por muy aggravado diſto. E como de dia, nẽ de noyte em outra couſa cuydava, que de como ſe vingaria de ſua queyxoſa affronta, veyo a dar em que ſe elle podeſſe furtar o ataude em que o corpo do Infante ſanto jazia, que nenhum pezar poderia fazer a elRey ſeu tio, que mayor foſſe. Com eſta determinaçaõ fallou com dous cativos Chriſtaõs, e deo-lhes conta de ſua tençaõ: para o effeyto do qual lhes diſſe, que ſe esforçaſſem, que elle o acabaria com ajuda do profeta Mahometh. Grandemente foraõ contentes os dous Chriſtaõs com iſto; e criaõ que pela vontade do Senhor Deos era guiado
 aquel-

aquelle Mouro. E com elle tiveraõ tal modo, e aſtucia, que huma noyte muyto eſcura, e de muyta chuva furtaraõ o ataude, e de concerto deraõ com elle em Arzilla, aonde foy recebido com grande ſolemnidade, e prociſſoẽs, e lagrimas, e logo determinàraõ de o mandar a Portugal. O ſobrînho delRey de Féz diſſe, que elle queria fazer aquelle ſerviço a elRey de Portugal, pois com eſſa tençaõ ſe pozera a todo o perigo pelo tirar de Féz; e certos fidalgos embarcàraõ logo com elle, levando comſigo aos dous Chriſtaõs que foraõ cativos, e o ſobrinho delRey de Féz hia muy bem concertado de ſua peſſoa, e de arreyos

de

de cavallo, e levava comſigo dez Mouros marzaganis muy valentes. E por miſericordia do Senhor Deos, navegando pelo mar adiante chegàraõ a Reſtello huma legoa da Cidade de Lisboa, aonde logo por conſelho de todos foy acordado que hum dos cativos Chriſtaõs que vieraõ de Féz foſſe a elRey D. Affonſo com ſeu recado, e lhe dèſſe larga conta daquelle caſo. Partindo eſte homem foy recebido delRey com grande prazer, e contentamento, e delle ſe certificou que aquella era a oſſada do Infante D. Fernando ſeu tio, que lhe naõ dera credito, ſe diſſo lhe naõ fizera ſua firmeza. E tornou a mandallo para Reſtello com

muy-

muytos recados de visitaçaõ para o sobrinho delRey de Féz, e para seus cavalleyros, dizendo que de si naõ fizessem mudança, porque elle em pessoa queria ir pela ossada. E logo mandou pregoar, que todas as Igrejas de Lisboa, e seu termo viessem com solemne procissaõ, porque lhes fazia saber, que ao immenso, e grande Deos prouvera de permittir se trouxessem a Portugal os ossos do muyto Catholico Infante D. Fernando seu tio, que morrèra em terra de Mouros. E a nova soou de tal sorte, que por mofino se tinha quem mais tarde chegava a Lisboa. Sendo juntos todos os Prelados, Bispos, e Arcebispo com a clerizia,

da

da propria maneyra que vaõ em dia de Corpus Christi, com muyto mayor multidaõ de gente, estando as ruas paramentadas de panos muy ricos, até a Sé aonde haviaõ de ir. ElRey se apeou com o Principe D. Joaõ seu filho, com todos os grandes senhores, fidalgos, e homens de valia, e assim com muyta alegria, e devaçaõ chegàraõ a Bethlehem. Era a gente tanta que quando lá chegàraõ, o ultimo fio da gente chegava a porta de Santa Catharina, aonde estava hum pulpito armado com hum rico pano de brocado. Chegado a Restello, já o sobrinho delRey de Féz estava em terra cõ aquelles fidalgos de além, derre-

dor do atavde do ſanto Infante. E todos ſe lançàraõ a elRey por lhe beyjar a maõ, e o primeyro foy o ſobrinho delRey, ao qual elRey D. Affonſo fez muyta honra, e gaſalhado, e lhe naõ quiz dar a maõ, e recebeo aos ſeus com aſſaz prazer, e contentamento, e outro tanto fez o Principe D. Joaõ ſeu filho. E fazendo elRey tomar o ataude aos melhores, e mais virtuoſos vaſſallos ſeus, começàraõ de ſeguir ſeu caminho com muyta devaçaõ, aonde houve muytas lagrimas. Chegados à porta de Santa Catharina, o ataude foy alli poſto em hum aſſento de muy ricos panos de ſeda, que feyto eſtava. E a prégaçaõ ſe começou cõ

tal

tal concerto de palavras que naõ houve alguem que deyxaſſe de derramar muytas lagrimas, amoroſas, e condoidas, louvando altamente a grande virtude, e ſantidade do ſanto Infante D. Fernando. E o Prégador tomou por thema hum verſo de David no Pſalmo 117. que diz: *Benedictus qui venit in nomine Domini.* E começou de louvar ſuas excellencias, de ſorte que toda a gente corria, e ſe chegava para o ataude carregãdo ſobre elle. E por conſentimento delRey cada hum beyjava as ſantas reliquias com toda a devaçaõ d'alma, e por mofino ſe tinha, quem mais tarde chegava. Pois como a prégaçaõ foy acabada, tor-

náraõ

nàraõ a ſeu primeyro concerto de
prociſſaõ, com muyta mayor de-
vaçaõ, e ſolemnidade, e chegan-
do à Sè de Lisboa o ataude foy aſ-
ſentado em ſeu lugar para iſſo
preparado, e os officios divinos
ſe começàraõ com grãde concer-
to, e apparato. Feytas as honras,
que pertenciaõ a taõ virtuoſo ſe-
nhor, elRey ſe recolheo aos Eſta-
os da meſma Cidade junto a S.
Domingos, com o Principe D.
Joaõ ſeu filho. E ahi em o reſio
da feyra começàraõ a jugar as
cannas muy concertadamente; e
o ſobrinho delRey de Féz anda-
va neſte jogo taõ ardido, e bom
cavalgador, que elRey folgou eſ-
tranhamente de o ver. E temen-
do

do que lhe fosse feyto algum mál; lhe mandou dizer que houvesse por bem de se sair do jogo das cannas, porque lhe pesaria de lhe ahi acontecer alguma cousa de seu desgosto, e o Mouro lhe mandou dizer, que beyjava as maõs a Sua Alteza por aquella lembrança, mas que elle lhe pedia por mercè, o naõ houvesse por mal, qne elle o havia com taõ bons cavalleyros, que delles naõ recebe-ria dano, ou deshonra, e que folgava muyto de jugar. Vendo el-Rey o bom desejo deste gentil mácebo naõ quiz porfiar com elle. O jogo das cannas acabado elRey lhe fez muyta honra, e o louvou diante seus privados, e lhe disse, que

que receberia em grande ſerviço, ſe por ſeu amor ſe tornaſſe Chriſtaõ, que elle o caſaria com a mais alta dama de ſua Corte, que a elle mais contentaſſe, e quizeſſe. Ao qual elle reſpondeo que o recebia em grande mercê, mas q tinha em vontade tornarſe para ſeu tio elRey de Féz. Do que a elRey D. Affonſo muyto pezou, cà lhe quizera galardoar o ſerviço, que lhe tinha feyto, em couſa, de que elle recebèra grande prazer, e goſto. Paſſado iſto, logo ao ſeguinte dia mandou elRey correr muytos touros em a rua nova de Lisboa, aonde ſe fizeraõ muytas eſcaramuças, e ſahiraõ muytos galantes, bem divizados, porque a rua nova eſta-

ya toda coberta de area, por lhes naõ impedir seu prazer. Em estas cousas, e outras semelhantes de muyto gosto se passáraõ alguns dias, até que o sobrinho delRey de Fèz se quiz ir para sua terra: e antes que se fosse disse a elRey: Senhor, eu tinha desejo de ver vosso Reyno, e Corte, pela fama, que lá de vossas grandes virtudes corria, e com esta vontade busquey tal caminho para isso, como vistes, trazendo-vos a ossada do muy virtuoso Infante D. Fernando, parecendo-me que com isto vos satisfaria grandemente, e na verdade eu assim o vejo, de que dou muytas graças a Mahometh; pois tive poder para fazer serviço a hum

taõ

taõ famoſo Rey, como vós ſois; Peço-vos por mercé, que ſe outro algum ſerviço de mim quereis em minha terra, que mo declareis; porque quem, ſem vos conhecer, aſſim buſcou voſſo prazer, e honra, com melhor vontade fará o que agora lhe quizerdes mandar. ElRey, q̃ aſſim vio fallar ao Mouro, em muyto mais o teve, e reſpondeo-lhe, que a obra do paſſado, e o deſejo preſente lhe agradecia muyto, e que o mór cuydado, que lhe nelle ficava, era naõ lhe querer conceder tornarſe Chriſtaõ, e caſar em ſua Corte, para em ſeus Reynos lhe fazer aquella mercé, que deſejava, e lhe merecia; mas que na ſua partida,

pois a naõ queria escusar, fizesse o que lhe agradasse. E com estas palavras de tanto amor, e agradecimento o Mouro lhe beyjou a maõ, posto que elRey fez muyto pela naõ dar; e despedido delRey, e da Rainha, e do Principe Dom Joaõ, e de toda a Corte (que de todos era prezado) se embarcou para Féz; ao qual elRey fez muytas mercés assim de muy ricas joyas; como de dinheyro em ouro, com que o Mouro foy muyto contente. Isto assim acabado, elRey D. Affonso fez fazer as exequias, e honras muy inteyramente ao Infante D. Fernando seu tio; e comprindo todas as cousas, que a sua alma pertenciaõ, como era obri-

obrigado, mandou sua ossada para o Mosteyro da Batalha da Ordem de S. Domingos, que elRey D. Joaõ I. de boa memoria, pay deste santo Infante fundou, e dotou aos Frades Pregadores em memoria, e reconhecimento de graças a Deos, e à Virgem nossa Senhora pela vitoria que nesse lugar, e terra lhe dera, famosissima, aonde jaz com os Infantes seus filhos, e outros Principes, e Reys. A ossada do santo Infante foy levada com muyta honra, pompa, e solemnidade, aonde hoje em dia jaz, que segundo suas obras cremos, que alcançou em o Ceo a bemaventurança, e na terra taõ famosa, e santa memoria.

Bre-

Breve summario de algumas cousas desta Chronica para lembrança mais facil do leytor.

O Infante santo D. Fernando quintogenito delRey D. Joaõ I. de boa memoria partio de Lisboa com a frota para pôr cerco a Tanger, aos vinte e dous dias de Agosto da era de Christo de 1437. E foy entregue em arrefens a desaseis de Outubro: esteve cativo seis annos. Faleceo ahi em terra de Mouros na Villa de Féz na era de 1443. aos cinco dias de Junho huma quarta feyra depois do Sol posto, sendo em idade de quarenta e hum annos.

Fi-

Finaraõ-se lá dos nove seus criados, que comsigo levou .s. Mestre Martinho seu Fysico, Fernaõ Gil seu Guarda roupa, Joaõ Lourenço seu Aposentador, Joaõ de Luna homem de forno. Christovaõ Alemaõ homem da reposta se tornou Mouro por persuasaõ de hum Alvareanes morador na Alverca.

Joaõ Alvares seu Secretario, e Autor desta Chronica, foy resgatado por mandado do Infante D. Pedro por hum Mouro chamado Faquyguiznaym, e Joaõ Vaz cozinheyro mòr por hũ Mouro, q̃ tinha Joaõ de Lisboa, chamado Abdela. E sahiraõ de cativeyro no anno de 1448. e depois foy o dito Joaõ

Al-

Alvares a Ceuta, e a Arzilla com o resgate, que requereo, de Joaõ Rodrigues collaço do Infante, e de Pero Vaz Capellaõ, e trouxe-os o anno de quatrocentos e cincoenta; e por Joaõ Rodrigues collaço do Infante deraõ oito Mouros, e por Pero Vaz Capellaõ deraõ dous Mouros, e huma Moura.

LAUS DEO.

4/c